



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Luize Cristina Andreazza Bussi

Um Estudo sobre Territorialidade em Escritórios Colaborativos para Gerações
Emergentes durante a Pandemia da COVID-19

Florianópolis
2022

Luize Cristina Andreazza Bussi

Um Estudo sobre Territorialidade em Escritórios Colaborativos para Gerações
Emergentes durante a Pandemia da COVID-19

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maristela Moraes de Almeida

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

BUSSI, Luize Cristina Andrezza

Um estudo sobre territorialidade em escritórios colaborativos para gerações emergentes durante a pandemia da COVID-19 / Luize Cristina Andrezza BUSSI ; orientadora, Maristela Moraes de ALMEIDA, coorientadora, Maira Longhinotti FELIPPE, 2022.

128 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. territorialidade. 3. gerações emergentes . 4. pandemia COVID-19. 5. escritórios. I. ALMEIDA, Maristela Moraes de. II. FELIPPE, Maira Longhinotti . III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. IV. Título.

Luize Cristina Andreazza Bussi
Um Estudo sobre Territorialidade em Escritórios Colaborativos para Gerações
Emergentes durante a Pandemia da COVID-19

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca
examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Maristela Moraes de Almeida, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Gleice Virginia M.de A. Elali, Dr.^a
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof.^a Lizandra Garcia Lupi Vergara, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi
julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Arquitetura

Prof^o Dr. Paolo Colosso
Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.^a Maristela Moraes de Almeida, Dr.^a
Orientador(a)

Dedico este trabalho a meus pais Nilton e Maria Inês por me ensinarem valores de vida e de educação, oferecendo-me todo suporte necessário para minha jornada, e às minhas sobrinhas Beatriz e Sofia, integrantes das gerações emergentes, a quem desejo, especialmente, um futuro promissor.

Agradecimentos

Cursar o Mestrado foi dos sonhos que deixei guardado desde a aprovação no primeiro curso, que acabou não acontecendo em 2001 até o ano de 2019 quando ingressei no Programa de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo da UFSC.

Hoje entendo que realmente é um bordado onde cada fio de conhecimento é laçado com a ajuda de pessoas que, por empatia, profissionalismo ou por familiaridade, se dispuseram a contribuir com o meu aprendizado.

Agradeço à minha orientadora Maristela cujo processo de conhecimento se deu de forma gradativa, ensinando-me os limites entre a ansiedade de querer aprender e a perseverança da construção diária e contínua do pensamento;

À coorientadora Maíra, incansável na escuta de minhas inquietações acadêmicas e sempre com uma generosidade ímpar em me passar, a cada conversa, uma lista de novas cem páginas de leitura que poderiam me auxiliar e que ela lembrava com tamanha naturalidade e tranquilidade como se fossem livros de cabeceira que ela sabia de cor os nomes.

À banca composta pelas professoras Gleice e Lizandra pela disponibilidade em participar e por suas importantes contribuições à minha pesquisa.

Ao meu colega de estágio de docência em Psicologia Ambiental, Danilo Resendes pela soma ao encarmos o desafio de colaborarmos nas aulas para a graduação.

Aos colegas que encontrei trilhando o mesmo caminho de pesquisadora. Obrigada pelas conversas, pela troca de referências bibliográficas e sobretudo pela contribuição em me fazer ver de forma sensível o **Espaço** do Campus da UFSC se tornar um **Lugar** dotado de afeto e pertencimento.

A todas as pessoas que participaram, com seu trabalho, deste período de aprendizado: Glória, Adriana, Luciano, Mariany e equipe da secretaria do Pós Arq.

Aos meus amigos arquitetos, de fora do Programa de Pós-graduação que se dispuseram por vezes a ler meus escritos e contribuir com suas opiniões.

Aos meus amigos de fora da Arquitetura por entenderem minha ausência por conta dos estudos.

Aos meus pais Maria Inês e Nilton e minhas irmãs Cristiane e Aline pelo apoio incondicional que sempre recebo em minhas empreitadas.

RESUMO

Os valores familiares e educacionais que moldaram nossa personalidade nos informam e nos fornecem impressões sensoriais que atribuem significados à arquitetura dos ambientes físicos em que vivemos. Cada geração constrói seu ideal de ambientes com base em múltiplas determinantes individuais, sociais e culturais de sua época, assim os valores estéticos de cada geração demandam alterações nos padrões arquitetônicos vigentes. A arquitetura enquanto fenômeno e enquanto materialização de espaços construídos torna-se palco para relações entre a pessoa e o ambiente. Sob o olhar fenomenológico e também sob o enfoque da Psicologia Ambiental (PA), interpretando possíveis relações entre os ambientes e seus usuários, encontra-se o material deste trabalho. Esta pesquisa tem por objetivo geral identificar como ocorre a manifestação territorial por parte das gerações emergentes em ambientes de escritórios colaborativos contemporâneos. Como objetivos secundários pretende-se estudar a configuração espacial própria a este tipo de ambiente eleito como ideal por parte das gerações emergentes bem como analisar os possíveis impactos e influências da crise de saúde que se abateu em caráter mundial a partir da pandemia da COVID-19, na concepção e configuração destes ambientes. Do ponto de vista metodológico esta pesquisa se desenvolve em dois momentos: o primeiro visa buscar na literatura, subsídios teóricos que descrevam comportamentos geracionais; relações pessoa-ambiente; aspectos fenomenológicos bem como aspectos ambientais técnico-construtivos de ambientes de escritórios colaborativos contemporâneos. O segundo momento se deu por meio de pesquisa de campo realizada com uma empresa júnior, para que, a partir da interação participativa entre pesquisador e usuário de ambiente de trabalho, surgissem respostas que facilitassem as análises de possíveis indicativos projetuais de ambientes de trabalho.

Palavras-chave: gerações emergentes, psicologia ambiental, fenomenologia, pandemia, escritórios, territorialidade.

ABSTRACT

The family and educational values that have shaped our personality inform us and provide us with sensory impressions that give meaning to the architecture of the physical environments in which we live. Each generation builds its ideal of environments based on multiple individuals, social and cultural determinants of its time, so the aesthetic values of each generation demand changes in current architectural standards. Architecture as a phenomenon and as a materialization of built spaces becomes the stage for relationships between the person and the environment. From the phenomenological point of view and also from the perspective of Environmental Psychology, interpreting possible relationships between environments and their users, the material of this work is found. This research has the general objective of identifying how the territorial manifestation occurs by emerging generations in contemporary collaborative office environments. As secondary objectives, it is intended to study the spatial configuration specific to this type of environment chosen as ideal by emerging generations as well as to analyze the possible impacts and influences of the health crisis that hit worldwide from the COVID-19 pandemic. , in the design and configuration of these environments. From the methodological point of view, this research is developed in two moments: the first one aims to search in the literature, theoretical subsidies that describe generational behaviors; person-environment relationships; phenomenological aspects as well as technical-constructive environmental aspects of contemporary collaborative office environments. The second moment will take place through field research carried out with a junior company so that, from the participatory interaction between researcher and work environment user, answers emerged that facilitated the analysis of possible design indicatives of work environments.

Keywords: emerging generations, environmental psychology, phenomenology, pandemic, offices, territoriality.

Lista de Figuras

Figura 01	Método da Pesquisa.....	16
Figura 02	Áreas em ambientes de Trabalho segundo Hall.	33
Figura 03	Áreas e Alcance em ambientes de Trabalho.....	34
Figura 04	Demarcadores Territoriais em ambientes de Trabalho.....	35
Figura 05	Epidemias ao longo dos séculos e a Arquitetura.....	37
Figura 06	Ville Savoye, Le Corbusier, 1928 -1931.....	38
Figura 07	Sanatório para Tuberculosos em Paimio, Finlândia- 1929-1933.....	39
Figura 08	Exemplo Mobiliário Modernista.....	40
Figura 09	Galeria <i>Degli Uffizi</i> ; Escrivainhas.....	49
Figura 10	Edifício Carson, Pirie & Scott. 1899. Adler e Sullivan.....	50
Figura 11	Edifício Administrativo Larkin Building.....	51
Figura 12	Sede Administrativa S.C. Johnson	52
Figura 13	Edifício Seagram e Edifícios 660-680 Lake shore Drive, Mies van der Rohe.....	52
Figura 14	Linha Action Office: Primeiro Sistema de estações de trabalho para escritórios de planta livre, desenvolvidos pela empresa norte-americana Herman Miller, em 1968.....	53
Figura 15	Cronologia da Tipologia de Escritórios.....	58
Figura 16	Quadro de parâmetros ABNT 8995.....	62
Figura 17	Quadro de parâmetros ABNT 10152 /Tabela 1 - Valores dB (A) e NC.....	63
Figura 18	Planejamento para Utilização da Técnica de Grupo Focal.....	65
Figura 19	Palavras recorrentes nos discursos dos participantes.....	72
Figura 20	Exercício sobre Ambiente Ideal feito pelo participante de Codinome Batman.....	73
Figura 21	Aplicação da técnica Poema dos Desejos.....	74
Figura 22	Quadro Resumo de Seleção Preliminar de Imagens.....	78
Figura 23	Exemplo de Slide com imagens a serem selecionadas pelos participantes.....	79
Figura 24	Exemplo de estação de trabalho compartilhadas e pequenos núcleos de atividades diversas, ambas no mesmo ambiente comum.....	80
Figura 25	Mural de imagens com exemplos de ambientes compartilhadas como espaços para reuniões e construções coletivas.....	81
Figura 26	Slide Apresentado aos participantes da dinâmica Seleção Visual....	83
Figura 27	Ambientes de <i>Coworking</i> - 1 e 2.....	84
Figura 28	Diagrama de Setorização de Atividades e respectivas Atmosferas..	88
Figura 29	Simulação de Ambiente de Trabalho de acordo com Diagrama 1....	89
Figura 30	Simulação Ambiente de Reuniões de acordo com Diagrama 1.....	90
Figura 31	Simulação de Ambiente de Descanso e Interação de acordo com Diagrama 1.....	91

Figura 32	Simulação de Ambiente de Pausa e Interação de acordo com Diagrama 1.....	91
Figura 33	Simulação de Ambiente Privativo de acordo com Diagrama 1.....	92
Figura 34	Simulação de sistema de iluminação e ventilação de um escritório colaborativo-Diagrama 2.....	93
Figura 35	Simulação de recursos controladores ou atenuadores de níveis sonoros- Diagrama 3	95
Figura 36	Configuração de Estações de Trabalho Pós Pandemia-1.....	97
Figura 37	Configuração de Estações de Trabalho Pós Pandemia-2.....	98
Figura 38	Configuração de Salas de Reuniões Pós Pandemia.....	98

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.2	OBJETIVOS.....	15
1.2.1	Objetivos gerais.....	15
1.2.2	Objetivos específicos.....	15
2	PARTE I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1	MÉTODO.....	16
2.2	BASES DE FUNDAMENTAÇÃO.....	19
2.2.1	Fenomenologia.....	19
2.2.2	Psicologia ambiental (PA).....	24
2.2.2.1	<i>Comportamento Socioespacial: Território e Territorialidade.....</i>	<i>28</i>
2.3	RESULTADOS- PARTE I.....	36
2.3.1	As epidemias ao longo dos séculos e a arquitetura.....	36
2.3.2	Um estudo sobre gerações emergentes.....	42
2.3.2.1	<i>Geração Millennials ou Geração Y.....</i>	<i>42</i>
2.3.2.2	<i>Geração Centennials ou Geração Z.....</i>	<i>45</i>
2.3.3	Ambientes de trabalho.....	48
2.3.3.1	<i>Do surgimento do Bureau à Pandemia da Covid-19.....</i>	<i>48</i>
2.3.3.2	<i>Aspectos Ambientais Técnico – Construtivos.....</i>	<i>59</i>
2.3.3.2.1	Conforto Térmico e Qualidade do Ar.....	61
2.3.3.2.2	Conforto Visual e Níveis de Iluminação.....	61
2.3.3.2.3	Conforto Acústico e Níveis de Ruído	62
2.3.3.2.4	Ergonomia e Antropometria.....	63
3	PARTE II- PESQUISA DE CAMPO.....	65
3.1	MÉTODO.....	65
3.1.1	Composição do Grupo.....	66
3.1.2	Ferramentas.....	66
3.1.3	Sobre o público participante da Pesquisa de Campo.....	70
3.2	DESCRIÇÃO DA 1ª SESSÃO- POEMA DOS DESEJOS (22-11-2021).....	72
3.3	DESCRIÇÃO DA 2ª SESSÃO - SELEÇÃO VISUAL (24-11-2021).....	77
3.4	RESULTADOS PARTE II: ACHADOS DA PESQUISA DE CAMPO.....	83
4.	DISCUSSÕES E PROPOSTAS DIAGRAMÁTICAS	86

5.	CONCLUSÃO.....	100
	REFERÊNCIAS.....	103
	APÊNDICE A - A CASA E A PANDEMIA: DOIS MOMENTOS DE REFLEXÃO.....	114
	APÊNDICE B – CONVITE ELETRÔNICO PARA DINÂMICA DE GRUPO	122
	ANEXO I - SOBRE A PANDEMIA DA COVID-19.....	123

1 INTRODUÇÃO

Na busca da satisfação de seus anseios básicos, como a necessidade de segurança e da convivência com seus pares (MASLOW apud SILVA; ULLER; SANTOS; REZENDE, 2017) o homem vive, cada vez mais, em ambientes construídos artificialmente (ORNSTEIN, 1995), e atendendo tais demandas contribui para a crescente urbanização e migração para os grandes centros urbanos. Segundo Jonas Rabinovitch conselheiro sênior para inovação em serviços públicos do *Department of economic and social affairs* (DESA) “Temos que reconhecer que a urbanização é um fenômeno mundial irreversível” (ONU NEWS, N.P.), porém esta tendência não deve ser tratada com receio pela comunidade¹.

Compreende-se o mundo a partir de nossos referenciais instintivos e afetivos que nos posicionam no tempo e espaço. Os valores familiares e educacionais que moldaram nossa personalidade informam e fornecem impressões sensoriais que atribuem significados à arquitetura dos ambientes concretos em que se vive.

Ao analisar-se o indivíduo em sua interação com os ambientes é notório que a ação do ambiente construído interfere no modo de vida das pessoas, interferindo na construção do sentimento de pertencimento, no modo como as pessoas sentem e como elas produzem. Conforme afirmam Villa e Ornstein (2006, p.15) “A relação do ambiente construído e o comportamento humano está estreitamente ligada às estruturas sociais, culturais e às tecnologias de uma época”. Nossas escolhas por ambientes sofrem influência dos valores culturais e dos costumes pertinentes a cada época, assim como dependem da faixa etária e ao que é ofertado e exigido, dentro de um recorte de espaço e tempo.

Nesse contexto, entende-se que cada geração constrói seu ideal de ambientes com base em múltiplas determinantes individuais, sociais e culturais de sua época (TOMAZ, 2014). Logo, os valores estéticos de cada geração produzem adequação nos estilos arquitetônicos vigentes em determinado período.

¹ Em reportagem para o site da Onu, Jonas Rabinovitch, Conselheiro-sênior para inovação em serviços públicos do DESA afirmava ser inevitável a crescente urbanização, mas que as cidades em desenvolvimento devem aprender com os erros cometidos em tempos passados a fim de evita-los. Fonte <https://news.un.org>.

Os paradigmas estéticos e espaciais abordados neste trabalho referem-se a um contexto atual onde as gerações emergentes, compostas por indivíduos nascidos próximos a virada do milênio e descritas como “[...] altamente informadas e familiarizados desde cedo com a internet e que dominam com facilidade todas as tecnologias disponíveis. São curiosos, hiperativos, geralmente pouco preconceituosos, comunicativos e quase sempre ambiciosos.” (OLIVEIRA, 2011, p.14) São focados no mundo do trabalho e conseqüentemente, nos ambientes de trabalho.

Por sua vez, os ambientes de trabalho sofreram mudanças ao longo da sua evolução cronológica, variando de modo a atender as expectativas e demandas de cada geração. Foi proposto neste trabalho, uma linha cronológica a fim de se entender os caminhos percorridos e os a percorrer. Estima-se que as gerações estudadas neste trabalho, assim como as demais que a antecederam, estabelecem variações na forma de se projetar e estas variações acabaram por definir o fazer arquitetônico de sua época.

Sob o olhar da Psicologia Ambiental (PA) e da fenomenologia, seja a fundamentalista Husserliana ou a corporificada de Merleau-Ponty, fez-se um recorte bibliográfico a fim de se investigar o conceito de territorialidade e suas manifestações. A partir desta investigação, achou-se um início a fundamentação teórica capaz de dar o lastro para a análise da manifestação do conceito de territorialidade nas formas contemporâneas de se habitar os espaços de trabalho.

Considerando-se que, durante a realização desta pesquisa, a humanidade passava por um período de grave crise de saúde global, tornou-se indispensável buscar compreender os efeitos desta situação de estresse no cotidiano das pessoas. Durante este período, que até o momento estudado², contabilizaram-se vinte e quatro meses, as pessoas tiveram suas rotinas e ambientes modificados pelas demandas preventivas de isolamento e distanciamento social, onde se manifestaram novas formas de interação e ocupação de espaços diversos.

Sobre a análise da situação desta crise, procurou-se entender como as crises sanitárias anteriores impactaram o fazer arquitetônico à época. Desta forma, entendeu-se ser possível aprender com o legado de situações anteriores para se criar soluções que atendam as demandas contemporâneas e futuras de se projetar

² Considera-se o período estudado do início da Crise quando a Organização Mundial de Saúde decreta estado de pandemia em Março de 2020 até Março de 2022.

especialmente ambientes de trabalho frequentados pelas gerações emergentes como o caso da Geração *Millennials* e da Geração Z.

Presumiu-se que, os indivíduos das gerações *Millennials* e Z mais familiarizados com as tecnologias digitais e mais adaptáveis às mudanças nos ambientes físicos, teriam tido maiores habilidades para viver este que foi, sem dúvida, um momento atípico das últimas décadas. Certamente, este período de exceção impactou na conduta cotidiana e, como mencionado anteriormente, exigiu mudanças nas formas de relacionamento interpessoais, bem como na forma de apropriação de espaços sendo estes público ou coletivos, de trabalho, residenciais e até mesmo pessoais, uma vez que impôs condições atípicas de convivência.

Baseando-se nas ponderações acima, norteou-se a pesquisa na busca da identificação de como se manifestaria a territorialidade em ambientes de trabalho por parte das gerações emergentes. Ressalta-se que, como forma de organização do pensamento, esta pesquisa se desenvolveu em duas etapas de investigação.

A Parte I, constituída de um recorte bibliográfico que percorre alguns conceitos que serviram como as bases de elaboração de raciocínio crítico sobre dados levantados. Nesta etapa foram percorridas buscas em material bibliográfico que traziam, como resultado, respaldo teórico sobre crises de saúde, em especial sobre a COVID-19, sobre o *cluster* geracional, sobre ambientes de trabalho e seus indicadores ambientais e técnico-construtivos e, sobretudo, sobre o comportamento socioambiental denominado territorialidade.

Depois de concluída a parte teórica de fundamentação da pesquisa, partiu-se para a Parte II, formada por uma pesquisa de campo, com a investigação realizada junto a um grupo de indivíduos pertencentes ao *cluster* geracional pesquisado, a fim de se obter como resultados, uma amostragem da manifestação do comportamento socioespacial, sobretudo na subcomponente territorialidade, com enfoque em ambientes de trabalho. Também se buscou entender como este grupo de indivíduos entendia o ambiente de trabalho e quais os possíveis impactos sofridos a partir da Pandemia da COVID-19 que poderiam implicar em mudanças na forma de ocupação destes ambientes.

Ao final juntando-se os achados teóricos e os de campo, considera-se que houve uma soma satisfatória no entendimento e resposta à inquietação que norteou a pesquisa e, sobrepondo-se às limitações encontradas no percurso, obtiveram-se resultados que podem auxiliar em futuros desdobramentos do conteúdo promovido.

1.2 OBJETIVOS

Para responder à pergunta de pesquisa, segue abaixo, descrições do objetivo geral e dos objetivos secundários.

1.2.1 Objetivo Geral

Avaliar como se manifesta a territorialidade por parte das gerações emergentes em ambientes de escritórios colaborativos contemporâneos.

1.2.2 Objetivos Secundários

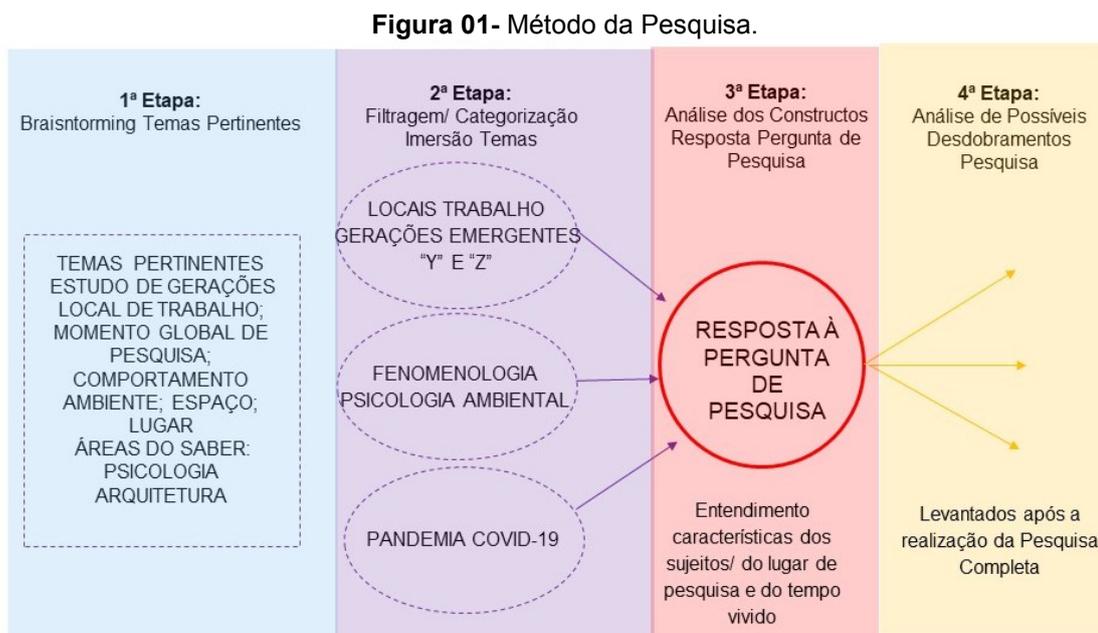
- a) Identificar comportamentos territoriais de gerações emergentes em situações de trabalho;
- b) Estudar a configuração espacial de escritórios colaborativos contemporâneos;
- c) Analisar os possíveis impactos da Pandemia da COVID-19 na concepção de ambientes de escritórios colaborativos contemporâneos.

2 PARTE I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como descrito anteriormente, para uma melhor compreensão deste trabalho, desmembrou-se o desenvolvimento em duas etapas chave, sendo que a primeira parte diz respeito à fundamentação teórica necessária ao início das atividades, e a segunda parte a pesquisa de campo.

2.1 MÉTODO

Nesta primeira parte da pesquisa, utilizou-se de uma adaptação da metodologia desenvolvida por Stephen Moritz³ (2005) para a disciplina de Design de Serviços.



Fonte: A Autora Adaptado de Moritz (2005, p. 25).

A exemplo das etapas de pesquisa, propostas por Moritz, fora categorizada macro grupos de temas relevantes a serem investigados (Figura 01). Assim, os grandes temas, especialmente os que servem de fundamentação teórica, puderam

³ Moritz desenvolve uma ferramenta para aplicação do Design Service baseada em 06 (seis) etapas de atividades: 1- Entender; 2- Pensar; 3- Gerar; 4- Filtrar; 5- Explicar e 6- Realizar. Como comentado a partir do estudo da metodologia de Moritz aplicada em outros artigos e disciplinas foi possível estabelecer um método específico para organização, condução e finalização da pesquisa sempre com foco nos itens considerados primordiais dentro de um universo de possibilidades tanto bibliográficas quanto empíricas.

ser abordados isoladamente para compreensão dos seus pontos fundamentais que permitiriam um lastro para defesa de reflexões.

Na 1ª etapa foi realizada a técnica de *brainstorming*⁴ (OSBORN, 1987) com análise de quais temas seriam necessários de serem pesquisados. Analisando-se temas elencados chegou-se por meio de uma 2ª etapa de seleção a escolha de 3 (três) macrogrupos de pesquisa (conforme descrito nos objetivos secundários):

No 1º grupo investigou-se sobre as gerações *Millennials* e Z bem como, sobre ambientes de trabalho e sua evolução ao longo dos anos e de acordo com os ensejos de cada geração.

No 2º grupo investigou-se sobre aspectos específicos dentro da Psicologia Ambiental (PA) como, por exemplo, estudo das diferenciações entre espaço e lugar, bem como, o estudo das manifestações da territorialidade dentre os diversos comportamentos socioespaciais possíveis. Sobre a Fenomenologia aprofundou-se no entendimento da corporificação da experiência com o estudo da Fenomenologia de Merleau-Ponty. Os resultados obtidos neste macrogrupo visam atender primordialmente ao objetivo de identificar o comportamento territorial em situações de trabalho.

No 3º grupo investigou-se sobre a situação de crise global de saúde, aprofundando-se nos possíveis impactos desta crise em ambientes de trabalho e como esta crise pode demandar ou sugerir novas configurações espaciais.

Importante observar que, a revisão considerada narrativa da literatura, foi realizada por meio de estratégias de busca que se utilizavam de palavras-chave correspondentes aos macrogrupos de pesquisas como por exemplo, “geração *Millennials*”, “estudo de gerações”, “geração Y”, “geração Z”, “ambientes de trabalho”, “*workplaces*”, “*coworkings*”, “trabalho colaborativo”, “*covid-19*”, “novo coronavírus”; “crise em *Wuhan*” entre outras expressões correlatas, investigadas tanto em português quanto em inglês em bases bibliográficas gratuitas como NDLTD, Google Acadêmico e bases via VPN UFSC como Base BU UFSC e Catálogo de Teses Capes.

O desenvolvimento deste método de categorização permitiu a avaliação de dois resultados preliminares:

⁴ O Brainstorming ou tempestade de ideias é uma ferramenta técnica de criatividade, criada pelo publicitário norte americano Alex F. Osborn. Consiste em gerar e registrar um grande número de pensamentos sobre determinado assunto, isolando inicialmente os juízos críticos. Desta forma, busca-se a livre produção de ideias.

- a) Entenderem-se quais itens, dentro de um universo de conceitos e abordagens, seriam indispensáveis para investigação;
- b) Delimitar-se recortes dos respectivos temas que atenderiam às demandas do problema de pesquisa.

O método valeu-se da reflexão acerca de situações cotidianas quando da realização da pesquisa e permitiu que, por estarem categorizados, os constructos também dialogassem com os fatos que se desencadeavam. A adoção deste procedimento teve como resultado, por exemplo, a análise crítica da Pandemia da COVID-19.

Por meio da revisão bibliográfica confrontada com o que se vivia empiricamente no cotidiano, foi possível evidenciar-se alguns conceitos da Fenomenologia e da Psicologia Ambiental, bases teóricas de pesquisa. Este aspecto encontra suporte na própria fenomenologia, enquanto análise dos fenômenos e como estes ocorrem na sua experimentação (CERBONE, 2006; AMATUZZI, 2009).

Ainda sobre o emprego da metodologia adotada nesta primeira parte da pesquisa, relembra-se o pensamento de Deleuze (1988-1989), que afirma que conceituar não é uma atividade contemplativa, não é algo que já está pronto, esperando para ser coletado, e sim é uma construção que depende da capacidade criativa. O constructo precisa ser fabricado e este processo é o que assegura a fundamentação em bases sólidas. Por isso, esta pesquisa pode definir-se do ponto de vista de suporte de registro como um recorte bibliográfico, em relação aos sujeitos, seria participante. Quanto ao método de abordagem classifica-se como hipotético-dedutiva (POPPER, 1989). Está alicerçada no método dialético⁵ (PEIXOTO, 2015).

Para a análise do comportamento da geração estudada, o recurso adotado foi o de estudar as mudanças comportamentais em relação a gerações antecedentes e confrontar os diferentes comportamentos e diferentes percepções acerca dos ambientes de trabalho. Quanto ao método de procedimento revela-se histórico-descritiva e de relação com a sociedade, podendo ser considerada como

⁵ O método dialético é um método baseado na contraposição de ideias divergentes, próprias de um diálogo. Em sua forma clássica foi concebida na Grécia antiga, sendo a sua autoria atribuída por alguns autores a Zenão da Eleia, entretanto o método sofreu diversos desdobramentos posteriores, tanto no período pré-socrático, quanto em épocas mais recentes, com importantes colaborações de Sócrates, Kant e Hegel, dentre outros.

aplicada, uma vez que se tem a pretensão de que sirva como material de consulta para outros pesquisadores.

2.2 BASES DE FUNDAMENTAÇÃO

Sobre as bases de análise que sustentaram esta pesquisa, faz-se necessário esclarecer que o relato de tais abordagens não tem como objetivo, sob nenhuma hipótese, reescrever conceitos. As descrições das áreas de conhecimento nesta pesquisa relatadas visam informar sobre o processo de amadurecimento de ideias a que esta pesquisadora se submeteu, para ter algum respaldo teórico e bibliográfico que sustentasse suas conclusões. Dado este entendimento, seguem breves descrições sobre a Fenomenologia e a Psicologia Ambiental (PA).

2.2.1 Fenomenologia

A descrição da Fenomenologia, como descrito na obra Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty (1999, p. 1) “[...] é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência [...]”. Para compreender-se a Fenomenologia, a ciência que estuda os fenômenos, entende-se necessário mapear o que representa o fenômeno, mais ainda, o que seria a arquitetura enquanto fenômeno. Como cita Cerbone (2006, p.13) “[...] focar nossa atenção não tanto no que experienciamos lá fora no mundo, mas na nossa experiência de mundo.”

A partir do entendimento do mundo que nos é dado como pressuposto de uma atitude fenomenológica surge o conceito de mundo vivido, como uma experiência reflexiva e que interpreta que o mundo nos é dado antes mesmo da elaboração de conceitos sobre ele (NÓBREGA, 2008, p. 142). “Conhecer esse mundo é, então, conhecer nosso estar nele, conhecer nossas relações.” (AMATUZZI, 2009, p.95). Pressupõe-se que o mundo vivido também é o mundo que socialmente nos foi dado e isso implica que haja um encontro com a subjetividade do outro, a intersubjetividade que considera o encontro das subjetividades minha e do outro. O pensamento fenomenológico desvia-se do pensamento da psicologia positivista, pois esta precisa medir os fatos para comprová-los, ao passo que ele, o pensamento fenomenológico, concentra-se na reflexão sobre a realidade que se

apresenta. Trata-se da adoção de análises muito mais qualitativas do que quantitativas, focadas no entendimento do viver humano a partir da experiência, do vivido e da reflexão.

É preciso esclarecer que, dentro do entendimento fenomenológico adotado neste trabalho, para se existir experiência, sendo ela sempre sobre ou em algum lugar, é necessário assumir-se a corporificação da consciência, a experimentação de nós mesmos como corpo, ou ainda, corporificados. “O corpo é, em primeiro lugar, o meio de toda a percepção: é o órgão da percepção e está necessariamente envolvido em toda percepção.” (HUSSERL, 1989 apud CERBONE, 2006, p. 151). A ênfase dada ao Corpo em Merleau-Ponty, como presença permanente em nossa experiência perceptual, é entendida como fundamental para a manifestação de outros objetos. Assim como para Husserl, o corpo seria o ponto de partida “[...] o ponto-zero de orientações [...]” (HUSSERL, 1989 apud CERBONE, 2006, p. 153) por percebemos o mundo por meio dos nossos órgãos e sentidos e que, para se experienciar, é preciso antes corporificar.

Na fenomenologia de Merleau-Ponty, o sujeito da ação não está separado do mundo e, este mundo no qual o sujeito se encontra, não é o mundo determinado e objetivo das ciências naturais, nem tampouco o produto, a síntese de processos conscientes. “O retorno à experiência perceptual nunca apaga o caráter mundano de nossa existência, nem cinde os fios intencionais que nos ligam ao mundo circundante” (CERBONE, 2006, p. 161). No prefácio de seu livro Fenomenologia da Percepção, Merleau-Ponty, além de propor uma redescoberta da fenomenologia, explica que o mundo é anterior à reflexão sobre ele, e o esforço se baseia na busca do reencontro do contato ingênuo com o mundo, para então compreendê-lo em dimensões filosóficas. A fenomenologia pode ser vista como “[...] uma tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência a sua gênese psicológica e às explicações causais.” (MERLEAU-PONTY, 1999, prefácio).

A influência da Gestalt na interpretação fenomenológica de Merleau-Ponty também é evidente, uma vez que este entende as noções de conjunto entre as partes e o todo, sendo o todo anterior a fração das partes e por outro lado, inexistente sem elas. A noção de figura e fundo, onde se dá a entender determinado objeto, não apenas em si mesmo, mas como parte de algo existente por existir, em relação a outro elemento. “[...] o algo perceptivo está sempre em meio de outra

coisa, ele sempre faz parte de um campo [...] somente a estrutura da percepção efetiva pode ensinar-nos o que é perceber.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 24). Assim como Husserl, o autor entende a consciência como a consciência de algo, ainda que este algo, não seja um objeto identificável. A percepção é construída a partir de estados de consciência (MERLEAU-PONTY, 1999, p.48).

Em sua visão acerca do mundo percebido, o mundo que se tem conhecimento por meio dos sentidos, sugere que, ao perceber-se este mundo por meio do seu caráter prático e utilitário, estar-se-ia privando de conhecê-lo, sendo papel da arte e do pensamento moderno dos então últimos cinquenta anos⁶ fazer com que fosse redescoberto este mundo esquecido.

Sobre a presença do outro, Merleau-Ponty em seu livro *Conversas* (1948, p.43), diz que “[...] só sentimos que existimos depois de já ter entrado em contato com os outros, e nossa reflexão é sempre um retorno a nós mesmos que, aliás deve muito a nossa frequência do outro.”

É compreensível que Merleau-Ponty entenda a necessidade do outro como fator condicionante do próprio eu, uma vez que, o que importa na fenomenologia, são as interações e as relações que ocorrem entre os fatos e na consciência de e em relação a algo. O entender-se perante o outro, faz parte da condição humana, o espelhamento de necessidades pessoais vistas no outro, oferecem imagem de si mesmos e, por isso, a interpretação da percepção de existência a partir da frequência do outro. As necessidades do outro, portanto sob o seu ponto de vista, não seria apenas uma peça da coletividade, participante de ideias e pensamentos coletivos, mas antes, seriam resultado das relações de uns com os outros, por isso a necessidade de se estar com os outros. Quase uma metáfora à associação de partes e todo, figura e fundo, de coisa e não coisa onde um estado depende do outro para existir.

Muito característica na fenomenologia de Merleau-Ponty é a sua ideia de corporificação da experiência. O autor descreve o corpo como agente sensível na produção de subjetividades. A percepção teria, segundo ele, relação direta com a atitude corporal, onde a apreensão do sentido de perceber, se faz no corpo, pois este é visto como campo criador dos sentidos. E, sendo o corpo, o campo criador

⁶ Importante informar que o moderno se refere aos últimos cinquenta anos considerados da realização deste resumo de sete conferências denominadas “*Conversas*” datadas do final de 1948 e lançadas como publicação em 2004.

dos sentidos, a percepção se reduz a um acontecimento da experiência corporal, e assim sendo, da existência. A percepção não revela o todo de uma única vez, e sim, vai apresentando-o em partes, de acordo com os movimentos, que vão se apropriando da sua compreensão por inteiro, até compreender-se a sua totalidade, sem, contudo, esgotá-la.

Nobrega (2008, p. 142) explica que o entendimento de percepção de Merleau-Ponty, se deve ao fato dele romper com os conceitos de corpo como objeto, parte extra partes e com as noções clássicas de sensação e órgãos dos sentidos como receptores passivos.

Merleau-Ponty classifica sujeito e objeto como inseparáveis, dependentes das relações que estes estabelecem entre si. O autor entende o sujeito encarnado, que olha e sente, e ao sentir e experienciar com o corpo, reconhece os símbolos e expressões do espaço-ambiente. Este mundo percebido pelo corpo é também na fenomenologia de Merleau-Ponty, o mundo da subjetividade, da historicidade, das relações, que permeiam os meios sociais com seu diálogo e contradições e, sobretudo, do amor que sela as experiências. Se a percepção é vivenciada pelo corpo, e associada ao movimento, também se observa relação de fatores como o tempo, a presença do outro e a afetividade. “A experiência perceptiva é uma experiência corporal [...] o movimento e o sentir são os elementos chaves da percepção” (MERLEAU-PONTY apud NÓBREGA, 2008, p.142).

A noção corporificada da percepção, também faz com que se entendam os fatos não apenas pelo julgo da razão, mas como interpretações provisórias e incompletas que variam à medida que o movimento e o sentir variam. A saber:

Considerar o corpo em movimento como um sistema autopoietico é reconhecê-lo como fenômeno que não se reduz à causalidade linear; é considerar ainda que o ser humano não seja um ser determinado, mas uma criação contínua. É, por fim, uma tentativa de abordar a corporeidade não como algo abstrato, é recusar as dicotomias, é ensaiar atitudes complexas para compreender o humano e sua condição de ser corpóreo em incessante movimento, admitindo diferentes interpretações, pautadas na circularidade ou recursividade dos fenômenos. (NÓBREGA, 2008, p. 145).

Neste caso o autor se refere ao sistema autopoietico como um sistema cíclico. A Autopoiesis, entendida sob a ótica da fenomenologia de Merleau-Ponty explica o fato do homem não ser refém do ambiente externo, pois seus sentidos seriam capazes de perceber os estímulos vindos do ambiente processando-os e

gerando novas respostas, que não são previsíveis e dependem de inúmeros fatores. Isso representaria o não determinismo do ambiente sobre a vida humana e a possibilidade deste homem perceber e modificar o que é percebido

A arte, sobretudo a pintura de Matisse e Cezanne, subsidiaria a interpretação de percepção de Merleau-Ponty, uma vez que este a estende ao mundo como algo não puramente exposto e representativo, mas como um estado onde todos os elementos que compõe as imagens importam e têm seu papel no conjunto. (NÓBREGA, 2008).

Outro momento onde se pode perceber a profundidade do pensamento sobre o mundo sensível e corporificado de Merleau-Ponty, é quando este trata das cores e da estesiologia, que é a ciência que se dedica ao estudo dos sentidos (sensações físicas) e da sensibilidade (capacidade de perceber as sensações físicas). “A apreensão das significações se faz pelo corpo: aprender a ver as coisas é adquirir um certo estilo de visão, um novo uso do corpo próprio, é enriquecer e reorganizar o esquema corporal.” (MERLEAU-PONTY apud NÓBREGA, 2008, p.142). É como se o autor afirmasse que cada sentido é responsável por uma parte dentre as demais possibilidades de se sentir. Por exemplo, ao desenvolver o olhar, este irá suscitar significações entre o que eu vejo e o seu significado, de acordo com o momento em que eu o estiver vendo, e das condicionantes culturais, temporais e do próprio movimento. O vivenciando.

A fenomenologia de Merleau-Ponty sugere uma visão mais sensível sobre a própria vida experienciada pelo corpo. O corpo, como agente de experiência e de transformações. A visão do mundo percebido, o mundo do sujeito encarnado, do mundo corporificado, onde os sentidos tem papel mais significativo do que a definição de receptores, faz com que a fenomenologia de Merleau-Ponty até os dias atuais seja entendida como base de reflexões acerca do mundo e suas relações. Terezinha da Nóbrega descreve:

A atitude fenomenológica de corpo de Merleau-Ponty abriu perspectivas para os estudos contemporâneos, assim como esses estudos atualizam os dados científicos sobre os quais Merleau-Ponty se apoiara em suas reflexões. [...] A fenomenologia de Merleau-Ponty continua desafiadora, no sentido de concretizarmos a perspectiva da sensibilidade e da corporeidade. [...] Convida a tomar parte na história e na cultura por meio da experiência dos sujeitos e dos sentidos que podemos atribuir a essas experiências. (NÓBREGA, 2008, p. 145).

Tendo-se percorrido resumidamente os saberes a que a fenomenologia se propõe, conclui-se este capítulo, neste determinado ponto, para que as reflexões acerca da pergunta de pesquisa se situem nesta ótica. Entende-se como grande contribuição da fenomenologia, seja a originária Husserliana ou a corporificada de Merleau-Ponty, como uma área do conhecimento pela qual é possível enxergar e refletir-se sobre questões que permeiam a existência humana não apenas pela ótica do visível e do racional, mas, com um sistema que integra corpo e mente e se utiliza de lentes sensíveis para olhar a existência e suas manifestações.

2.2.2 Psicologia ambiental (PA)

Pode-se afirmar que a Psicologia Ambiental, que embasa boa parte desta pesquisa, é segundo Gifford, Steg e Reser, 2011, a parte da Psicologia que estuda as trocas possíveis entre ser humano e seu entorno ambiental.

Ornstein (1995, p.44) afirma que “[...] é o conhecimento das relações entre ambiente construído e comportamento dos usuários que permite avaliar padrões existentes, reformulá-los e propor novos projetos.” Entende-se então, que ao se levar em conta primordialmente as relações que ocorrem nos ambientes é que o projeto torna-se rico de qualidades que transcendem a técnica e o saber projetar. O saber projetivo, ao agregar-se do conteúdo relacional entre o ser humano e seu espaço, assume dimensões capazes de proporcionar comportamentos mais saudáveis para o usuário, estimulando o senso de pertencimento e apropriação do espaço. Esta relação entre pessoa-ambiente revela características subjetivas e temporais de níveis de satisfação e bem-estar das pessoas com relação aos ambientes.

Uma das distinções necessárias que norteia esta pesquisa é a diferenciação de espaço e lugar. Entende-se que espaço é o local geográfico, geométrico avaliado em suas características físicas de tamanho e de medidas, largura e altura, proporções e composição formal, portanto “[...] é a base da organização, indispensável à criação de distâncias e delimitações” (CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011, p.183). É onde se estabelecem as atividades e relações que o tornarão um lugar. Por sua vez, entende-se o lugar como o espaço dotado de significado, dotado de afeto. A identificação com o espaço irá dizer muito da identificação pessoal que o indivíduo tem com as tipologias de espaços e como este os concebe, fazendo com

que haja afeição ou rejeição, pertencimento ou abstenção. Neste caso o lugar é o espaço reconhecido pelo valor atribuído à vivência e aos sentimentos relacionados a ele (CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011 p. 184), pois o espaço habitado transcende o espaço geométrico (BACHELARD apud CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011, p. 185). Augé (1994, p.73) afirma ser a “supermodernidade [...] responsável pela criação de não lugares.” O lugar se completaria por meio da fala, por uma troca alusiva de um sistema de senhas e por meio das relações de cumplicidade e intimidade dos indivíduos pelo lugar. Segundo o autor, seriam lugares planejados que ditam regras contratuais de uso e que impõe uma identidade provisória aos seus usuários ocasionando espaços solitários. Os conceitos de lugar antropológico, palco das relações interpessoais de Augé (1994), e de espaço de Michel de Certeau (apud AUGÉ, 1994, p. 75-80), sugerem que se considere o “[...] lugar praticado um cruzamento de forças motrizes [...]”.

Tuan, geógrafo humanista situa o lugar como pausa e o espaço como movimento “[...] que começa como espaço indiferenciado, transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor [...] e onde serão satisfeitas as necessidades biológicas dos indivíduos.”(TUAN 1983, p.4-6 apud CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011, pág. 185). Para além das necessidades biológicas e estendendo-se o pensamento às necessidades ambientais de pertencimento, privacidade, dinamismo, proteção, pode-se entender que, quando o espaço físico atende às demandas biológicas ou culturais, este espaço se transforma em lugar. Buscando ainda relacionar os conceitos da Psicologia Ambiental aos conceitos de corporificação encontrados na ótica fenomenológica de Merleau-Ponty, pode-se definir que, à medida que o **meu** corpo ocupa um espaço, nele transita e se desenvolve, e onde os **meus** requisitos psicológicos, sociais e espirituais são atingidos, este espaço torna-se então, um lugar e esta interpretação física de lugar, será a identidade que se busca reconhecer em outros espaços semelhantes.

Tuan em *Rootedness versus Sense of Place* (1980), chama atenção para o fato de existirem diferenças conceituais, no que diz respeito à ideia de enraizamento, se comparada ao conceito de lugar. Segundo Tuan, o enraizamento significa “estar em casa” (p.4) de uma forma inconsciente, segura e confortável em um lugar específico, enquanto que, o “senso de lugar” (p.4), implica em se ter consciência do distanciamento entre o eu e o lugar, fato que possibilita inclusive que o eu possa apreciar o lugar, com o discernimento necessário para fazê-lo. O Autor descreve o

enraizamento como “[...] um estado irrefletido do ser, no qual a personalidade humana se funde com o meio [...]” (p.4) explicando que, não apenas construções e objetos podem promovê-lo, como também gestos, atitudes e rituais.

Relacionando o senso de lugar às escolhas que as pessoas, comunidades, cidades ou nações fazem em relação a seus valores sociais, Tuan (1980) esclarece que a preservação ou a recuperação do senso de lugar pode ocorrer por meio de uma consciência histórica fazendo frente à indiferença em relação a seu passado, e ainda que, ao pensar-se em qualidade de vida tende-se a olhar para trás ao invés de se olhar à frente, à procura de inspirações.

Segundo o autor os lugares deveriam ser preservados e restaurados ao invés de substituídos, e que devido ao estilo de vida contemporâneo é difícil se atingir o estado de enraizamento, pois o modo de vida contemporâneo não privilegia o tempo e o distanciamento necessários para compreensão das características e qualidades de um espaço e, conseqüentemente, da significação que o tornaria um lugar e em um segundo momento um lugar passível de enraizamento.

Segundo Relph (1979, p.20 apud PROSHANSKY; FABBIAN; KAMINOFF, 1983) por meio de uma ligação com o lugar, pessoas desenvolvem um senso de pertencimento e propósito que dá sentido às suas vidas. Alguns autores compartilham o entendimento de que a principal função do lugar é promover o senso de pertencimento e ligação através de atividades suficientemente importantes para o indivíduo, para que este se sinta integrado ao ambiente (BUTTIMER; TUAN; RELPH apud PROSHANSKY et al.,1983). A relação com o ambiente ainda pode ocorrer por meio de objetos que possam transmitir memórias e garantam a manutenção de si mesmos, conforme descrito nos estudos de Halton (1986, apud KORPELA, 1989) ou ainda, conforme evidencia Cooper quando estabelece uma relação entre a apropriação e organização da casa como forma do indivíduo revelar o seu **eu**. A autora entende que, ao envolver-se com as atividades de organização de mobiliário, por exemplo, “[...] as pessoas se projetam no ambiente físico que transmite essa imagem de volta a eles e a outras pessoas [...]” (COOPER 1976, p. 436-437 apud KORPELA 1989, p. 245)

Segundo Proshansky et al. (1983) a identidade de lugar é uma subestrutura da identidade pessoal, pode ser considerada como um *pot-pourri* de cognições tais como memórias, ideias, pensamentos, valores , atitudes e preferências. Se, neste lugar, houver a percepção de cognições positivas que resgatam o passado

ambiental do indivíduo e o fizer sentir que suas demandas biológicas e culturais são atendidas, onde se há afetos positivos, evidencia-se a identidade de lugar. Lugar que transmite história, memória, segurança, afeto e também pertencimento e enraizamento segundo a perspectiva de Tuan (1980).

O senso de pertencimento de Buttimer (1980 apud PROSHANSKY et al., 1983, p. 60) esta relacionado com a realização de atividades importantes dentro e ao redor da casa, onde se estabelece o equilíbrio necessário entre a casa e seus horizontes de alcance, garantindo a manutenção da identidade de lugar e a sensação de bem-estar emocional.

No âmbito de identidade pessoal e identidade de lugar, refletindo-se sobre emoções relacionadas a este lugar, como citado por alguns autores, os lugares oferecem sentimentos de privacidade, controle e segurança e atendem à necessidade do indivíduo em ficar sozinho, aproximando-se do sentido de esconderijo onde se tem vontade de permanência, por se saber seguro (LADD, 1977; LUKASHOK; LYNCH, 1956 apud KORPELA, 1989, p. 244).

Korpela, (1989) explica ser a identidade de lugar um conjunto de configurações de cognições de parte do ambiente físico por meio dos quais, de forma consciente ou inconsciente, o indivíduo regula seu senso de manutenção de si mesmo. Na Teoria Cognitiva de Epstein (1983 apud Korpela 1989) são ainda contempladas as necessidades de maximização na relação entre prazer e dor, da manutenção de um sistema conceitual coerente sobre si mesmo e de um nível favorável de autoestima.

Sarbin (apud Korpela 1989) também defende que a autoconstrução se dá a partir da narrativa coerente de si mesmo. Uma construção a partir da forma com que o indivíduo se percebe, mas que também leva em conta a forma como os outros o percebem. Swan (1983 apud Korpela, 1989, p. 243) alega que para esse fim as pessoas se utilizam de sinais e símbolos que garantem suas interações.

Importante entender-se o conceito de Percepção Ambiental por alguns descrita como uma forma de se pensar o ambiente, que se relaciona com a forma como o indivíduo experiencia o ambiente. Esta forma de experienciar o ambiente relaciona-se com aspectos físicos, sociais, culturais e históricos por meio da interpretação e construção de significados participantes da apropriação e identificação dos espaços e ambientes (KUHLEN, 2011). Toda percepção é parcial, provisória e incompleta, e depende de uma complexa rede de significações

anteriormente experimentadas, portanto não possuímos o mundo apenas o experimentamos a partir da capacidade individual de comunicação com ele (KUHLEN 2011).

2.2.2.1 Comportamento Socioespacial : Território e Territorialidade

Nós, seres humanos, somos seres espaciais. Usamos o espaço ao nos relacionarmos uns com os outros e também estabelecemos relações específicas com o ambiente [...] Nossas inter-relações no espaço refletem o ânimo afetivo, o status das pessoas envolvidas e a natureza da interação social pretendida, correspondendo ao que entendemos como comportamento socioespacial humano. (PINHEIRO; ELALI, 2011, p.144).

O desafio de definir-se um comportamento socioespacial parece arriscado pois, para conseguir-se ao menos delimitá-lo, é necessário a compreensão e avaliação de várias faces do seu prisma de entendimento. Considera-se, entre outras manifestações que, muitas vezes, o comportamento espacial humano acontece sem a necessidade de expressão verbal ou mesmo a consciência de sua manifestação por parte do indivíduo, fazendo-se com que o comportamento espacial não seja uma manifestação constantemente percebida.

Entende-se que a manifestação de comportamentos territoriais depende de vários fenômenos, do perfil dos usuários e do ambiente que se projeta. Concorda-se com Brasileiro (2007, p.8) quando se refere ao ambiente “[...] como uma expressão das subjetividades de seus usuários e das aspirações coletivas de grupos de funcionários que trabalham em um mesmo escritório”.

Altman (apud Moore, 1984, p. 69) propõe um modelo de entendimento das informações disponíveis de comportamento ambiental no qual adota três aspectos como essenciais: Os fenômenos de comportamento ambiental, os grupos de usuários e os componentes. Esses componentes segundo os autores são importantes, pois há um intercruzamento e correlações entre eles, o que faz com que ao se projetar, cada solução leve em conta grande parte dos aspectos sociais, culturais e comportamentais. Como exemplo, podem ser estudadas as diferentes necessidades entre grupos de usuários que podem demandar soluções particulares ao se projetar determinados espaços (MOORE, 1984). Neste sentido, objetivando-se a investigação da manifestação territorial das gerações emergentes nos ambientes

de trabalho, pesquisou-se o que se compreende e como se manifesta a territorialidade pelo aspecto originário.

Gifford (1987, p. 444) afirma que “A territorialidade em humanos é um padrão de comportamento e experiência relacionado ao controle, geralmente por meios não violentos, como ocupação, lei, costume e personalização, do espaço físico, objetos e ideias.”

Como os primeiros a perceberem o comportamento territorial nos animais, os etologistas, justificam que este comportamento é importante para satisfação de pelo menos três necessidades básicas humanas que seriam, a necessidade de identidade; a necessidade de estímulos e a necessidade de segurança.

Tais necessidades são explicáveis com base em nosso passado biológico (LANG, 1987) sendo que a demarcação de um território, acompanha a evolução da espécie humana, desde os primórdios até as ações cotidianas contemporâneas pois, se inicialmente representava a determinação de limites e domínios sobre os espaços que preservavam a sobrevivência da espécie, de acordo com a evolução, passaram a delimitar espaços não visíveis mas constituintes da personalidade e organização cognitiva do ser humano e um meio a partir do qual se atinge a privacidade (ALTMAN, 1975 apud GIFFORD, 1987).

Comportamentalistas fundamentam as noções de território com base nos padrões culturais enraizados e os psicólogos Junguianos com base na verdade psíquica e no sistema comportamental (LANG, 1987). Neste entendimento pessoas são produtos do ambiente físico tanto quanto do ambiente social. Teóricos explicavam a necessidade territorial como mecanismos pessoais reguladores de limites, assemelhando-se aos conceitos Junguianos de *self* (ALTMAN, 1975; SOMMER, 1975 apud LANG, 1987).

Os territórios possuem cinco características fundamentais, a saber:

[...] são dotados de área espacial; Possuídos ou controlados pelo indivíduo ou grupos de pessoas; Satisfazem alguns motivos ou necessidades como status e uniões; São marcadores simbólicos ou concretos; São defensáveis por aqueles que os possuem (controlam) por meio de confrontos, senhas não verbais e muitas vezes por meios simbólicos como os meios arquitetônicos [...] (MOORE 1984, p.74).

Exemplos de territórios humanos considerados por Moore são o lar, o escritório, a oficina, o espaço que circunda, assim como pensamentos e ideias.

Além de tal comportamento relacionar-se às questões pessoais e coletivas, passam também a relacionar-se com aspectos econômicos, políticos e culturais. Estes aspectos (E-P-C), por sua vez, ao se relacionarem entre si, “ [...] materializam o território no e por meio do espaço geográfico, centrado e emanado na e da territorialidade cotidiana [...] ” (FERREIRA; PENTEADO; DA SILVA, 2013, p. 805) principalmente no que tange a domínio de poderes.

Segundo Altman (1975 apud Gifford, 1987, p. 444) podem ser elencadas sete formas de território podem ser identificadas, sendo elas “ [...] primária, secundária, pública, objetos, ideias, interacional e corporal”.

Essas formas de território caracterizam-se em diversos níveis como estratégias de prevenção, reação e determinação de limites sociais e quando são empregadas em resposta a infrações. No aspecto instintivo Gifford (1987) informa que os homens demonstram ser mais defensores dos seus territórios que as mulheres e que a personalização, a marcação de territórios como sinônimo de preservação de status são artifícios utilizados para controle e posse tanto de espaços quanto de ideias. Importante detectar tipos de territórios humanos porque dialogam com os desejos das pessoas de personalizar e controlar espaços e comportamentos, além de promoverem subsídios de manutenção de segurança como no caso da proposta de Oscar Newman (1972 apud Gifford, 1987) ao tratar da territorialidade e defensabilidade do espaço urbano em relação a crimes e vandalismo.

Hussein El Sharkway (1979 apud Lang, 1987, por sua vez, enuncia quatro tipos de territórios, em um esforço para construir um modelo de pensamento que possa dialogar com os pensamentos do desenho ambiental, sendo eles, “território próximo; território central; território tolerável e território periférico.” (p. 150).

O território próximo equivaleria ao espaço pessoal conforme entendimento de Sommer (1969 apud Moore, 1984, p. 72). O território central corresponde a casa, a estação de trabalho e a espaços altamente personalizáveis e defensáveis. Os territórios toleráveis seriam os semiprivados ou semipúblicos que não pertencem aos grupos que os utilizam, e os periféricos ou públicos seriam áreas usadas por indivíduos ou grupos e que não podem ser personalizáveis ou possuídos pelo indivíduo ou pelo grupo.

Segundo Newman (1972 apud Lang, 1987) tais hierarquias de territórios são também denominados “gradientes de privacidade” (p. 150) e são essenciais para a sensação de bem-estar e ajudariam a fornecer sensações de segurança às pessoas.

O território enquanto fator de regulação da privacidade, de acordo com o tempo de permanência de seus ocupantes e o grau de controle que estes têm sobre o seu espaço, segundo Hall (1969 apud Namazian; Mehdipour, 2013, p. 110) são definidos como primários, secundários e públicos e a característica comum aos tipos de territórios seria a de atender ao propósito de suavizar as interações e estabilizar os sistemas sociais. O projeto arquitetônico deve fazer com que as pessoas prestem atenção à natureza dos territórios, escolhendo quais desejam ocupar para que então estes territórios atendam às demandas e os níveis de controle sobre suas funções respectivas.

Sobre a necessidade de se classificar corretamente o tipo de território a ser pretendido e seus níveis de privacidade, ressalta-se que o não atendimento destas demandas pode ocasionar uma insatisfação do usuário com o ambiente e, a tentativa deste usuário em garantir seus níveis de controle, podem gerar conflitos ou stress individual e coletivo. Essencial no atendimento às demandas e níveis de privacidade é que os arquitetos, ao projetarem espaços tenham a compreensão de que a privacidade tem sua dinâmica baseada em um processo mutável que se alterna com o movimento das pessoas de se abrirem ou se fecharem para os demais indivíduos em diferentes momentos ou intensidades e para obter-se o grau de privacidade desejada o indivíduo usará o espaço pessoal e o comportamento territorial como formas de atingir a esta privacidade (NAMAZIAN; MEHDIPOUR, 2013, p. 111).

Jung (1967 apud Namazian; Mehdipour, 2013, p. 111) introduziu a noção de introvertido e extrovertido, de acordo com os indivíduos agem e da maneira como eles reagem aos ambientes. Essa classificação traz desafios para a concepção arquitetônica uma vez que as demandas seriam apresentadas segundo a imagem que as pessoas tem de si mesmos em detrimento, muitas vezes, de como elas de fato o são. Neste contexto, reflete-se sobre as armadilhas de se projetar ambientes com o objetivo de atrair público jovem em detrimento do atendimento de aspectos técnico-funcionais e ambientais. A solução seria, antes de se debruçar sobre o projeto, a de se entender a linguagem do comportamento desejado em tal ambiente.

O conceito de territorialidade, portanto pode ser compreendido como um conjunto de comportamentos que os indivíduos desenvolvem para demarcação, manutenção e sobrevivência do seu território seja ele material, como os ambientes que o indivíduo ocupa, seja imaterial como no caso de ideias e pontos de vista (COCA, 2014). Assim sendo a territorialidade funciona como uma espécie de “[...] organizador do comportamento e da vida humanos.” (PINHEIRO; ELALI, 2011, p. 151). Sendo as relações sociais entre os indivíduos fator de extrema complexidade que envolve dimensões geográficas e pessoais, Soja (1971, p. 34 apud SANTOS, 2009) enuncia que a territorialidade pode ser baseada em três componentes, sendo ele, “[...] um sentido de identidade espacial; um sentido de exclusividade e uma compartimentação da interação humana no espaço.” (p.34). Ao explicar os três componentes afirma que o sentido que quer se dar a identidade espacial seria no tocante a uma relação simbólico-afetiva com o espaço, o que Tuan (1980) definiria como Topofilia. Sobre o sentido de exclusividade afirma que, como sentimento reativo, se manifesta quando percebida uma invasão ao espaço familiar ou do grupo por parte de algum indivíduo ou atitude estranha a este grupo, o que desencadeia reações defensivas de segregação enquanto que a interação humana se manifesta na forma determinados acordos em relação a proximidade ou o desejo de não aproximação.

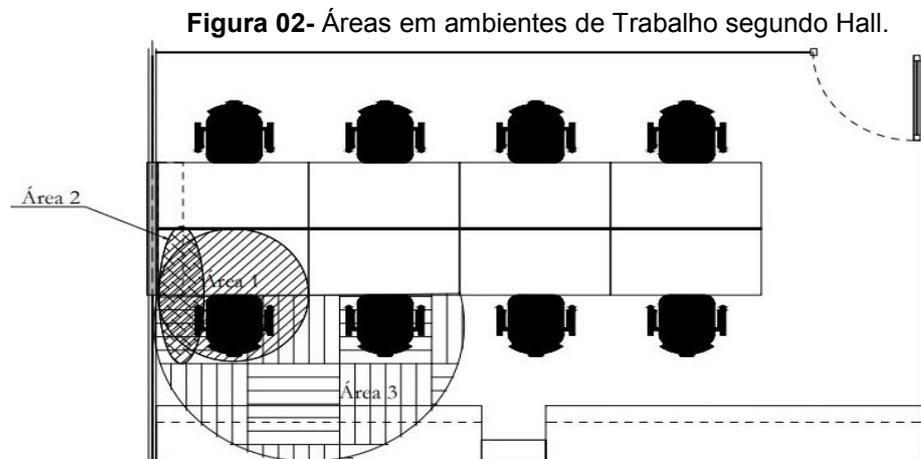
Do ponto de vista arquitetônico, os limites que configuram a territorialidade são relacionados como “[...] chão, formas espaciais, relações sociais, natureza exterior ao homem; obras e conteúdo.” (GOTTMANN; DEMATTEIS; DELEUZE; GUATARI apud SAQUET, 2007, p.58) que podem ser lidos de forma simplista como superfícies, planos, relações interpessoais e da pessoa com o ambiente, entorno, edificação e seus significados que delimitam o território do indivíduo.

Importante observar que existem diferentes definições para território e espaço pessoal. Enquanto o primeiro, investigado neste trabalho, é fixo, ancorado e imóvel, já o segundo é dinâmico, move-se à medida que o indivíduo se movimenta no sentido de afastamento ou aproximação (MOORE, 1984; NAMAZIAN; MEHDIPOUR, 2013). Considera-se como um invólucro não visível que determina os níveis de distanciamento e aproximação em relação aos outros. No contexto arquitetônico o espaço pessoal refere-se ao conjunto de distâncias e ângulos de orientação em relação aos outros.

Numa de suas obras mais conhecidas, “A Dimensão Oculta” Hall (1977), estuda o comportamento humano que regula as distâncias pessoais e sociais de interação e autoproteção denominando tal estudo como proxêmica:

Está na natureza dos animais, inclusive do homem, apresentar comportamentos que chamamos de territorialidade. Ao fazer isso, usam os sentidos para distinguir entre um espaço ou distância e outro. A distância escolhida depende da transação; a relação dos indivíduos em interação, como eles se sentem e o que estão fazendo. (HALL, 1977, p. 115).

Para além da diferenciação entre território e espaço pessoal é preciso entender-se o que definiria a percepção espacial, pois existem diversas e particulares maneiras de o indivíduo perceber e experienciar o espaço, muitas vezes associadas ao uso de símbolos e elementos-chave que pode ser cinestésicos, táteis etc. O autor enuncia que “[...] em suma, o que se pode fazer num determinado espaço, determina a maneira de experimentá-lo [...]” (HALL, 1977, p. 59). Em sua pesquisa sobre ambientes de escritório, o autor define três áreas de consideração (Figura 2):

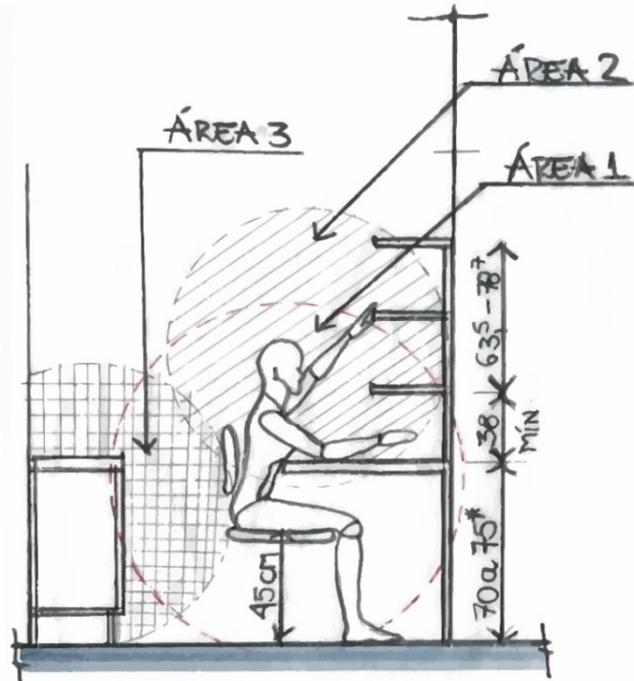


Fonte: A autora Adaptado de Hall (1977, p. 59)

- Uma área imediatamente relacionada à atividade, que contempla o tempo da mesa e a cadeira;
- Uma área intermediária, onde objetos estão ao alcance do braço, porém fora da área imediata;
- Uma área, onde é necessário o distanciamento entre a cadeira e a mesa de trabalho, (mas ainda sem levantar-se do posto) surgindo um novo espaço limítrofe.

Somando-se a análise das áreas de Hall, Panero e Zelnik (2008) propõem limites de alcance dentro das respectivas áreas, conforme apresentado na figura 03:

Figura 03- Áreas e Alcance em ambientes de Trabalho



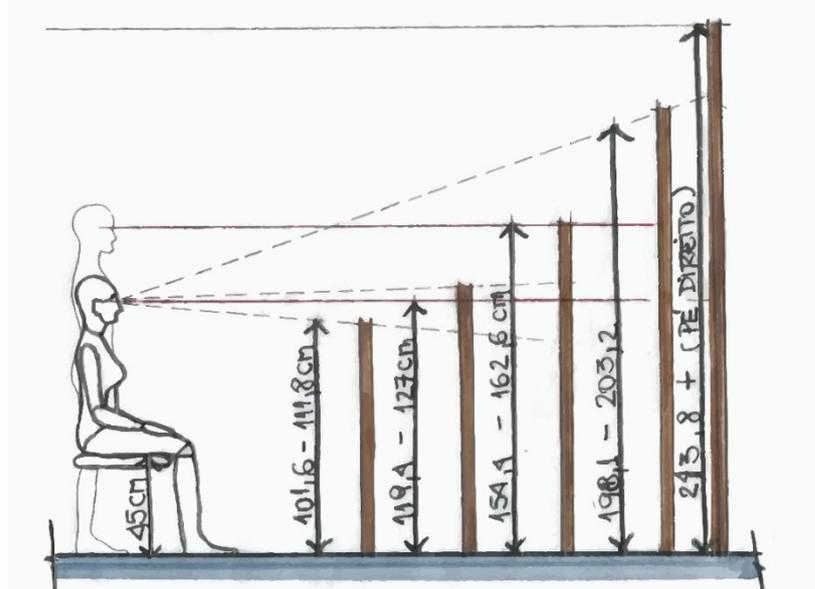
Fonte: A autora Adaptado de Hall (1977, p. 59) e Panero e Zelnik (2008, p. 181).

Em se tratando de como o usuário experiencia o espaço, lança-se mão de vários sentidos, visuais, táteis, auditivos, olfativos entre outros, na busca do entendimento de como os espaços se configuram. Sob a ótica de Pallasmaa (2011), a arquitetura é uma experiência multissensorial, e nesta experiência lançamos mão de vários sentidos para percebê-la e por consequência, para manifestar entre outros comportamentos, a territorialidade.

A análise de fatores como a obtenção de preservação de espaço pessoal e suas distâncias regulatórias, as classificações sobre a forma multissensorial de percebê-los, a manutenção do sentido de privacidade nos ambientes por meio da demarcação de territórios e, por sua vez, as classificações dos territórios, são componentes que ajudam a entender o que se caracteriza e como é manifestada a territorialidade. As pesquisas na área de observação de comportamentos humanos, é fundamental na ajuda ao arquiteto, no sentido de refinar sua sensibilidade para a percepção dos componentes indispensáveis na elaboração de projetos de espaços/lugares mais interessantes, que levem em conta tanto aspectos técnicos-construtivos e ambientais quanto subjetivos e psicológicos.

Na figura 04, demonstra-se uma possibilidade de preservação de territórios com a demarcação física de painéis frontais que permitem privacidade, mantendo contato visual ou até mesmo restringindo a comunicação.

Figura 04- Demarcadores Territoriais em ambientes de Trabalho.



Fonte: A autora Adaptado de Panero e Zelnik (2008, p. 186).

Naturalmente, se o ambiente atende as expectativas e demandas biológicas e culturais do indivíduo e promove a identidade de lugar de trabalho (PROSHANSKY, 1983; KORPELA, 1989; KUHNEN, 2011) não haveria necessidade da crítica, pois se tratariam de espaços bem concebidos. Da mesma forma, tendo conhecimento das novas demandas geracionais nos ambientes de trabalho, fica inconcebível, retornar-se a uma maneira projetiva mais antiquada no sentido hierárquico da palavra. Portanto, entende-se que em médio ou longo prazo sejam exigidas da arquitetura, soluções intermediárias entre as novas e as atuais formas de se conceber ambientes de trabalho, com a inserção de novos atributos, e novos elementos de mobiliário e revestimentos, que preservem não apenas a qualidade ambiental dos espaços bem como permitam as relações de territorialidade e privacidade, de forma mais assertiva em relação ao público que se apresenta.

Em consideração aos fatores estressores originados na Pandemia, entende-se que, de fato, mudanças tanto nos programas básicos de projeto quanto na configuração espacial dos ambientes de trabalho precisarão ser revistos a fim de atenderem as demandas provenientes deste contexto. Neste último quesito, relata-se a necessidade de mais espaçamento entre as estações de trabalho, de

circulações mais adequadas que favoreçam o fluxo e evitem aglomeração de pessoas, a adoção de componentes de controle de temperaturas e acessórios de assepsia individuais, dentre outros requisitos de projeto que certamente demandarão um redimensionamento dos ambientes conhecidos atualmente. Medidas adotadas por governos e municípios e período, sugerem o uso de prática híbrida alternando-se entre remoto *home-office* e o presencial, em muitos casos com alternância de dias entre funcionários, para que se tenha um certo controle de ocupação dos ambientes. Porém a manifestação da territorialidade e pertencimento em ambientes de trabalho, encontrada em indivíduos do *cluster* geracional emergente, pode representar um desafio projetual na medida em que tal público prioriza o espaço coletivo em detrimento do pessoal. Acredita-se que os melhores projetos de arquitetura para ambientes de trabalho, no futuro breve, serão aqueles que consigam atingir determinado equilíbrio entre elementos materiais, conceituais e simbólico-afetivos, até que novas demandas surjam e a engrenagem projetual precise ser recalibrada sucessivamente.

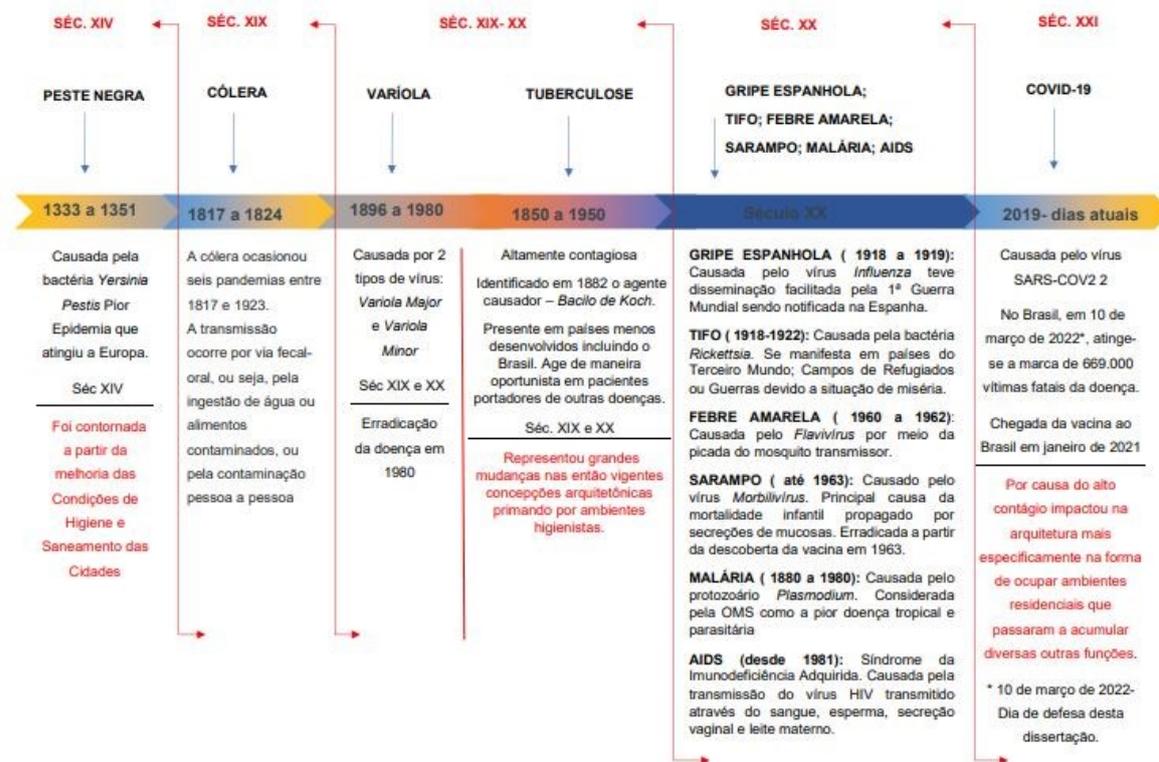
2.3 RESULTADOS- PARTE I

Conforme descrito anteriormente, nas próximas paginas veremos o resultado das pesquisas bibliográficas realizadas, sendo um conteúdo de grande relevância, sobretudo, para a contextualização do momento vivido ao longo deste trabalho. A pandemia da Covid-19 trouxe a oportunidade de se vivenciar, por dar ênfase prática, alguns conceitos de Psicologia Ambiental. Ainda mais adiante, serão elencadas questões ligadas à territorialidade e suas manifestações nos ambientes de trabalho, frequentados predominantemente por indivíduos pertencentes à geração *Millennials* e geração Z. Desta forma, linkados a tal cenário, pode-se retirar algumas reflexões sobre o conceito de territorialidade de um indivíduo.

2.3.1 As epidemias ao longo dos séculos e a arquitetura

Ao longo dos séculos, a humanidade enfrentou diversas crises de saúde global. Pode-se observar (Figura 05) que desde o século XIV tornava-se evidente a necessidade de se dar mais atenção às precárias condições de higiene e saneamento ofertados pelas cidades medievais que favoreciam a proliferação de doenças como a Peste Negra (1333- 1351).

Figura 05- Epidemias ao longo dos séculos e a Arquitetura



Fonte: A Autora adaptado de “As grandes epidemias ao longo da história”
Disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/as-grandes-epidemias-ao-longo-da-historia/>

Também por questões higiênicas e sanitárias é possível entender-se a proliferação do vírus causador do cólera, trazidos da Ásia para a Europa nos idos dos anos 1817 a 1830 e que encontravam nos bairros menos favorecidos, e suas baixas condições de infraestrutura o habitat ideal para proliferação. Da mesma forma, neste século, epidemias de varíola assolavam vários países (1896-1980). O que se pode analisar deste período é que, somente após uma revisão da estrutura urbana, que oferecesse melhores condições sanitárias e de saúde pública, somada a uma preocupação com o ambiente construído, puderam-se conter parcialmente o avanço destas epidemias⁷ (www.super.abril.com.br).

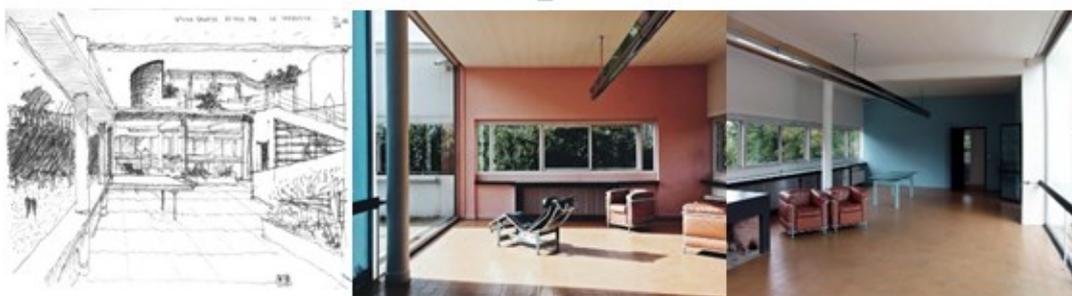
Avançando-se pelos séculos nota-se que as questões sanitárias entram nas pautas importantes de construção tanto de espaços públicos como privados indo para certos extremos higienistas que visavam contornar epidemias quase que de forma asséptica. Exemplo significativo da mudança de formas de se pensar os espaços e conseqüentemente a forma de se projetar é quando em boa parte do séc.

⁷ Matéria realizada pela redação da revista superinteressante, editora abril, por meio eletrônico. Disponível em <https://super.abril.com.br/saude/as-grandes-epidemias-ao-longo-da-historia/>

XIX e séc. XX eclode a tuberculose (1850-1950). Doença altamente contagiosa estava presente principalmente em países menos desenvolvidos como o Brasil.

A incidência da tuberculose chama a atenção dos arquitetos que entendem que, os espaços deveriam proporcionar as condições para uma vida livre de doenças. Erguiam-se os pisos das residências por meio de pilotis, a fim de se evitar o contato com a umidade do solo; abriam-se grandes aberturas, eliminavam-se os elementos decorativos que pudessem acumular sujeira e poeira. Surgiam novos materiais como o vidro prensado e o concreto que garantiam a adequação dos sistemas construtivos às novas exigências projetuais de higiene e conforto⁸.

Figura 06: Ville Savoye, Le Corbusier, 1928 -1931.



Fonte: Spatial Modernist Architectural Artistic Concepts. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/321366087_Spatial_Modernist_Architectural_Artistic_Concepts

Nomes como Le Corbusier com a sua *Ville Savoye* em Possy (Figura 06), França, são exemplos icônicos das mudanças arquitetônicas que marcaram este período. A preocupação em se abrir grandes vãos para ventilação e iluminação naturais; a ausência de mobiliário e a elevação do piso de convívio são características marcantes do pensamento à época. O uso de elementos como azulejos em paredes e armários embutidos que facilitassem a limpeza doméstica, eram adotados como soluções projetuais, assim como os lavabos que facilitavam a higienização dos visitantes⁹.

⁸ Dados extraídos do documentário “¿Casas y escuelas anticovid? El ejemplo de cómo la arquitectura moderna frenó la tuberculosis”. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=SXhojZb_x6s&list=RDCMUCY2hu_NT5NDbBU-HGxgqMuA&index=2

⁹ Informações obtidas a partir do artigo escrito por Beatriz Pereira de Almeida na página do escritório Athié Wohnrath. “A arquitetura e as pandemias”. Acessado em 01/05/2021. Disponível em <https://www.athiewohnrath.com.br/aw-e-trends/a-arquitetura-e-as-pandemias>

Tratando-se das mudanças na forma de se projetar espaços baseado em uma estética e concepção higienista¹⁰, um exemplo marcante do período é o Sanatório para tuberculosos em Paimio (Figura 07), Finlândia do arquiteto finlandês Alvar Aalto, em 1929-1933.

Figura 07- Sanatório para Tuberculosos em Paimio, Alvar Aalto, Finlândia- 1929-1933.



Fonte: MICASA - Disponível em: <https://micasa.com.br/conteudo/paimio-sanatorium--alvar-aalto1>

O projeto deste edifício teve como preocupação expressiva a funcionalidade e visava capturar e usufruir de iluminação e ventilação naturais por meio de suas grandes aberturas assim como trazia como preocupação principal o ser humano em estado de reabilitação, para o qual detalhes foram pensados.

Além das aberturas, terraços e telhados planos nota-se a preocupação com superfícies lisas e arredondadas que não acumulassem sujeira ou pó originando o desenho de mobiliário sem elementos decorativos, característicos da preocupação e da linguagem projetiva do movimento moderno.

A ausência de ornamentação da madeira esculpida e do mobiliário estofado em favor de uma praticidade e assepsia (figura 8) pode ser verificada, nos trabalhos de nomes clássicos da arquitetura moderna.

Assim como Alvar Aalto utilizava-se da madeira compensada conformada, Marcel Breuer e Mies Van Der Rohe usavam materiais alternativos para a época, no caso o aço tubular curvado, como elemento essencial nos desenhos de seus mobiliários. Mesmo em um período um pouco anterior, Michael Thonet (Movimento

¹⁰ Recomenda-se assistir ao documentário “ ¿Casas y escuelas anticovid? El ejemplo de cómo la arquitectura moderna frenó la tuberculosis”. Disponível em : https://www.youtube.com/watch?v=SXhojZb_x6s&list=RDCMUCY2hu_NT5NDbBU-HGxgqMuA&index=2

Arts and Crafts) em 1830, já apresentava a preocupação com linhas mais puras, utilizando-se também de uma técnica alternativa de curvamento de madeira¹¹.

Figura 08- Exemplo Mobiliário Modernista.



1-2: Cadeira Thonet nº 14 e Sofá Modular de Michael Thonet (1859)

Fonte: <https://www.revistaambientesce.com.br/2020/05/>

3-4: Marcel Breuer e a sua Wassily Chair (1925)

Fonte: <https://blog.essenciamoveis.com.br/poltrona-wassily-por-marcel-breuer/>

5-6: Mies van der Rohe e sua cadeira Cantilever Chair M10 (1927)

Fonte: <https://honorificlondon.tumblr.com/post/129138814713/mies-van-der-rohe-in-his-apartment-on-east-pearson>

Nos séculos XIX e XX outras epidemias devastaram grande parte da humanidade sendo que algumas até os dias de hoje não encontram a cura efetiva como é o caso da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Pode-se elencar como grandes epidemias as Febres Tifoide e Amarela, a Malária, o Sarampo e a Gripe Espanhola, esta última que teve sua disseminação facilitada pela 1ª Guerra Mundial.

Percebe-se que a arquitetura, em momentos da história é chamada a contribuir com soluções que promovam a contenção e erradicação de doenças. A partir da II Guerra Mundial, as construções parecem voltar-se para dentro de si mesmas, dotadas de espaços com dimensões reduzidas em contrapartida ao

¹¹ Informações obtidas a partir do artigo escrito por Beatriz Pereira de Almeida na página do escritório Athié Wohnrath "A arquitetura e as pandemias". Acessado em 01/05/2021 disponível em <https://www.athiewohnrath.com.br/aw-e-trends/a-arquitetura-e-as-pandemias/>

aumento da densidade ocupacional que se manifestava nos grandes conjuntos habitacionais.

O caso da crise de saúde global, que se abateu sobre a humanidade desde 2019, com a proliferação da nova corona vírus, gera reflexões sobre estes modos de se projetar. Quais recursos serão utilizados para auxiliar a promoção do bem-estar na população? Tais reflexões estendem-se para questões de cunho socioambiental, onde ainda pesam questões como desigualdade social, infraestrutura de cidades e as condições desiguais de habitação.

A pandemia representou uma mudança de hábitos de vida tanto nos aspectos relacionados ao morar, consumir, interagir e trabalhar. Por sua vez, essas mudanças necessárias de hábitos demandarão novas formas de se entender e projetar espaços.

O espaço domiciliar como abrigo e proteção desempenhou, para além desta função primordial, o desafio de acomodar espaço de trabalho, espaço de atividades escolares e muitas vezes de atividades físicas. Os limites pessoais foram confrontados e os indivíduos precisaram ser resilientes e adaptáveis assim como os espaços utilizados. A relação com o ambiente externo aos seus lares, principalmente para os residentes em habitações coletivas tipo condomínio de apartamentos foram limitadas às vistas de uma janela e neste momento a diferença de uma boa insolação e ventilação, aspectos básicos de conforto ambiental, foram colocados à prova.

Ao mesmo tempo em que se tinha a sensação de proteção estando em isolamento em casa, a dúvida e a limitação de certos ambientes, por vezes, tornavam a transição desse período em algo sufocante e penoso. Outros que dispunham de maior espaço e contato com ambientes naturais, conseguiram transformar em positiva a sua relação com o ambiente residencial.

A apropriação e senso de territorialidade também se alteravam, pois espaços destinados anteriormente a uma atividade ou função específica, foram disputados e incumbidos de abrigar demais atividades que se faziam necessárias. O resultado é que foram descobertos novos ambientes e conseqüentemente, houve a necessidade do indivíduo recriar-se para superar de forma prática os inconvenientes de uma nova rotina.

Nos ambientes de trabalho que foram desocupadas por conta dos requisitos de isolamento e distanciamento, percebeu-se a urgência na atualização de plantas

bem como nos espaços residenciais, surgiram novas demandas com a possibilidade de acomodação de outras funções, como o trabalhar e exercitar-se.

Acredita-se que certas mudanças, foram benéficas, pois fizeram a humanidade repensar no ritmo de consumo seja de produtos ou de ambientes naturais. Houve tempo para reflexão e houve tempo para se respirar e para se pensar nos quesitos, valores, causas e situações elementares à vida.

Neste contexto, simbolicamente, houve tempo para falar, comunicar seu propósito, cumprir sua função, estender-se ou não a outras novas funções. Impossível negar que a relação pessoa-ambiente, pelo menos nos últimos tempos, nunca foi tão íntima e significativa.

2.3.2 Um estudo sobre gerações emergentes

O conceito de geração pode ser compreendido como uma forma de categorização. Mesmo que entre os integrantes de uma mesma geração sejam encontradas diferenças individuais significativas, ainda assim, podem ser estabelecidas relações e similaridades que permitam agrupamento baseado em características compartilhadas (VERZONI; LISBOA, 2015, p. 459).

As gerações estão “localizadas num intervalo de tempo (cronológico) e num espaço (histórico). Elas são, certamente, construídas num contexto sociocultural, mas também resultam de um fator biológico”(TOMAZ, 2014, p. 103).

Nessa pesquisa concentramo-nos a compreender características das gerações emergentes, nascidas em torno da virada do milênio, pois se entende que são as gerações que ocuparão prioritariamente os espaços de trabalho futuros para os quais os projetos de arquitetura serão desenvolvidos. Não se pretende estigmatizar nem criar rótulos generalistas, apenas pretende-se conhecer por meio de características comuns, o indivíduo que será o centro de projetos futuros.

2.3.2.1 Geração *Millennials* ou Geração Y

“A expressão ‘Geração *Millennials*’ foi cunhada por Howe e Strauss (1991, 2000) para se referir aos nascidos na virada do milênio, mais precisamente a partir de 1982 até o ano de 2000” (HOWE E STRAUSS apud TOMAZ, 2014, p. 103). Esta geração surge em um momento de revoluções tecnológicas e dispõe de maior

acesso aos recursos de informação e segundo estudos, devido à influência das tecnologias de informação, podem apresentar habilidades e formas de raciocínio diferenciadas. “Por terem nascido na era digital [...] os nativos digitais parecem ter desenvolvido uma forma específica de pensar e raciocinar o que lhes conferiu novas habilidades cognitivas diferentes dos seus predecessores”. (PRENSKY, 2001 apud VERZONI; LISBOA, 2015, p. 459). Esta ponderação encontra respaldo no trabalho de Tapscott (2010) que a partir de resultados das pesquisas feitas pelo Centro de Aprendizado do Laboratório de Tecnologia de Interface Humana da Universidade de Washington, afirma que a mente da Geração *Millennials*, denominada por ele como Geração Internet, “ [...] pensa de maneira diferente [...] eles desenvolvem mentes hipertextuais [...] é como se suas estruturas cognitivas fossem paralelas e não sequenciais” (TAPSCOTT, 2010, p. 130).

Um estudo realizado com universitários, também relatado por Tapscott (2010, p. 132) informa que a Geração *Millennials* mostrou aprender muito melhor com imagens do que com textos e observa ainda como característica essencial do cérebro desta geração, a habilidade de realizar várias tarefas simultaneamente em diversos meios. Outras pesquisas, feitas pelo Instituto Nacional de Distúrbios Neurológicos e Derrame dos Estados Unidos, liderado por Jordan Grafman, lançam a hipótese de que, por terem nascido e crescido em ambientes digitais, a rápida mudança de foco ou a execução de várias tarefas simultâneas tenha condicionado o cérebro destes jovens tornando-os mais rápidos nas respostas e mudanças de pensamentos (TAPSCOTT, 2010, p.130-135).

Seguindo para aspectos mais comportamentais da Geração *Millennials* observa-se que é uma geração que vem manifestando iniciativas, engajamento políticos e em causas sociais:

Dentre estes aspectos podemos destacar a ascensão de movimentos feministas, de valorização de classes menos abastadas e de resistência ao preconceito étnico. Tais manifestações deram origem a diversos coletivos, ou seja, grupos independentes que militam por uma determinada causa. (ANSAY, 2016, p. 23).

Como nasceram na virada de milênio, já conviveram com as preocupações de cunho ambiental e por isso demonstram estar atentos às suas cada vez mais urgentes, demandas. Em pesquisa, ao serem interrogados sobre quais acontecimentos mundiais que contribuíram para sua visão de mundo, foram citados:

a queda do muro de Berlim em 1989, a Eco-92 no Rio de Janeiro, o ataque ao World Trade Center em 2001, as discussões do aquecimento global e dos seus primeiros equipamentos e eletrônicos como o *I-Pod* (TOMAZ, 2014, p. 107).

Passando-se para uma análise do comportamento da Geração *Millennials* sobre a educação lembra-se da seguinte frase: “Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo. Educação é a única solução”¹². Essas foram as palavras da paquistanesa Malala Yousafzai durante discurso na ONU em Nova Iorque, em 2013. Não à toa, a paquistanesa mereceu o Prêmio Nobel de 2014. Do alto dos seus então dezessete anos, a paquistanesa, que aos quinze anos havia sido vítima de atentado por parte do regime totalitarista Talibã, conquistou o mundo com a sua luta pela igualdade de gênero a partir da educação. Talvez maior do que sua reivindicação pelos direitos femininos é a sua preocupação com a educação, o meio para o qual se consegue a liberdade de pensamento, o crescimento pessoal e intelectual e o processo de construção de si mesmo. Malala com seu ativismo traz à tona as preocupações sócio políticas típicas da geração com idade similar. Mais do que isto, demonstra que seu maior legado e propósito são os de estimular o desenvolvimento de outras pessoas.

Esse senso colaborativo e igualitário peculiares da geração, facilitados pelas oportunidades digitais, faz com que, a Geração *Millennials* configure:

A população universitária mais numerosa, com maior diversidade étnica com maior número de mulheres até hoje. Eles se importam com a educação: A grande maioria acha que ter um diploma de ensino superior é mais importante do que era para a geração de seus pais (TAPSCOTT, 2010, p. 151).

Pesquisas como as de Torres (2019), Ansay (2016), Ng e Johnson (2015) e Tapscott (2010), relatam que a busca por trabalhos interessantes e dotados de significado, identidade e valores, são características que sugerem que esta geração detém um contingente de pessoas que rompem barreiras sócio estruturais para obterem o senso de satisfação em suas vidas profissionais (DeVANEY, 2015).

Evidenciam-se questões relacionadas a propósito e estilo de vida, sendo que suas aspirações parecem carecer muito mais destas respostas do que às relacionadas a estabilidade, carreira e *status*. Um exemplo deste pensamento

¹² Discurso Malala. Disponível em <https://www.news.un.org/pt/tags/malala-yousafzai> Acessado em 10/06/2021

geracional é o recorte da pesquisa de Ng e Johnson (2015) quando observa que os indivíduos desta geração preferem trabalhar em companhias menores, lugares em que acreditam que terão um papel mais atuante e causarão maior impacto.

A prioridade desta geração é estar feliz, o que inclui a sua relação com o ambiente profissional ao invés da construção de carreira sólida, foco primordial da geração que a antecede imediatamente, denominada Geração X. Parece haver entre os *Millennials*, uma motivação de comportamento, valores e atitudes baseadas em seus relacionamentos pessoais e nas conexões humanas que seriam, por sua vez, influenciadas não apenas pela similaridade de idade entre seus pares, mas, pelo ambiente de crescimento, por suas habilidades tecnológicas e pelas mídias sociais (DeVANEY, 2015).

Inovação também parece estar no DNA desta geração, que utilizam alto poder de influenciar e criar novas tecnologias com aumentos significativos nas últimas décadas (BURSTEIN, 2013) originando empresas como *Facebook*, *Foursquare*, *Grupon*, *Instagram*, *Tumblr* entre outras. Com esta mentalidade disruptiva e inovadora a Geração *Millennials* demonstra desejar qualidades diferenciadas das gerações anteriores em relação a suas vidas profissionais, onde prevalecem a liberdade para se trabalhar quando e onde quiserem.

Estudos realizados com indivíduos pertencentes a geração *Millennials* revelam a sua preferência por horários flexíveis e a possibilidade de se trabalhar fora do escritório, a customização de cargos adaptáveis e baseados em projetos (TAPSCOTT, 2010), a colaboração em detrimento de sistemas verticalizados e rigidamente hierárquicos e a diversão e o entretenimento por meio de atividades que agreguem os grupos e promova a interação, sem menosprezar o caráter de urgência e velocidade na realização das atividades.

2.3.2.2 Geração *Centennials* ou Geração Z

De acordo com a classificação etária a geração Z diz respeito aos indivíduos nascidos de 2005 até os dias atuais. São assim chamados por derivação do inglês *zapping* traduzido como o ato de zapear que é a forma coloquial de se referir à mudança de canais de televisão repetidamente (HOWE; STRAUSS 2005 apud BEJTKOVISKY, 2016). Metaforicamente, esta é uma característica demonstrada por

indivíduos desta geração de se interessarem e desinteressarem, quase que instantaneamente, por determinada informação ou conteúdo.

Entre outras características apontadas demonstram serem mais conscientes do que sua geração antecessora, substituindo o otimismo por um pragmatismo na obtenção de resultados. Demonstram estar mais ligados à família tanto que relatam seguir orientações dos pais na escolha de suas profissões. Este apego a família ou valores familiares, no entanto não exclui, de acordo com Bejtkovisky (2016) a carência de habilidades interpessoais necessárias para a comunicação e relacionamento com os demais.

A partir de resultados de pesquisas desenvolvidas com indivíduos pertencentes a geração Z descobriu-se que tais indivíduos, assim como no caso da geração Y, demonstram ter amplo domínio da internet e de tecnologias digitais com habilidades multitarefas, porém ainda mais acentuadas que seus predecessores (HALF, 2015 apud SALTORATTO; GASCHLER; AGUIAR; OLIVEIRA, 2019). As pessoas nascidas nesta geração demonstram habilidade na administração e utilização da diversidade de canais de informação disponíveis e são capazes de participar de reuniões, acompanhar mídias sociais, assistir Televisão ou jogar games, simultaneamente. Os autores caracterizam-na como sendo uma geração criativa que desenvolve soluções inovadoras para problemas tradicionais e que, embora valorizem a independência no trabalho, contam que serão orientados em suas demandas para entrega de resultados de excelência. Diferente da geração anterior, no entanto demonstram preferir interações presenciais a digitais entendendo que as primeiras propiciam relações mais autênticas que as segundas.

Ainda segundo Saltoratto et al. (2019) as habilidades sociais ou *soft skills* destas pessoas parecem prevalecer em relação às competências técnicas ou *hard skills*, fruto do entendimento de que apenas habilidades técnicas já não representam um fator crucial para diferenciação e valorização profissional.

Outro aspecto apontado como característica marcante da geração Z e que a difere significativamente da geração anterior, esta no desejo de estabilidade financeira, em detrimento de um desejo do emprego ideal, encontrado como propósito da geração Y. Esta característica é justificada pelos autores, frente ao conturbado cenário político-econômico-social vivenciados em grande parte das nações, inclusive no Brasil, nas últimas décadas. Apesar disto, o desejo de estabilidade financeira não exclui ou se sobrepõe ao desejo de pertencimento a

organizações que promovam impactos positivos na sociedade em que vivem tornando portanto para estes indivíduos, muito relevante as preocupações quanto a responsabilidade social.

Dados obtidos na pesquisa de Saltoratto et al. (2019) realizada com estudantes do curso de engenharia de produção de uma universidade privada do estado de São Paulo, indicam que podem estar equivocadas as conclusões de que a geração Z analisa apenas superficialmente as informações. O fato de possuírem ou desenvolverem atividades multitarefas, naquele grupo de pesquisa, não foi indicativo de que existia por parte dos indivíduos uma busca rasa de conhecimento. O que se comprovou é que, de fato, o uso da internet é essencial a estes indivíduos especialmente por meio de smartphones que representam o principal meio de acesso à informação.

Ainda no aspecto uso de internet e desenvolvimento de multitarefas o resultado das pesquisas desenvolvidas por Krampe, Brambilla e Angnes (2018) vão contra a ideia de que haja maior aptidão para as multitarefas e maior facilidade de processamento das informações *on line* nas gerações Y e Z, em comparação a geração X. Deve-se lembrar que atualmente o uso de informações pela internet é difundido amplamente entre indivíduos de todas as gerações.

Pesquisas como as mencionadas acima, que levantam hipóteses sobre afirmações apresentadas na literatura, além de necessárias, deixam claro que as generalizações ou estereotipagens de comportamentos são perigosas. Nesta pesquisa, a classificação de grupos por geração é utilizada como uma ferramenta para se entender características, anseios, semelhanças e diferenças de *clusters*¹³ de indivíduos em relação a um todo social. (MANNHEIM, 1952 apud WELLER, 2010). Ou seja, a comunhão de pensamentos e anseios sobre circunstâncias históricas e sociais compartilhadas, vividas por grupos de indivíduos em momentos específicos de suas vidas. No caso das gerações emergentes, poderia se afirmar que, o advento e acesso à internet e às diferentes tecnologias de informação são relevantes para a caracterização de experiências compartilhadas entre os pares destes grupos, para além da simples similaridade etária.

¹³ Na literatura alguns autores como Howe e Strauss (1992 apud Krampe et al., 2018) usam o termo **corte**, para se referirem a um determinada amostra de indivíduos de mesma idade e que vivenciam experiências similares em períodos específicos o que sugere o desenvolvimento de comportamentos semelhantes entre eles.

Características atribuídas a esses indivíduos levam à reflexão acerca de aspectos físico-espaciais e dos comportamentos socioambientais, mais precisamente os relacionados à territorialidade (SANTOS, 2009; SOMMER, 1973).

Observa-se que a escolha de *lócus* de pesquisa não é aleatória, pois o ambiente de trabalho é onde prevalecem as interações interpessoais, onde ocorre o crescimento e amadurecimento intelecto-profissional e sobretudo a ocupação interativa do espaço que assume o propósito fenomenológico da arquitetura, portanto a construção de relações sejam estas interpessoais bem como entre pessoa-ambiente, são características fundamentais para estudos da Psicologia Ambiental. Ainda sobre interações, lembre-se de Pallasmaa (2011) que discorre sobre troca e interação, descrevendo-as como um fenômeno Inter-relacional que pode acontecer entre pessoas, pessoas e espaços, pessoas e obras de arte. Esta inter-relação é o momento em que o observador empresta seu olhar, sua memória, enquanto a obra por sua vez empresta ao observador sua forma, meio de expressão, autoridade e aura.

2.3.3 Ambientes de trabalho

Por diversos motivos, “Dentre os diversos tipos de espaço construídos pelo homem, os ambientes destinados ao trabalho foram os que passaram por transformações mais profundas nas últimas décadas.” (CALDEIRA, 2005).

2.3.3.1 Do surgimento do Bureau à Pandemia da Covid-19

Cronologicamente, aponta-se para a utilização de um mobiliário doméstico, a escrivaninha, como responsável pela nomenclatura de *bureau* (que significa escritório em francês, e foi adotado também para língua inglesa). Este mobiliário passou a ocupar os chamados gabinetes privativos e as atividades nela realizadas eram tidas como intelectuais, como por exemplo a escrita, a contabilidade e até mesmo o projeto. Segundo Caldeira (2005), um dos primeiros edifícios concebidos para abrigar atividades administrativas foi o famoso palácio florentino Degli Uffizi (Figura 09). Entretanto, foi no século XIX a partir dos anos 1860, com o significativo aumento da população urbana e o impulsionamento do capitalismo, que surgiu o aumento de profissões formais, que por sua vez implicaram no aumento da

burocracia de processos. A partir daí percebe-se a necessidade de se ter espaço dedicado ao trabalho burocrático (SILVA, 2014).

Figura 09- Galeria *Degli Uffizi*; Escrivaninhas.



Fonte: The Florence Art Guide

Disponível em: <https://www.mega.it/eng/egui/monu/ufu.htm> Acessado em 15/02/2021

Logo depois entretanto começam a surgir doutrinas voltadas à racionalização e aumento de eficiência no trabalho sendo a primeira delas o Taylorismo¹⁴, que foi originado no final do século XIX (CALDEIRA, 2005) e se tornou o norteador da forma de concepção de escritórios de grande porte, separados fisicamente das unidades fabris, mas ainda com critérios e métodos tão rígidos quanto os das fábricas.

Figura 10- Edifício Carson, Pirie & Scott. 1899. Adler e Sullivan.



Fonte: <https://www.britannica.com/place/Carson-Pirie-Scott-and-Co-store>.

¹⁴ Modo de organização do processo produtivo criado por Frederick Winslow Taylor no final do século XIX, em meio aos acontecimentos da Revolução Industrial (Caldeira, 2005).

Foi nesta época, influenciados pelos pensamentos da Escola de Chicago¹⁵, que começam a aparecer os primeiros edifícios verticais (Figura 10), os arranha-céus que representavam o status de uma organização, evidenciando a hierarquia vertical, onde quanto mais alto o pavimento do trabalhador, mais alta seria sua posição hierárquica organizacional.

Importante observar que nem mesmo o surgimento da máquina de escrever, com real funcionamento em 1868¹⁶, causou tanto impacto a configuração original de tais espaços quanto o período imediatamente posterior a 1ª Guerra Mundial. A partir deste marco, com o crescente fluxo de papéis e informação, experimentou-se um significativo aumento da demanda de funcionários e equipamentos.

Os escritórios objetivavam aumentar a produtividade no menor tempo possível. A racionalização introduzida pela padronização do mobiliário e a rigidez do layout era uma forma de assegurar a disciplina e a linearidade do processo de trabalho. Exemplo de rigidez é a implantação do relógio-ponto.

Observa-se, porém, neste período marcado pelo pensamento Taylorista, uma preocupação com espaços dimensionados e mobiliário ergonômico:

Pela primeira vez o design de mobiliário, dos equipamentos e a disposição de cada componente no ambiente de trabalho, assim como das janelas, portas, corredores, ventiladores e luminárias, é regido por critérios funcionais em detrimento da retórica estilística com finalidade ostentatória (Caldeira, 2005, p. 2).

Segundo Caldeira (2005), o primeiro arquiteto a encarar de uma forma global e integrada, o projeto arquitetônico e o projeto dos interiores do edifício e instrumentos segundo os ideais da Escola de Chicago, foi Frank Lloyd Wright, e pode-se observar e apreciar a sua linguagem de arquitetura, pelos dois exemplos citados a seguir.

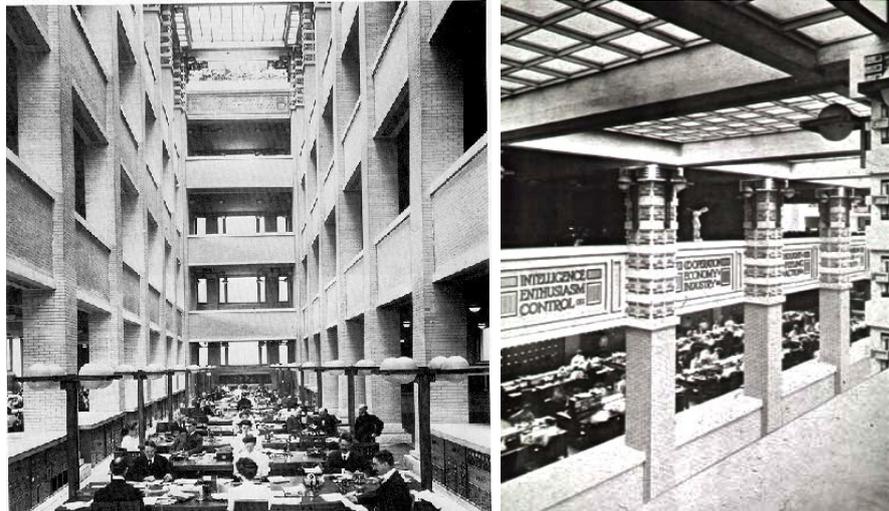
No projeto do Edifício Administrativo *Larkin Building* (Figura 11), pela primeira vez, adotou-se um sistema central de renovação e climatização do ar, com dutos embutidos na alvenaria e grelhas de insuflação e retorno. Também, pela

¹⁵ Tal nome referia-se aos professores da cadeira de Economia da Universidade de Chicago, baseada também em princípios do liberalismo, porém focada nas ideias neoliberais. Importante observar que na Arquitetura tratou-se de um movimento de verticalização de edifícios apoiados por uma transformação nos sistemas construtivos, até então predominantes em madeira e sujeitos à incêndios em larga escala. Os grandes representantes da Escola de Chicago foram os arquitetos Louis Sullivan, Le Baron Jenney Adler / Burnham & Root. Fonte: <https://andrebona.com.br/o-que-sao-a-escola-austriaca-e-a-escola-de-chicago-de-economia/>

¹⁶ Produzida pelo tipógrafo americano Christopher Latham Sholes de Milwaukee Wisconsin

primeira vez, se projetou um mobiliário específico de trabalho, sendo o aço o material de acabamento, condizente com a clareza e racionalidade do desenho geral do edifício.

Figura 11- Edifício Administrativo Larkin Building



Fonte: <https://www.buffalohistorygazette.net/2011/10/larkin-administration-building-of.html>

Outro exemplo dos novos conceitos que enfatizavam uma significativa melhoria nos ambientes de trabalho, pode ser vista na sede da empresa S.C Johnson, projetada pelo renomado arquiteto Frank Lloyd Wright (figura 12).

Figura 12- Sede Administrativa S.C. Johnson



Fonte: <https://www.scjohnson.com/pt-br/a-family-company/architecture-and-tours/frank-lloyd-wright/designed-to-inspire-sc-johnsons-frank-lloyd-wright-designed-administration-building>

No período entreguerras, começam a se manifestar as primeiras críticas ao Taylorismo, quando teóricos como Elton Mayo, por meio do chamado Movimento das Relações Humanas, propunham a substituição do método coercitivo e autoritário, pelo modo psicossocial que buscava atribuir ao funcionário um maior

senso de participação nas decisões das organizações. Tais autores começam a escrever então, sobre melhorias nas formas de trabalho fatores que mais tarde influenciariam significativamente a arquitetura, sobretudo no contexto dos escritórios e fábricas (TALMASKY, 1998; CALDEIRA, 2005).

Também no período entreguerras alguns arquitetos europeus migraram para os Estados Unidos da América e dentre Eles Mies Van Der Rohe, que assume a direção de uma renomada escola de arquitetura em Chicago. Alguns edifícios icônicos deste período, produzidos por Mies Van Der Rohe, serão apresentados abaixo (Figura 13)

Figura 13- Edifício Seagram e Edifícios 660-680 Lake Shore Drive, Mies van der Rohe.



Fonte: <https://www.archdaily.com/>

O histórico de Mies Van Der Rohe, sua competência e as oportunidades que lhe foram dadas, em sua nova fase criativa (americana) agora mais focada nas estruturas de aço retilíneas, foram suficientes para influenciar uma nova geração de arquitetos e designers. O movimento que daí se originou inicialmente denominado de Miesian, mais tarde por similaridades com o movimento do final do século XIX e mesmo por uma coincidência geográfica, foi chamado de Segunda escola de Chicago por alguns autores (SCHULZE; HERRINGTON, 2003).

A partir de 1960, diversos pensadores propõem novas formas de trabalho, como por exemplo, o surgimento das estações de trabalho, por alguns denominados como baias, que visavam dar subsídios de funcionalidade respeitando-se a privacidade alternada com a dinâmica coletiva de trabalho. Além das baias, surgem também os sistemas modulares que permitiam a incorporação de componentes de acordo com o tipo de atividade assim como possibilitavam agregar-se mais postos

de trabalho às atividades afins, as chamadas ilhas de escritório. Nestas composições, as mesas eram separadas umas das outras por divisórias baixas que promoviam muitas vezes o contato visual, mantendo alguma privacidade a cada usuário.

Figura 14- Linha Action Office: Primeiro Sistema de estações de trabalho para escritórios de planta livre, desenvolvidos pela empresa norte-americana Herman Miller, em 1968.



Fontes: <https://funcional.com.br/evolucao-dos-escritorios-e-seu-mobiliario/>
<https://pinupmagazine.org/articles/the-story-of-action-office-2-and-cubicle-inventor-robert-propst-herman-miller>

O caráter hierárquico e segregador, no entanto, ainda prevalecia, pois apenas cargos maiores dispunham de espaços privados como salas, enquanto a equipe se distribuía em espaços abertos coletivos. Na figura 14, é apresentada uma configuração espacial que faz a separação dos postos de trabalho de acordo com respectivas atividades e os níveis de privacidade e territorialidade. Também são apresentadas diferentes divisórias, que remetem ao grau de privacidade de cada posto.

Na sequência, na década de 70, houve importante desenvolvimento criativo e inovador, tanto na utilização de materiais mais ergonômicos com melhores tecnologias, como uma fuga à padronização por meio de cores e diferenciação de formas mais geométricas. A estetização de equipamentos eletroeletrônicos foi também aplicada aos móveis¹⁷. Na década de 80, padrões ergonômicos e de conforto foram trabalhados a partir do emprego e aperfeiçoamento de novos materiais e tecnologias como, por exemplo, o uso painéis de madeira revestida com tecidos, injetados plásticos, novos mecanismos de regulagens e a diversificação de materiais aplicados aos móveis. O resultado foi uma melhor customização dos

¹⁷ Fonte: <https://funcional.com.br/evolucao-dos-escritorios-e-seu-mobiliario/>

projetos, mais opções de móveis e melhor usabilidade dos produtos. Importante agente transformador foi a implantação dos computadores no lugar de máquinas de escrever, de calcular e de telex, modificando o estilo e dimensionamento do mobiliário corporativo e os próprios ambientes de trabalho¹⁸. Inicialmente, haviam salas destinadas aos equipamentos de informática que gradativamente foram tomando conta das estações de trabalho. Houve impacto também no dia-a-dia das atividades, pois as pessoas passavam a ficar mais tempo sentadas, deslocando-se em espaços menores. Parece ter havido um uso exacerbado destas soluções e o resultado posterior foram estações de trabalho de tamanhos mínimos, os conhecidos cubículos.

A partir dos anos 2000, as mudanças tecnológicas e a popularização da internet impulsionaram, ainda mais, as transformações na paisagem dos escritórios. No Brasil, por exemplo, ocorre um movimento de grande densificação dos ambientes de trabalho orientados pela maximização da ocupação dos espaços. Surgem escritórios superocupados, muitas vezes sem os devidos tratamentos acústicos, o que não favoreciam em longo prazo, o desenvolvimento de atividades, com pouca ou nenhuma privacidade ao usuário. As empresas brasileiras precisavam reavaliar sua cultura e processos, visando a manutenção da sua força de trabalho. Enquanto isso, em outros países, grandes empresas de tecnologia, como por exemplo, a Google, ditavam algumas novas formas de ocupação de ambientes.

Em paralelo às mudanças nos ambientes físicos de organizações empresariais, surgiam os espaços de *coworking*, que são espaços físicos compartilhados, promotores da colaboração entre trabalhadores independentes. De acordo com Waters-Lynch, Potts, Butcher, Dodson e Hurley (2016) são escritórios denominados como de planta livre ou *open-plans*, onde empresas e trabalhadores independentes compartilham o mesmo espaço de trabalho.

Ainda que não se tenham consenso acadêmico sobre o termo *coworking* este teria sido utilizado pela primeira vez pelo programador de jogos Bernard deKoven em 2005 e, em seguida, difundido pelo programador de computação Brad Neuberg em resposta às mudanças nas condições socioeconômicas que influenciavam o trabalho à época. Empreendedores individuais achavam nesta forma de colaboração um cenário interessante à escolha de trabalho em organizações, que

¹⁸ Fonte: <https://funcional.com.br/evolucao-dos-escritorios-e-seu-mobiliario/>

ditavam regras e condições de trabalho, bem como vinham em contrapartida à escolha de trabalhar em casa, isolado do contexto de trabalho (KENNET, 2008 apud WATERS-LYNCH et. al., 2016). Desta forma, estes ambientes seriam uma alternativa entre o emprego tradicional em um ambiente de escritório convencional, o isolamento de um trabalho em casa e o trabalho informal em espaços públicos como cafés e livrarias¹⁹ (WATERS-LYNCH et al., 2016).

Ainda segundo os autores, os espaços de *coworking* se distinguem de setores de escritórios empresariais em alguns aspectos, tais como:

- a) Perfil dos cotrabalhadorees em geral composto por pessoas jovens, por volta dos vinte anos de idade;
- b) Pela centralização de interações sociais, principal característica do espaço;
- c) Pelo design característico, prima pelo trabalho aliado à diversão (contrário ao modelo Fordista).

Os autores observam ainda o entendimento de que pessoas possam trabalhar melhor em pares, compartilhando conhecimentos, a trabalharem sozinhos. Esta consideração resulta no desenvolvimento de melhores lugares para se trabalhar assim como, novas formas de trabalhar.

Pesquisas como a *Projetando 2030*, feita pela *Dell Technologies Brazil*²⁰ e *Institute For the Future* (IFTF 2019, apud CARVALHO, 2019) apontavam ainda mais mudanças no cenário de ambientes de trabalho. Estima-se que em 2030, cerca de 85% dos trabalhos serão novos, não significando que os trabalhos atuais deixarão de existir mas, serão transformados e automaticamente demandarão novos espaços e relações dentro deles (CARVALHO, 2019).

Com a questão pandêmica de 2019, viu-se uma migração do trabalho presencial para o sistema remoto de *home-office*²¹ (BRITO, 2021) onde, muitas vezes, não se havia espaço físico disponível para atividade profissional exclusiva,

¹⁹ Lugares como cafés, livrarias seriam considerados pelo sociólogo Oldenburg (1989 apud Lynch, 2016) como o “3º lugar” de trabalho, diferente do conceito de *coworking* que são lugares planejados e equipados para o desenvolvimento de tarefas.

²⁰ Pesquisa realizada pela Dell Technologies Brazil disponível em <https://projetodraft.com/85-das-profissoes-que-existirao-2030-ainda-nao-foram-criadas>; <https://delltechnologies.com/pt-br/perspectives/future-of-work.html>

²¹ Matéria publicada por Brito (2021). Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/home-office-como-administrar-os-desafios-longo-do-escritorio/>>

bem como condições adequadas para realização mesmas atividades. A falta de privacidade, ruído excessivo, ausência de mobiliário adequado, ausência de iluminação natural, ausência de internet rápida são alguns dos fatores negativos encontrados no sistema de home-office²²

Acredita-se que para muitos, a falta de um local adequado para a realização de suas respectivas rotinas, alterou negativamente sua relação com o espaço temporário.

Pesquisas²³ apontam que apesar da desocupação de lajes corporativas ter sido em torno de 40%, a produtividade em diversos setores aumentou em 50%. Entretanto, apesar dos benefícios, identifica-se o aumento do número de casos de estresse onde os colaboradores relataram queda de empatia com colegas e distúrbios de sono (ROYAL SOCIETY FOR PUBLIC HEALTH apud BRITO, 2021), atingindo também extremos como casos de solidão, esgotamento físico e mental e casos de *burnout*²⁴ (URBAN apud BRITO, 2021).

Passando-se do escritório planejado dos anos 80, onde prevalecia a organização hierárquica, influenciada, dentre outros, pelos escritórios da empresa *Google* nos anos 2000, que focavam a horizontalidade e a colaboração, os espaços de *coworking* e chegando-se ao espaço de trabalho pós- pandemia, percebe-se que, a condição primordial, deve ser a qualidade do ambiente²⁵ onde se desenvolvem tais atividades, bem como as relações que nele ocorrem e a satisfação pessoal de quem o ocupa.

Nesse ponto, porém, é importante lembrar que são várias as determinantes para a satisfação no trabalho (MARQUEZE; MORENO, 2005) e, portanto, não se deve atribuir a falta de satisfação apenas ao arranjo físico-espacial ou estético de um ambiente. Não há como se negar que a satisfação com o lugar interfere na forma com que cada usuário lê e se apropria do seu espaço.

²² Matéria disponível no site da Herman Miller www.hermanmiller.com

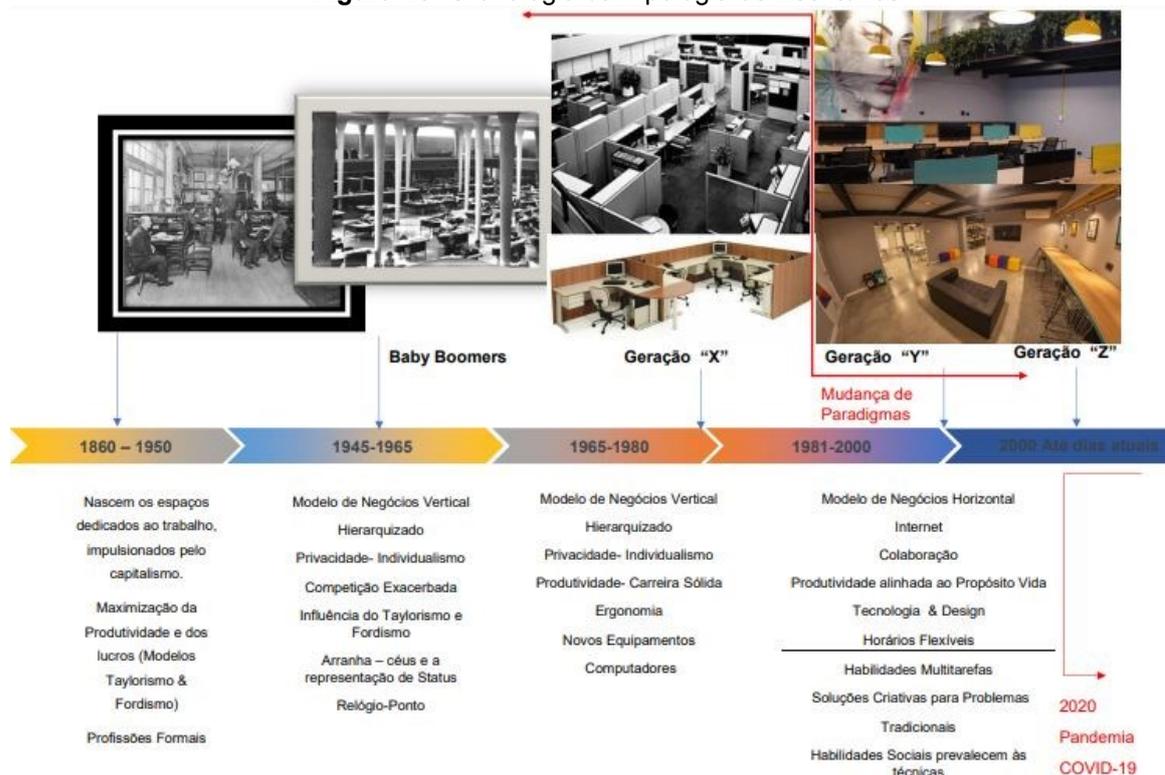
²³ A matéria apresenta pesquisas da Royal Society for Public Health; Consultoria de Recrutamento Robert Half e Valuing, empresa de treinamento de executivos. Basea-se ainda em Dados do IBGE, Data Folha e Valor Econômico.

²⁴ Síndrome de *Burnout* ou Síndrome do Esgotamento Profissional é um desgaste devido à sobrecarga profissional, levando a um esgotamento físico e mental da pessoa. (Trigo; Teng; Hallak, 2007).

²⁵ O entendimento de qualidade do ambiente, segundo Vischer e Wifi (2015) está descrito na seção 2.3.3.2 “aspectos ambientais e técnico-construtivos”, deste trabalho

Pesquisas²⁶ reportam que existe correlação entre a satisfação com o espaço de trabalho e o engajamento de seus usuários (GALLUP INSTITUTE, 2017; GENSLER INSTITUTE, 2019). Descrevem que no ambiente que permite melhor interação dos colaboradores com seus pares e o maior envolvimento com a cultura da empresa, tanto maior é o senso de pertencimento àquela organização. Somados a estes resultados, outras pesquisas, informam que, em países da América do Sul, os usuários trabalham melhor quando em ambientes compartilhados com outras pessoas.²⁷ Enfatiza-se a concepção de ambientes de trabalho onde prevaleçam sistemas integrados, flexíveis, capazes de se reorganizarem de forma dinâmica e versátil, customizados o uso ao invés de padronizados e que, sobretudo, sejam ambientes mais humanizados e promotores de melhores interações entre os usuários.

Figura 15- Cronologia da Tipologia de Escritórios



Fonte: A Autora baseada em Silva, 2014.

Analisando-se o estilo de vida das gerações que se utilizam dos ambientes corporativos, conforme o quadro apresentado pela figura 15 observa-se que,

²⁶ Pesquisa realizada pelo Instituto Gallup (2019): Statement of the American Workplace e pela empresa Gensler (2019): U.S. Workplace Survey.

²⁷ Pesquisa "O Local de trabalho na América Latina" realizada pela empresa Gensler, 2019.

atualmente, a força de trabalho é formada por pelo menos quatro gerações (TOMAZ, 2014; TORRES, 2019):

- a) Os *Baby Boomers* (1945-1965);
- b) Geração X (1965-1980);
- c) Geração Y ou *Millennials* (1981 a 2000);
- d) Geração Z (2000 até os dias atuais).

Se para as gerações *Baby Boomers* e a Geração X o foco estava na estabilidade e ascensão de carreira, para as Gerações Y e Z o foco está primordialmente na qualidade de vida. Considerando-se que estas serão as gerações contemporâneas e futuras a usufruírem dos espaços trabalho, há que se mudar a mentalidade na concepção de projetos que promovam, além do equilíbrio entre pilares-chave (trabalho; família; amigos e indivíduo) a integração entre trabalho e carreira; bem-estar e saúde; relações e comunidades e entre lar e família.

Percebe-se que, a ampliação do entendimento de humanização dos espaços corporativos, bem como a flexibilidade de atividades, são práticas corriqueiras nos dias de hoje e promovem maior sensação de realização e cumprimento de tarefas. Entende-se a necessidade de soluções arquitetônicas que possibilitem autonomia e flexibilidade das formas de se viver e produzir. A incorporação de aspectos mais humanizados como, por exemplo, o uso de materiais naturais e sustentáveis e outras estratégias do Design Biofílico²⁸ (ZANATTA; SANTOS-JR; PERINI; FISCHER, 2019), bem como atendimento de níveis de conforto visual, acústico e térmico aliados à configurações dinâmicas e customizadas, podem criar o que se procura obter como uma experiência de satisfação para o usuário.

Com o foco centrado no usuário, o que se confirma é a preocupação com os valores, cultura e ideias: como cada indivíduo forma a sua visão de mundo e a compartilha com seus pares. É onde a arquitetura e o design proporcionam ao

²⁸ Design Biofílico: A Biofilia é um termo que se refere ao “amor à vida” aos elementos naturais. Difundida em 1984 pelo biólogo americano Edward Wilson com sua obra homônima “Biophilia” a defende como característica inata do ser humano de se estar conectado aos elementos naturais, ao ambiente natural. Assim sendo o Design Biofílico seria, a forma do ser humano se conectar a natureza por meio do ambiente construído.

indivíduo, além da realização dos objetivos técnicos de produção e amadurecimento profissional, explorar seu máximo potencial individual.

Momentos de exceção como o causado pela Pandemia do Covid-19 demandaram novas formas de trabalho. Alterou-se, por exemplo, fundamentos do estilo de trabalho em espaços de *coworking* que preconizam o “[...] senso de comunidade entre as pessoas que ali trabalham [...] o que pode permitir-lhes beneficiar da transferência de conhecimento, troca informal, cooperação e formas de interação com os outros, bem como oportunidades de negócios.”(CEINAR; MARIOTTI, 2021, p. 278 - Tradução nossa). A partir da experiência de *home office* ou do modelo híbrido preferido por 70% de usuários e por 95% dos executivos²⁹ (Brito, 2021), percebe-se que a convivência presencial é lançada mão em momentos em que seja imprescindível a interação entre pares. Se resgata o senso coletivo e colaborativo de pertencimento e desenvolvimento de trabalho, para além da simples ocupação coletiva de um espaço. Ao apropriar-se do espaço de forma a compartilhar não apenas a área física, mas o produto da colaboração, o indivíduo tende a destacar o seu ser no mundo, seu papel naquele determinado grupo e sua identidade.

2.3.3.2 Aspectos Ambientais Técnico – Construtivos

Jacqueline Vischer e Mariam Wifi (2015) consideram que a qualidade de vida no trabalho promove melhorias na qualidade de vida do trabalhador e, segundo as autoras, os efeitos do desenho do ambiente e as suas características são verificadas no moral e na produtividade do trabalhador. Seguindo neste raciocínio, entendem que um parâmetro para avaliação da qualidade do ambiente seria a análise dos níveis de conforto deste ambiente pois, mesmo considerado funcional, um ambiente pode se tornar improdutivo se as condições de satisfação de conforto não forem adequadas.

A qualidade do ambiente construído segundo Vischer e Wifi (2015) pode ser determinada por:

²⁹ Matéria publicada por Brito (2021). Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/home-office-como-administrar-os-desafios-longe-do-escritorio/>>

- a) Características instrumentais, que são as propriedades físicas e as qualidades funcionais necessárias para que os indivíduos possam desempenhar suas tarefas;
- b) As qualidades latentes que seriam as qualidades psicológicas, socioculturais e sociopsicológicas ou comportamentos socioespaciais como privacidade, segurança, *wayfinding* e personalização assim como determinados por seus níveis simbólicos que seriam os significados e valores que os indivíduos atribuem ao espaço de acordo com suas crenças, valores e tradições (o que seria equivalente ao conceito de passado ambiental, que configura a identidade de lugar do indivíduo em relação a determinados tipos de ambientes).

As autoras enfatizam o termo Conforto Funcional como um parâmetro de medição da qualidade de vida no trabalho. Assim sendo, um ambiente confortável funcionalmente seria aquele que oferece condições adequadas para a realização de tarefas necessárias.

Ainda sobre o quesito satisfação, é importante compreender que se faz necessária a adoção do pensar o ambiente construído centrado no usuário. De acordo com Vischer (2008, p. 231) “[...] o ambiente construído existe para dar suporte às atividades do usuário”. Concorda-se com a autora que a satisfação do usuário com o ambiente é ponto crucial o que demanda a investigação de medidas de como o usuário ocupa o espaço. Neste sentido é primordial a investigação a respeito de seu senso de apropriação, senso de território, usabilidade, bem-estar físico, interação social, competência e legibilidade entre outros aspectos socioespaciais.

Na teoria do ambiente centrado no usuário a relação usuário-ambiente é dinâmica, interativa e recíproca e a experiência ambiental do usuário é determinada por consequências de comportamentos de outros usuários. “O usuário não é apenas passivo, receptáculo experienciando o ambiente construído estaticamente [...] sua experiência é transformada pelas atividades que são realizadas no ambiente em contínuo processo de transformação”. (VISCHER, 2008, p. 235).

A seguir, far-se-á breve recorte sobre parâmetros condicionantes da realização de ambientes de trabalho promotores da sensação de conforto e de bem-estar aos usuários. Sendo o conforto campo vastíssimo de pesquisa e a experiência

da arquitetura um fenômeno multissensorial, concentra-se esta pesquisa, nos seguintes tópicos:

- a) Conforto Térmico e Qualidade do ar;
- b) Conforto Visual e Níveis de Iluminação;
- c) Conforto Acústico e níveis de ruído;
- d) Ergonomia e Antropometria.

2.3.3.2.1 Conforto Térmico e Qualidade do Ar

Estima-se que, para a maioria das pessoas entre 80 e 90% do seu tempo ocorrem dentro de edifícios. Segundo Carmo e Prado (1999), isto significa que, na maior parte do tempo, se está sujeito a ambientes artificiais, modificados pelo espaço fechado do edifício (PARKER, 1993 apud CARMO; PRADO, 1999). Naturalmente, para se atingir um estado de equilíbrio térmico (homeoterma) e a consequente sensação de bem-estar, por volta dos 36,5°C, o corpo produz o suor que o resfria a ponto de sentir-se confortável. Porém, além da temperatura, há que se considerar que a umidade relativa do ar potencializa ou diminui a noção da temperatura sobre o corpo.

A relevância do assunto qualidade do ar aumenta na medida em que se tem conhecimento de que diversos poluentes, como o monóxido e o dióxido de carbono, amônia, óxido de enxofre. Esses tipos de poluentes ocasionam patologias que podem integrar a “Síndrome dos Edifícios Doentes” (WHO apud SANTOS; RUMEL; MARTARELLO; FERREIRA; MATOS, 1992, p.400). Esta síndrome é caracterizada por um estado doentio transitório que atinge a mais de 20% (vinte por cento) dos usuários, e cujos sintomas, desaparecem ao se deixar o edifício. Como descreve Carmo e Prado (1999, p. 5) “um edifício saudável significa, ao menos, ter uma boa qualidade interior do ar, através do uso de adequadas taxas de ventilação, de sistemas de automação predial e de um monitoramento contínuo das instalações”.

2.3.3.2.2 Conforto Visual e Níveis de Iluminação

Entre outros parâmetros de obtenção de conforto visual e níveis de iluminação adequados, considera-se nesta pesquisa a norma brasileira ABNT NBR

ISO/CIE 8995-1: 2013 que delimita os principais parâmetros para as áreas específicas de trabalho em escritórios, conforme quadro apresentado (Figura 16):

Figura 16- Quadro de parâmetros ABNT 8995

Tipo de ambiente, tarefa ou atividade	Em/ Lux	UGRL	Ra	Observações
22. Escritórios				
Arquivamento, cópia, circulação etc.	300	19	80	
Escrever, teclar, ler, processar dados	500	19	80	Para trabalho com VDT, ver 4.10.
Desenho técnico	750	16	80	
Estações de projeto assistido por computador	500	19	80	Para trabalho com VDT, ver 4.10.
Salas de reunião e conferência	500	19	80	Recomenda-se que a iluminação seja controlável.
Recepção	300	22	80	
Arquivos	200	25	80	

Coluna 1: Lista aqueles ambientes, tarefas ou atividades para os quais os requisitos específicos são dados.

Coluna 2: Iluminância mantida (Em, lux): Estabelece a iluminância mantida na superfície de referência para um ambiente, tarefa ou atividade estabelecidos na coluna 1.

Coluna 3: Índice limite de ofuscamento unificado (UGRL): Estabelece o UGR limite aplicável para a situação listada na coluna 1.

Coluna 4: Índice de reprodução de cor mínimo (Ra): Estabelece o índice de reprodução de cor mínimo para a situação listada na coluna 1.

Coluna 5: Observações e recomendações e notas de rodapé são dadas para as exceções e aplicações especiais referentes às situações listadas na coluna 1.

Fonte: A Autora Adaptado da Norma ABNT 8995 (p. 19)

Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/NBRISO_CIE8995-1.pdf.

Segundo a Norma de Higiene Ocupacional (NHO-11, 2018) redigida pela Fundação Jorge Duprat Figueiredo (FUNDACENTRO), os ambientes de trabalho devem possuir iluminação adequada. Algumas das determinações desta norma são que tais ambientes não podem apresentar muito contraste de luz e sombra e sim uniformidade de iluminância, bem como não devem utilizar luminárias com alto ou nenhum índice de ofuscamento.

2.3.3.2.3 Conforto Acústico e Níveis de Ruído

Entendendo-se as diferentes tipologias de plantas de escritórios decidiu-se dar atenção a dois formatos principais, os escritórios compartimentalizados com várias salas e os chamados *Open Spaces*. Estes últimos podem ser caracterizados como escritórios com planta livre com poucas divisórias e uma hierarquia mais horizontal. Os escritórios de planta livre são soluções cada vez mais recorrentes, por

gerações como a Geração *Millennials* e a Geração Z. Se, por um lado, a comunicação e a interação são facilitadas, por outro, há que redobrar cuidado a questão acústica destes ambientes.

Em relação ao meio, a acústica de escritórios panorâmicos pode ser melhorada tecnicamente por três fatores principais: a) a absorção da sala, a qual reduz a reverberação e as reflexões recentes; b) as barreiras, que controlam o som direto; e c) o mascaramento artificial do som, o qual proporciona um ambiente sonoro uniforme em escritórios panorâmicos. (MARCON ; ZANNIN, 2009, p. 94).

Para atingir-se níveis confortáveis de ruído nos ambientes de escritórios, a NR 10.152 estabelece os seguintes parâmetros (Figura 17):

Figura 17- Quadro de parâmetros ABNT 10152 /Tabela 1 - Valores dB(A) e NC

Locais	dB(A)	NC
Escritórios		
Salas de reunião	30-40	25-35
Salas de gerência, Salas de projetos e de administração	35-45	30-40
Salas de computadores	45-65	40-60
Salas de mecanografia	50-60	45-55

Notas:

- a) O valor inferior da faixa representa o nível sonoro para conforto, enquanto que o valor superior significa o nível sonoro aceitável para a finalidade.
- b) Níveis superiores aos estabelecidos nesta Tabela são considerados de desconforto, sem necessariamente implicar risco de dano à saúde (ver Nota a do Capítulo 1).

Fonte: A Autora Adaptado da ABNT 10.152 (p.2) Níveis de ruído para conforto acústico. Disponível em: <http://licenciadorambiental.com.br/wp-content/uploads/2015/01/NBR-10.152-N%C3%ADveis-de-ru%C3%ADdo-para-conforto-ac%C3%BAstico.pdf>.

2.3.3.2.4 Ergonomia e Antropometria

Talmsky (1998) defende que, as determinantes ergonômicas e antropométricas para a elaboração de espaços de trabalho, são capazes de promover condições favoráveis ao desenvolvimento de tarefas e, principalmente, permitem permanência saudável quanto as questões físicas do usuário. Indica a importância da ergonomia frente a mudança de tecnologias: “Assim, a ergonomia intervém para estabelecer uma congruência entre posto de trabalho e meio ambiente [...] tomando-se então, associada à busca de uma otimização das ferramentas com objetivo de aportar conforto, satisfação e eficácia”.(TALMSKY ,1998, p. 142)

A NR-17 preconiza aspectos ergonômicos e antropométricos para o design de produtos, no caso mobiliário, que são itens básicos e fundamentais para a boa realização das atividades laborais, bem como condições que o espaço físico deve atender nos quesitos que promovam a sensação de conforto (visual, acústico e ambiental).

as superfícies de trabalho necessitam de altura livre de, no mínimo, 0,73m entre o piso e a sua parte inferior, e altura de 0,75m a 0,85m entre o piso e a sua superfície superior. As áreas de alcance em superfícies de trabalho, em vista lateral, devem atender os seguintes requisitos: a) Altura livre de, no mínimo, 0,73m entre o piso e a superfície inferior; b) Altura entre 0,75m a 0,85m entre o piso e a sua superfície superior; c) Profundidade inferior livre mínima de 0,50m para garantir a aproximação da pessoa em cadeira de rodas. A superfície de trabalho deve possibilitar o apoio dos cotovelos, no plano frontal com um ângulo entre 15° e 20° de abertura do braço em relação ao tronco, e no plano lateral com 25° em relação ao tronco. (NR 17 Anexo II, item 2 Mobiliário de Postos de Trabalho)

Há que se priorizar, sempre que possível, o desenho universal, democrático e inclusivo, que favorece a todo cidadão para que este possa realizar suas atividades pessoais e profissionais sem o menor constrangimento ou maiores implicações à sua saúde.

3. PARTE II- PESQUISA DE CAMPO

Uma vez abordada a bibliografia que deu suporte teórico e norteou a pesquisadora quanto aos principais fundamentos para a elaboração de ambientes de trabalho mais coerentes com o contexto e realidades vividos, segue-se com a pesquisa de campo, para observar-se e concluir-se sobre tais fundamentos. Tal pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da UFSC sobre o parecer de nº 5.120.393 de 23 de novembro de 2021.

3.1 MÉTODO

Nesta etapa de pesquisa, adotou-se a técnica de estratégia metodológica qualitativa denominada como Grupo Focal, que, segundo David Morgan:

uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos. (MORGAN apud GONDIM, 2003, P.151)

Para aplicação da técnica de Grupo Focal, utilizou-se o esquema de planejamento (figura 18) desenvolvido por Mazza, Oliveira Melo e Chiesa:

Figura 18- Planejamento para Utilização da Técnica de Grupo Focal



Fonte: A Autora Adaptado de Mazza, Oliveira Melo e Chiesa, 2009, p. 184.

Dall'agnol e Trench (1999) apontam como vantagem do uso da técnica de Grupos Focais a possibilidade de se intensificar o processo de obtenção de informações acerca de um determinado acontecimento podendo valer-se de várias ideias ou do aprofundamento de alguma delas. Os autores explicam que a variedade

e interação de diferentes pontos de vista sobre o mesmo tema ou sobre temas variados podem trazer à tona percepções que estariam ainda latentes. “[...] portanto, uma investigação pautada na técnica de grupos focais, [...], constitui-se numa modalidade de pesquisa-ação”. (DALL’AGNOL E TRENCH, 1999, p.10).

Observa-se, que devido ao período de execução desta etapa de trabalho, foram encontradas algumas limitações, sobretudo com relação a utilização de método presencial. Tais limitações constarão nas considerações finais deste trabalho.

3.1.1 Composição do Grupo

Compôs-se a equipe de coordenação (DALL’AGNOL E TRENCH, 1999) com 01 (um) moderador ou coordenador que conduziu as dinâmicas de aplicação da técnica, facilitando à interação entre os participantes, favorecendo o desenvolvimento de pensar coletivo e a troca de experiências, trazendo explicações sobre os temas abordados entre outros esclarecimentos (MAZZA, OLIVEIRA MELO e CHIESA, 2009). Além do coordenador, participou 01(um) observador que, em linhas gerais, foi responsável por anotar o desenvolvimento da dinâmica, as manifestações verbais e não verbais dos participantes e que poderia fazer complementações, caso julgadas necessárias. (DEBUS, 1999; BÜCHELE, 2001 apud ASCHIDAMINI; SAUPE, 2004; MAZZA; OLIVEIRA MELO; CHIESA, 2009).

Realizaram-se 02 (duas) sessões de aplicação da técnica, conforme recomendado pelos autores, com duração de 60 (sessenta) minutos cada uma. O grupo iniciou-se com 13 (treze) participantes sendo que deste número inicial, 06 (seis) integrantes, número suficiente conforme Dall’agnol e Trench (1999), participaram até a conclusão da pesquisa, enviando seus trabalhos para análises pós dinâmicas e formalizando suas respectivas participações pelo envio dos Termos de Consentimento Livres e Esclarecidos (TCLEs). Aos participantes foram atribuídos codinomes para o resguardo de suas identidades.

3.1.2 Ferramentas

Após eleita a equipe de coordenação elaborou-se material de convocação para a dinâmica que foi enviado via e-mail. Optou-se por convite eletronicamente

animado realizado em formato *GIF (Graphics Interchange Format)* devido às limitações impostas pelo período pandêmico. Entendeu-se como de suma importância, a elaboração de algo explicativo, porém de forma atrativa, para que despertasse o interesse do convidado(a). Objetivos de pesquisa e temas a serem abordados foram explicados anteriormente as sessões, norteando o desenvolvimento da dinâmica, auxiliando os participantes a se manterem dentro dos propósitos de estudo (MAZZA, OLIVEIRA MELO E CHIESA, 2009). Neste intuito foi desenvolvido e apresentado material de apoio (apresentação visual). A qualidade destes materiais, bem como a sua forma de utilização, contribuiu com a fluidez desejada no desenvolvimento da dinâmica.

Foi utilizada como base a técnica de Grupo Focal com o modelo de condução proposto:

Abertura da sessão: boas vindas, apresentação dos Pesquisadores e informações acerca dos objetivos e finalidades da pesquisa e da Técnica de Pesquisa [...] Apresentação dos participantes entre si: descontração. Distribuição dos crachás e de formulários, quando estes estão previstos no Projeto [...] Esclarecimento sobre a dinâmica de discussões (debate) [...] Estabelecimento do *setting* conferindo destaque aos aspectos éticos vinculados à Pesquisa e ao processo interativo [...] Debate: centração no guia de temas; [...] Síntese dos momentos anteriores [...] Encerramento da sessão: acertos e combinações finais para o(s) próximos(S) encontro(s), agradecimentos. (DALL'AGNOL E TRENCH, 1999, p.14).

Este material de referência foi adaptado para o ambiente virtual conforme as necessidades situacionais do momento e por meio de 02 (duas) sessões realizadas no aplicativo *Google Meets*, conforme se descreve abaixo:

- a) Abertura das dinâmicas com cumprimentos e agradecimentos do pesquisador aos participantes. Neste momento de abertura, fora apresentada a equipe de coordenação bem como as técnicas de pesquisa e os seus respectivos objetivos para que o participante estivesse ciente do processo ao qual havia se submetido;
- b) Houve explicação breve sobre os termos de condução das dinâmicas conforme apresentado anteriormente nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLEs) bem como explicação do tempo que seria dado para as respectivas atividades;
- c) Foram aplicadas as técnicas nos respectivos tempos estipulados;

- d) Após aplicação das técnicas foi proposto momento denominado Espaço de Troca que propunha a livre explanação dos trabalhos e impressões dos participantes. Este momento de interação e debate foi acompanhado e sofreu pontuações da equipe de coordenação para que as discussões ficassem dentro dos temas que se desejava investigar;
- e) Após o momento de troca e interação encerrava-se a sessão definindo-se, brevemente, parâmetros gerais de aplicação da dinâmica seguinte. No caso da 2ª e última sessão, encerrou-se agradecendo a participação e colaboração dos participantes e deixando contato para o caso de alguma dúvida e/ou esclarecimento.

Na primeira sessão no momento central de debates foi utilizada a ferramenta chamada de **Poema dos Desejos**³⁰ com a descrição de como seria o ambiente ideal, podendo esta descrição ser escrita ou pictórica (desenho). Segundo Sanoff (2001 apud Rheingantz; Azevedo; Brasileiro; Alcantara; Queiroz, 2008, p. 46) “a atividade do desenho permite que os usuários expressem e narrem a sua visão sobre um determinado ambiente ou organização, explicitem suas predileções e indiquem os elementos que consideram mais significativos”. Esta possibilidade mostrou-se interessante, pois segundo os autores “[...] geralmente o Poema dos Desejos tem sido aplicado com o intuito de conhecer o imaginário dos usuários”. (RHEINGANTZ et al., 2008, P.47).

Em seguida ao desenvolvimento individual propôs-se uma troca de ideias sobre o que cada participante registrou em seu poema. Foi sugerido o compartilhamento de registros por parte daqueles que se sentiram à vontade para tal. Com a aplicação desta ferramenta denominada Espaço de Troca, criou-se uma atmosfera sensorial e espontânea, favorecendo entre os participantes o sentimento de liberdade para expressarem suas opiniões e percepções mais genuínas. Assim, os resultados obtidos nesta etapa puderam subsidiar respostas para o cumprimento dos objetivos de pesquisa.

³⁰ Recurso desenvolvido por Henry Sanoff que considera como ferramenta importante e eficiente quando se pretende investigar de forma mais abrangente, e utilizando-se de uma observação mais global e exploratória.

Na segunda sessão, visando satisfazer os objetivos secundários da pesquisa, aplicou-se a ferramenta Seleção Visual³¹ com a apresentação de fotografias de diferentes ambientes para que os participantes informassem com quais ambientes eles tinham maior e também menor identificação:

:

As imagens revelam-se essenciais para uma melhor compreensão do ambiente, ao considerar o papel das referências visuais para a percepção e a interpretação da realidade. Elas também podem produzir resultados dificilmente expressados por meio dos instrumentos tradicionais de pesquisa (Sanoff, 1991), que em geral não contemplam os aspectos simbólicos da percepção ambiental. Os instrumentos que se utilizam de imagens evidenciam aos usuários as diversas possibilidades visuais, facilitando a sua comparação, assim como a definição de suas preferências [...] Os usuários apreendem essas características, fazendo julgamentos e escolhas para orientar-se ou deslocar-se na medida em que se apropriam e compreendem uma determinada organização espacial. (RHEINGANTZ et al., 2008 P. 65)

Com a utilização destes dois instrumentos e dos Espaços de Troca foi possível discutir-se a respeito das ideias que surgiram orientando o pesquisador no caminho de resultados ou descobertas que demonstrassem o entendimento das gerações sobre quais atributos representavam qualidades dos locais apresentados:

Uma abordagem incluyente e pluralista que, além de atender às necessidades humanas fundamentais, possibilita que os valores dos usuários sejam explicitados [...] ao possibilitar que os grupos de indivíduos explicitem e reivindiquem suas necessidades e expectativas, que de um modo geral são ignoradas pelos projetistas e planejadores (SANOFF apud RHEINGANTZ et al., 2008 p. 65)

Desta forma, além da análise do pesquisador e da confirmação do observador, despertou-se o senso de engajamento entre os participantes e o próprio objeto de pesquisa que eram as relações ocorridas entre o ambiente e seus respectivos comportamentos.

Tendo sido realizadas 02 sessões, para registrarem-se resultados obtidos adotou-se uma análise interpretativa de tratamento dos dados coletados. Desta forma, utilizaram-se alguns subterfúgios de análise conforme elencado a seguir:

- a) Anotação das respostas dos participantes durante as sessões;
- b) Análise de cada resposta individual e depois coletivamente;

³¹ Seleção Visual consiste na apresentação de imagens para se estabelecer parâmetros de preferência.

- c) Avaliação de imagens selecionadas (2ª sessão);
- d) Pontos de convergência e divergências entre as respostas;
- e) Tendências manifestadas;
- f) Possibilidades de generalização;
- g) Pertinência, relevância e autenticidade nas respostas.

Observa-se que depois de realizada a 1ª Sessão foram tratados os dados para nortear o pesquisador de como proceder na 2ª sessão a fim de colher resultados assertivos.

3.1.3 Sobre o público participante da Pesquisa de Campo

Analisando-se algumas condicionantes da pesquisa, como por exemplo as manifestações geracionais relacionadas a expectativas quanto aos ambientes de trabalho desejados, entendeu-se que os colaboradores da EJEP, Empresa Junior de Engenharia de Produção da UFSC, teriam as características propícias para serem o público-alvo desta pesquisa. A EJEP é uma empresa formada essencialmente por alunos do curso de Engenharia de Produção da UFSC, na faixa etária compreendida entre 18 (dezoito) e 25 (vinte e cinco) anos.

Quanto aos aspectos institucionais, a EJEP tem com propósito promover aos seus membros, estudantes voluntários, porém com alto grau de comprometimento com as funções a que se dispõe, uma educação empreendedora por meio da vivência empresarial, de contato direto com o mercado de trabalho. A empresa atua há 30 (trinta) anos no mercado, desenvolvendo projetos de consultoria para racionalização de processos das empresas clientes enquadrando-se em 22º lugar de faturamento entre as Empresas Juniores do Brasil cujo movimento (MEJ) tem a missão³² é “formar, por meio da vivência empresarial, empreendedores comprometidos e capazes de transformar o Brasil.” Com esta missão e usando a estratégia de fomentar “micro revoluções” que tendam a promover uma mudança da visão do empresariado, pretendem atender alguns dos ODS³³, especialmente

³² Disponível em <https://brasiljunior.org.br/conheca-o-mej>, Acessado em 24.11.2021

³³ ODS: Objetivos do desenvolvimento sustentável. Disponível em <https://odsbrasil.gov.br/> Acessado em 30.11.2021.

aqueles focados na promoção do desenvolvimento da indústria, das condições de trabalho e da educação.

Em termos de organização interna, cada membro da EJEJ passa por um processo seletivo que envolve cerca de 50 (cinquenta) candidatos por semestre e destes, apenas 10 (dez) inscritos são aprovados e iniciarão suas atividades como *trainee* durante um período de 06 (seis) meses. Após este período o aluno tem avaliadas as suas aptidões para integrar outros níveis hierárquicos da organização. Em geral, o quadro de colaboradores compreende-se na faixa de 29 (vinte e nove) membros distribuídos em categorias de Presidência, Vice-Presidência, Diretoria de Projetos, Diretoria de Rh e Diretoria de Mercado. Dentro do processo, o membro da empresa, percorre um ciclo de aproximadamente 15 (quinze) meses, que compreendem os níveis de *trainee* ao gerencial.

Acredita-se que o ponto forte da empresa seja a estrutura organizacional e sua cultura formal. Em termos de atividades são desenvolvidas rotinas diferentes por cada colaborador e por área distribuídas em jornadas de aproximadamente 20 (vinte) horas semanais, que podem ser cumpridas de forma flutuante, prevalecendo o senso de contrapartida do colaborador para com a organização. Para cada ciclo estratégico, os membros se organizam em times para participação em imersões presenciais, que são vistas como atividades de grande importância para desenvolvimento de cada um dentro da empresa.

O ambiente físico ocupado anteriormente ao período de Pandemia e com retorno ainda em 2021, assume configuração enxuta composta por uma mesa única onde trabalham por volta de 15 (quinze) pessoas; uma sala de reuniões com armários e lousa para comunicação dos constructos desenvolvidos pelos grupos, assim como área de convívio para pausas para o café ou descanso.

Interessante observar a cultura da empresa que parece ofertar simbolismo para todas as atividades coletivas importantes, como por exemplo, a comemoração de processos bem sucedidos de vendas, quando se simula a premiação e o discurso de comemoração do Oscar, simbolizando o ápice da excelência na tarefa realizada.

Tais procedimentos objetivam ativar gatilhos de memória afetiva e promover a conexão dos propósitos pessoais com os propósitos da empresa. Ritos, que foram substituídos por interações digitais durante a Pandemia, e que podem, portanto, causar um enfraquecimento no senso de pertencimento do indivíduo à organização a qual faz parte.

3.2 DESCRIÇÃO DA 1ª SESSÃO- POEMA DOS DESEJOS (22-11-2021)

Na sessão correspondente a aplicação do Poema dos Desejos, iniciou-se a dinâmica informando aos participantes particularidades da pesquisa e os objetivos de se realizar tais dinâmicas com a respectiva empresa, apresentando-se condutas de proteção e preservação de privacidade por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido conforme aprovado pelo Comitê de Ética. Neste primeiro momento foi apresentada a equipe de pesquisa composta pelo pesquisador, moderador e observador. O quórum então era de 03 (três) membros da equipe de pesquisa e os 13 (treze) demais, integrantes da empresa EJEP dos quais 06 (seis) deles participaram até o final da pesquisa, conforme informado anteriormente.

Após apresentação da parte documental e explicativa da pesquisa concluída, apresentou-se um *slide* que continha uma folha em branco com uma única frase escrita “O ambiente de trabalho ideal”. A proposta visava a livre manifestação da expressão do participante de forma linguística, por meio de texto (listas ou descrição textual de prioridades a serem atendidas) ou icônica por meio de desenhos ou esquemas mentais. Houve tempo específico de 20 (vinte) minutos para a realização da atividade seguido do Espaço de Troca onde o participante, que se sentisse à vontade, poderia compartilhar o que ele havia representado como o seu espaço de trabalho ideal. Não houve hesitação e vários participantes pediram para explicar seu exercício.

Figura 19- Palavras recorrentes nos discursos dos participantes



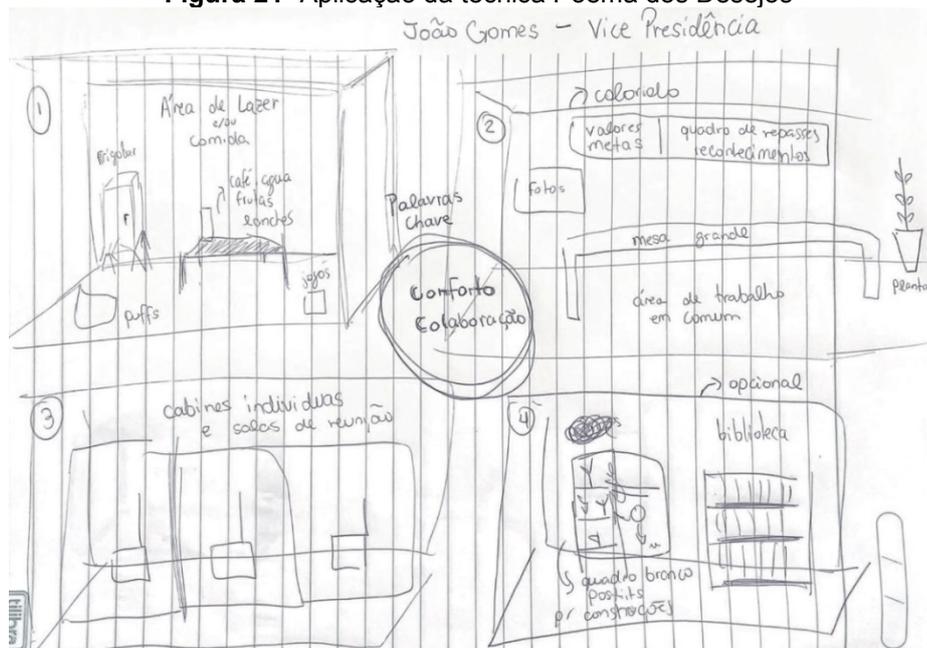
Fonte: A Autora por meio do site <https://www.wordclouds.com/>

Houveram também, menções a questões ergonômicas de conforto visual, acústico, térmico e de aspectos antropométricos a serem atendidos tanto pelos ambientes em suas composições formais, quanto por seus elementos compositivos, por exemplo o mobiliário.

O participante P. além de mencionar preocupação com outros itens relacionados ao conforto enfatizou que desejava trabalhar “sentado em uma boa cadeira”. O mesmo participante havia sugerido que seu ambiente ideal (Figura 20) “seria uma área comum, com mesas de diferentes formatos, não uniformes para não parecer rígido, menos formal, mas também não desorganizado, que não se torne caótico” demonstrando a preocupação com a configuração espacial e com aspectos ergonômicos do mobiliário.

Com relação ao conforto ambiental percebeu-se a preocupação do espaço de trabalho oferecer áreas regenerativas, áreas que oferecessem pausas revigorantes, em alguns exercícios ou depoimentos, como “espaço para descanso com puffs e sofás” ou “área de descanso como copa, café, mesas, sofás, anexo à uma varanda” (P.); ou ainda “ligação com o ambiente exterior” e “iluminação natural e presença de árvores” (J.P.); “ter janelas grandes que proporcionem uma boa luz natural ao ambiente” e “lugar aberto com plantas... um pouco mais lúdico” (J.); e também “lugar de descanso com poltrona” (V).

Figura 21- Aplicação da técnica Poema dos Desejos



Fonte: Exercício elaborado por Participante codinome João Gomes

Aspectos relacionados ao conforto acústico também foram citados e relacionados a ideia de concentração e/ou privacidade, como podem ser observados nas sentenças “área de trabalho individual” ou “local para reuniões virtuais, por exemplo, cabines individuais” (Figura 21) ou “sala de reuniões privativa” e ainda “lugar de concentração” manifestando desta forma um desejo pelo isolamento de fontes de ruído em áreas comuns de trabalho de diversos setores.

Mais relacionadas à interação promovida pelo ambiente de trabalho ideal, estiveram presentes no discurso coletivo o desejo de uma configuração espacial que facilitasse esta característica. Este quesito apresentou-se em expressões recorrentes como “área comum”, “espaço comum”, “lugar geral”, “área aberta” ou em outras afirmações um pouco mais detalhadas como “setores interagindo” ou “área aberta para permitir interação”.

Portanto, a análise destes depoimentos sugere que, apesar de pretenderem um ambiente dinâmico, menos hierarquizado³⁵ e mais colaborativo, as questões técnicas relacionadas a níveis de conforto e usabilidade do espaço são fatores que se mostraram intrínsecos ao espaço, considerados pelos pesquisados, como condições básicas para desenvolverem atividades laborais. Apesar do despojamento de linguagem arquitetônica, aspectos ergonômicos, relacionados principalmente ao uso de tecnologias avançadas, são vistos como imprescindíveis.

O discurso coletivo fala de ambientes de trabalho ideais que consistam de um espaço de planta aberta onde os diversos setores possam interagir entre si. Onde haja infraestrutura tecnológica suficiente para a realização das atividades. Nota-se, para além da interação entre os pares, a preocupação com aspectos de privacidade e concentração devido a diferentes tarefas a serem realizadas em um único espaço. Como descrito acima, apesar de apontarem uma preferência por locais mais dinâmicos, a consideração de aspectos que proporcionem conforto para realização de tarefas laborais é fator de grande preocupação e relevância até mais do que se conseguiu perceber em revisão de literatura.

Embora não se tenha perguntado diretamente sobre a interferência ou não de período de exceção vivido nos últimos meses, é possível perceber claramente o

³⁵ Interessante observar que apenas 1 (um) dos participantes relatou seu ambiente ideal como “...moderno...”. Porém a foto apresentada como exemplo, parecia sugerir um ambiente mais hierárquico, assemelhando-se ao que poderia ser visualmente identificado como um ambiente de advocacia, segundo o próprio participante com mobiliário mais robusto, composto com muitas estantes e também sala de reuniões privativa.

impacto da Pandemia (Covid-19) na interpretação de ambientes ideais de trabalho dos participantes. Quando os participantes relatam o desejo por aspectos tecnológicos, ergonômicos e também restaurativos como condicionantes para que um local de trabalho possa ser considerado como ideal, presume-se que, este período recentemente vivido, tenha fomentado a percepção mais acentuada para tais quesitos quanto o seriam em outro momento. Somados a esta percepção do pesquisador, o relato de que a maioria dos participantes e membros da EJEP não conheciam ainda a sede da empresa (que ficou fechada por determinação superior) e que realizavam suas tarefas e interações basicamente de forma virtual, dependendo dos seus ambientes domésticos e dos recursos que estes ofereciam. Pode-se deduzir que este período tenha exacerbado a necessidade de, o espaço de trabalho, ser ainda melhor equipado em termos físicos e sensoriais do que talvez o precisassem em circunstâncias anteriores, mais corriqueiras ao cotidiano coletivo.

Quanto a manifestação da territorialidade, nesta dinâmica, apresentou-se nos relatos que a associam à regulação de domínio de espaço pessoal e privacidade como por exemplo nas sentenças “cabines individuais” ou “sala grande com mesas distribuídas e com delimitações garantindo que cada membro tenha o seu espaço de trabalho” ou “interações com colegas de trabalho também são importantes porém cada um precisa do seu espaço [...] podendo ter mesas individuais, mas próximas, ou mesas com divisórias de vidro para manter contato e garantir o espaço de cada trabalhador”.

Para além da dimensão material, manifestada pela demarcação física dos territórios, analisando-se a retórica coletiva de desejo por ambientes dinâmicos que possam talvez ser dotados de mobiliário com flexibilidade de usos e layout, que atendam a diferentes demandas, entende-se a manifestação imaterial da territorialidade, de defesa de ideias e pontos de vista que, somados ao ideário coletivo, promovam aprendizados e soluções inovadoras.

Assim sendo, presume-se como prioridade projetual, o atendimento da expectativa de que um ambiente seja um meio facilitador da manifestação territorial seja esta material, física, preconizada pelo corpo que ocupa tal espaço e visivelmente o demarca por meio de artefatos pessoais ou barreiras físicas, como também pela manifestação imaterial onde o ambiente de trabalho, torna-se um espaço dotado de significado, um lugar que deve agir como plano de suporte para posicionamento da personalidade, valores e pensamentos individuais junto ao

coletivo. Em qualquer caso, volta-se a responsabilidade ao arquiteto que tem demandas coletivas e particulares (de grupos ou setores) a serem atendidas, questões técnicas a serem consideradas e, muitas vezes, orçamentos executivos não correspondentes. A saída projetual parece ser a análise de cada conjunto de demandas e o estabelecimento de um partido de prioridades e articulação de soluções que, dentro da viabilidade construtivo-financeira, atendam ao maior número de requisitos necessários.

3.3 DESCRIÇÃO DA 2ª SESSÃO - SELEÇÃO VISUAL (24-11-2021)

Depois de realizada a 1ª sessão da técnica de Grupo Focal, no 2º encontro com os participantes, propôs-se a realização da atividade denominada Seleção Visual. A escolha das imagens foi feita no site gratuito Canva.com com busca em <fotos> <ambientes de trabalho> escolhidas de acordo com as intenções que se desejava pesquisar. Nesta atividade foram apresentadas inicialmente 04 (quatro) imagens que apresentavam ambientes de trabalho e interações interpessoais, uma vez que, na atividade anterior, fora evidenciado como relevante o quesito interação. O participante era convidado a expressar em uma ou mais palavras o sentimento que as imagens traziam. Se, na atividade anterior, o objetivo era fazer o participante refletir sobre os requisitos necessários para ambientes de trabalho ideais, nesta atividade o objetivo era iniciar uma tradução do que seriam estes ambientes.

Figura 22- Quadro Resumo de Seleção Preliminar de Imagens.



Fonte: A autora a partir de fotos selecionadas em busca na página Canva.
Disponível em:

<https://www.canva.com/design/DAEvWQZtwOA/GC9x5ZeycE11EUgOfo7qww/edit#>

Na primeira etapa da atividade de Seleção Visual pareceu claro para os participantes as características que as imagens escolhidas propositadamente desejavam sugerir. Na imagem 1 (Figura 22) obteve-se, por exemplo, em grande parte dos participantes a percepção de um ambiente dinâmico. Tal característica talvez possa ser justificada pelo movimento em que as pessoas da imagem se encontram. Logo, associar movimento à dinamismo, foi um primeiro gatilho para análise das características necessárias aos ambientes de trabalho por parte de membros de gerações emergentes. Na imagem 2, a percepção descrita foi a de organização.

O participante Bon Jovi relatou que, quando deseja estudar, prima por um espaço organizado, por uma superfície livre e limpa. Esta descrição é bastante pertinente e faz associação real entre a organização física do espaço com a cognição ambiental que pode ser vista como “a forma com que o indivíduo organiza, armazena e usa o conhecimento tendo a percepção e os órgãos dos sentidos como mediadores.” (HIGUCHI; KUHNEN; BONFIM, 2011). A imagem 3 foi associada ao sentido de colaboração, descontração e descanso. A identificação com situações, como as apresentadas na imagem, fortalece a interpretação da necessidade de interação entre os pares desta geração. Já na imagem 4 a associação foi com o senso de equipe e amizade vinculada à realização de atividades laborais, possivelmente por conta do vestuário das pessoas que a imagem apresenta.

Após a realização desta atividade preliminar, passou-se para a etapa de seleção propriamente dita onde os participantes visualizavam slides com 2 (duas) imagens (Figura 23), identificadas como A e B, e, após 1(um) minuto de análise, deveriam descrever qual imagem preferiam e os motivos da escolha.

Uma vez descrita na atividade Poema dos Desejos, serem ambientes ideias para o trabalho, aqueles dotados de áreas de trabalho comuns, de espaços compartilhados, usaram-se imagens que transmitissem diversas versões deste tipo de espaço.

Alguns mais monocromáticos outros mais coloridos, alguns que sugeriam maior organização e outros que pareciam promover a interação nas próprias mesas de trabalho, mas principalmente, optou-se por imagens que traduzissem espaços com fronteiras bem delimitadas, com anteparos entre uma mesa e outra, para que fosse possível se analisar o quanto ambientes que apresentavam uma demarcação

territorial, física e evidente, eram mais bem aceitos em detrimento a superfícies únicas compartilhadas e demarcadas apenas pelo equipamento que se dispunha.

Figura 23- Exemplo de Slide com imagens a serem selecionadas pelos participantes.



Fonte: A autora a partir de fotos selecionadas em busca na página Canva. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAEvWQZtwOA/GC9x5ZeycE11EUgOf07qww/edit#>

A escolha de uma mesma imagem (A) para ser confrontada com outras de diferentes contextos e soluções parece ter provocado um efeito diferente ao esperado. Enquanto o que se pretendia mostrar era um ambiente limpo, com mobiliário ergonômico, onde as superfícies eram compartilhadas e o único indício de individualidade se fazia por meio de um gaveteiro e uma cadeira, os participantes tiveram outra percepção, não como um espaço de colaboração e interação entre as equipes, mas sim, como um ambiente monocromático, pouco convidativo ainda que dotado de condições adequadas para realização das atividades.

Ambientes com maior identificação foram como os apresentados na imagem (B) onde, em um mesmo ambiente geral, haviam grupos distintos possivelmente separados de acordos com suas atividades.

Desta forma, a escolha parece sugerir que os espaços de trabalho devam ser áreas amplas e comuns, com mobiliário e disposição que atendam demandas específicas. Neste contexto a declaração de um dos participantes foi de extrema relevância “espaços diferentes para realização de atividades diferentes”. A afirmação sugere que, a configuração espacial ideal poderia, perfeitamente, acomodar no mesmo espaço comum, áreas diferentes para os diferentes times (Figura 24). Áreas

de colaboração e troca, interpostas por áreas privativas como as cabines individuais para reuniões virtuais.

Figura 24- Exemplo de estação de trabalho compartilhadas e pequenos núcleos de atividades diversas, ambas no mesmo ambiente comum.



Fonte: A autora a partir de fotos selecionadas em busca na página Canva.

Disponível em:

<https://www.canva.com/design/DAEvWQZtwOA/GC9x5ZeycE11EUgOfo7qww/edit#>

Observa-se que na realização desta 2ª sessão, houve maior clareza de quais características poderiam fazer com que um ambiente fosse escolhido entre os demais. No momento em que foi proposto o compartilhamento de resultados de cada participante, surgiram detalhes que tornavam possível a descrição visual destes ambientes preferidos. A escolha por ambientes mais coloridos assim como ambientes mais claros, que possuíssem janelas para iluminação e ventilação naturais, ficou mais evidente como resultante da análise coletiva. A cor pode ser lida como elemento que concedia o dinamismo tão positivamente desejado pelos participantes. O ambiente que assumia tons mais monocromáticos era identificado como monótono, sem movimento e, por assim dizer não fomentava a desejada interação.

Respondendo a provocação indireta de confrontar ambientes de trabalho individuais em superfícies coletivas com outras superfícies demarcadas por anteparos ou painéis separadores, por exemplo, para surpresa do pesquisador, a despeito da jovialidade geracional dos membros da empresa, os ambientes demarcados foram mais bem recebidos, justificando-se que era uma solução para manter a individualidade e estar junto com outras pessoas. A análise surpreendeu, pois, imaginava-se que, o desejo por interação entre os ocupantes, sugerisse espaços totalmente compartilhados. Assim como visto na atividade Poema dos Desejos, os ocupantes desejavam ter superfícies demarcadas para a realização de

suas tarefas individuais. Neste contexto percebeu-se a territorialidade como senso de preservação da privacidade do indivíduo, fruto de uma necessidade de mecanismos reguladores de limites conforme defendido por teóricos como Sommer (1973) e Altman (1975 apud Gifford, 1987) cujas hierarquias territoriais denominadas como “gradientes de privacidade” por Newman (1972 apud Lang, 1987, p.50) seriam essenciais para a sensação de bem-estar do indivíduo conforme observado anteriormente.

Figura 25- Mural de imagens com exemplos de ambientes compartilhadas como espaços para reuniões e construções coletivas



Fonte: Fonte: A autora a partir de fotos selecionadas em busca na página Canva.
Disponível em:

<https://www.canva.com/design/DAEvWQZtwOA/GC9x5ZeycE11EUgOf07qww/edit#>

Seguindo com o processo de Seleção Visual, apresentou-se imagens de ambientes coletivos como, por exemplo, salas de reuniões, onde a diferença entre a linguagem adotada incitava a análise da formalidade do ambiente (Figura 25). Desejava-se entender em quais ambientes o participante entendia haver mais oportunidades para diálogo e, de maneira mais sutil, se levantar em quais ambientes o participante entendia ser possível expressar-se demarcando assim sua territorialidade imaterial.

As respostas permearam aspectos mais voltados a interação entre os pares como, por exemplo, em relação as duas primeiras imagens do mural acima “eu escolho a B pois mostra as pessoas trabalhando em equipe e construindo algo bem

visual juntos”. Quanto ao espaço de trabalho coletivo ser um meio de facilitar a manifestação territorial, agindo como plano de suporte para tal manifestação, encontrou-se na escolha do participante Bon Jovi³⁶, em relação ao segundo grupo de imagens do mural acima, uma atmosfera propícia para esta manifestação: “eu escolho a B pois mostra um clima organizacional mais leve”. Somada a esta declaração, ao analisar-se a resposta do mesmo participante em relação ao terceiro grupo de imagens do mural acima quando este declara “eu escolho a B que representa o trabalho em equipe e colaboração para construir algo” percebe-se claramente a necessidade de, para além da defesa de suas próprias ideias, o senso de pertencimento ao coletivo. Entende-se que, a organização que promove esta atmosfera de interação e descontração, facilita o livre expressar de opiniões de seus colaboradores e o resultado pode ser a construção coletiva de soluções inovadoras como nos anseios relatados anteriormente na sessão que questionava o ambiente de trabalho ideal³⁷. A manifestação da territorialidade além de imaterial passa de um estágio individual para um estágio coletivo, sendo altamente defensável por seus pares.

A análise da voz coletiva e dos resultados obtidos, nesta pesquisa foi facilitada por haver sido evidenciado o Espaço de Troca. Por meio deste foi possível certificar-se de que as impressões do pesquisador estavam em ressonância com o pensamento dos participantes. A disponibilidade dos participantes com relação à pesquisa foi de grande relevância e confirmada pelo observador da equipe que percebeu o quanto os indivíduos se imaginavam nos espaços apresentados nas imagens, podendo ter melhor discernimento e justificativas de suas escolhas. Percebeu-se, com a aplicação da técnica de Grupo Focal, que a manifestação verbal, gráfica ou por vezes gestual, contribuiu sobremaneira para as análises mais sutis dos pensamentos dos participantes quanto ao objeto de pesquisa, mesmo que as dinâmicas tenham sido feitas de forma virtual. Ainda que não relatados na íntegra todos os depoimentos, as amostras aqui apresentadas dão conta de elucidar as interpretações do pesquisador e da equipe de pesquisa quanto ao pensamento de

³⁶ O participante de codinome Bom Jovi na dinâmica **Poema dos Desejos**, no momento **Espaço de Troca** relatou ser o ambiente ideal como “um ambiente de inovação- confortável para manifestarem suas ideias”

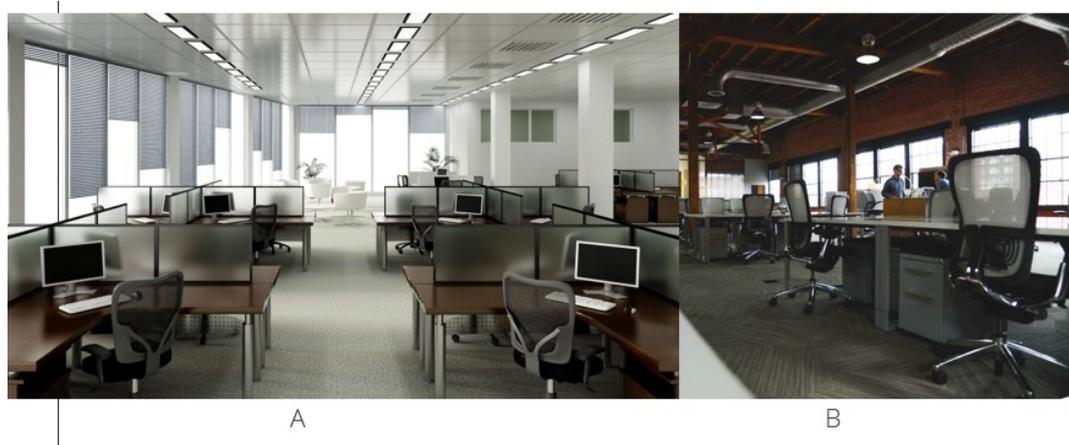
³⁷ Na dinâmica **Poema dos Desejos**, no momento denominado **Espaço de Troca**, o participante de codinome Gaivota, refere-se ao ambiente ideal como o ambiente “ambiente inteligente e criativo para gerar tecnologia e soluções inovadoras”.

membros de gerações emergentes e a manifestação da territorialidade em ambientes de trabalho colaborativos contemporâneos.

3.4 RESULTADOS PARTE II: ACHADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Realizar pesquisa de campo mostrou-se fundamental no processo de comprovação de alguns achados relevantes sobre a forma de ocupação de espaços colaborativos contemporâneos por parte de gerações emergentes. Mais do que isso, possibilitou que os objetivos gerais e secundários desta pesquisa pudessem ser atingidos.

Figura 26- Slide Apresentado aos participantes da dinâmica Seleção Visual.



Fonte: A autora a partir de busca no site Canva

Como resposta ao objetivo geral de pesquisa de se analisar a manifestação da territorialidade em escritórios colaborativos contemporâneos por parte das gerações emergentes percebeu-se a manifestação de sua dimensão material na retórica dos participantes observada na descrição da 2ª sessão: os participantes desta sessão manifestaram predileção por espaços de trabalho que possuíssem certa barreira física entre uma estação e outra, ainda que dispostas em área comum (Figura 26).

A despeito de se escolher mesas coletivas sem separação entre as superfície de trabalho ou de mesas de uso não restrito, os participantes optaram por escolher estações de trabalho que dispusessem de anteparos demarcadores de seus respectivos territórios, ainda que pertencentes a um espaço geral aberto e comum aos seus pares. Essa escolha sugere que, embora se deseje estar em um

ambiente coletivo, a preservação de seu território e sua privacidade devem ser base para a disposição dos setores ou ambientes em um escritório colaborativo.

Motivada por este achado da pesquisa de campo, ainda com o propósito de se atingir o objetivo geral, procurou-se na internet imagens de espaços colaborativos e percebeu-se que a demarcação física de território, por vezes, quando as estações de trabalho não dispunham de anteparos físicos, acontecia quando o indivíduo que a ocupava, utilizava-se de pertences pessoais para demarcar e ampliar seus limites territoriais, como apresentado na figura 27:

Figura 27- Ambientes de *Coworking*- 1 e 2.



Fonte: A autora a partir de busca aleatória internet ambientes de *coworking*.

Como a revisão da literatura explica, diferente do espaço pessoal, que é mutável de acordo com o movimento da pessoa “[...] os territórios estão ancorados - eles não se movem.” (Moore, 1984, pág. 72) o que parece ser bastante compreensível se analisadas as imagens 1 e 2 (Figura 27). Supondo-se que o usuário levantasse e se deslocasse de sua estação de trabalho, ainda assim com seu deslocamento, por meio de seus pertences pessoais deixados sobre a superfície de trabalho ou até mesmo pelo posicionamento da cadeira, ali haveria a demarcação de territorialidade.

Outro fato observado na busca aleatória e, por vezes comprovado empiricamente em visitas aos locais de trabalho colaborativos contemporâneos é que, a demarcação territorial, também acontece com o uso de subterfúgios como fones de ouvido, os quais permitem, de certa forma, que o indivíduo esteja em um ambiente coletivo, porém resguarde sua privacidade ou até distanciamento do ambiente como um todo. A recorrência do uso de tal recurso levanta também questionamentos sobre o nível de satisfação acústica do indivíduo com o ambiente. Em ambientes com níveis satisfatórios de controle de ruídos o uso de recursos como

fonos de ouvido pode representar a forma com que o indivíduo garante sua privacidade e concentração. Por outro lado, em ambientes com níveis indesejáveis de ruído o uso de tais recursos parece sugerir uma forma de alienação e controle sobre os fatores negativos do ambiente. Constatações estas que tornam claras a necessidade de atendimento de critérios projetuais que promovam ambientes dentro de indicadores saudáveis de conforto, neste caso acústico.

Quanto ao atendimento dos objetivos secundários de se estudar possíveis configurações espaciais de escritórios colaborativos, a partir da realização da pesquisa de campo, percebeu-se na manifestação dos participantes a necessidade de espaços diferentes para diferentes atividades, pois embora haja prioridade pela horizontalidade organizacional, são também necessários espaços que preservem a privacidade e territorialidade de cada indivíduo no ambiente. De acordo com as manifestações nas dinâmicas propostas no Grupo Focal, a configuração espacial dos escritórios colaborativos contemporâneos desempenha papel importante no atendimento de requisitos organizacionais desejáveis por parte das gerações emergentes. Fatores estéticos apoiados em soluções que promovam o conforto ambiental podem ser entendidos como essenciais comunicadores do *mindset* do lugar.

4. DISCUSSÕES E PROPOSTAS DIAGRAMÁTICAS

A partir da pesquisa bibliográfica e cronológica dos processos de trabalho e seus respectivos ambientes, da compreensão das características das gerações emergentes (*Millennials* e *Z*), enfatizando-se a investigação acerca da manifestação do conceito de territorialidade sob a luz da Psicologia Ambiental e da Fenomenologia, pode-se entender que após a Revolução Industrial, caracterizada por um período de migração da mão de obra das zonas rurais para as grandes cidades, e de criação de novas necessidades e novas atividades profissionais, o homem dedica e usufrui da maior parte do seu tempo em ambientes construídos.(ORNSTEIN, 1995).

Acerca da noção de territorialidade, concorda-se com o pensamento de Gifford que descreve a territorialidade como padrão de comportamento relacionado ao controle, e também com a visão dos etologistas descrita no capítulo de Fundamentação Teórica. explicáveis com base no passado biológico dos seres humanos que manifesta a demarcação de territórios ao longo de sua evolução.

Ainda sobre o entendimento do comportamento socioespacial investigado, a manifestação da territorialidade, compreende-se a explicação de Altman quando fala dos diversos níveis de prevenção e demarcação de limites sociais. Nesta pesquisa foi possível compreender também a afirmação de Newman que explica que as hierarquias territoriais agem como espécie de “gradientes de privacidade”. (NEWMAN 1972 apud LANG, 1987, p.50).

Em resumo, com base nos achados da fundamentação teórica e os resultados colhidos na parte de campo, o objetivo geral de se avaliar a manifestação da territorialidade em escritórios colaborativos contemporâneos se atinge na medida em que se sugere que esta manifestação aconteça em duas dimensões: a material preconizada pelo corpo que ocupa, delimita e mantém sua privacidade e espaço pessoal. O corpo que atua como o maior agente de transformação do espaço. Sem presença física não há interação, há apenas o espaço vazio, teórico e projetado a espera de seu uso. O corpo que ocupa o espaço, o transforma em lugar e o dota de significado, fazendo com que nele ocorram as mais diversas formas de interação.

O dinamismo do espaço que permite flexibilidade em seus usos, por sua vez, se transforma na medida em que o corpo ou os corpos o ocupam. Permite trocas, permite interação, permite que os processos que se supõe serem realizados,

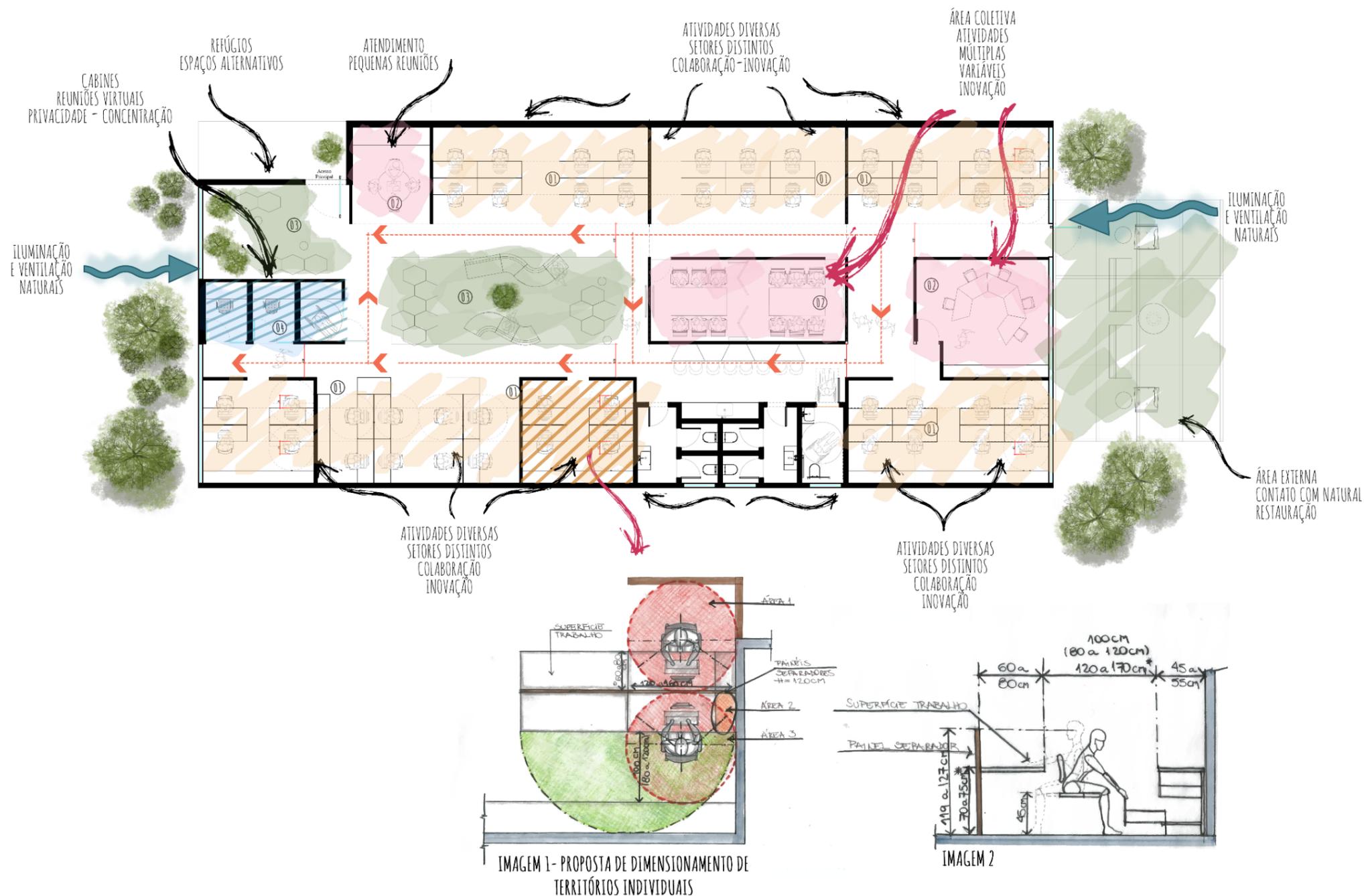
o sejam de fato. O espaço acolhe, distribui, organiza e torna-se o palco principal da atuação do indivíduo. Como cita Ornstein, (1995, p. 37) “De fato, as pessoas situam-se em lugares que são cenários de comportamento particulares que equivalentes a porção do espaço social, definindo situações e contextos” Este palco e cenário de comportamento permite aflorar seu senso de pertencimento (TUAN 1980; BUTTIMER, 1980; RELPH, 1976 apud PROSHANSKY, 1983).

Com base nos achados bibliográficos e de campo, a partir do entendimento de territórios individuais e coletivos, a seguir, foi proposto diagrama de ocupação e configuração de um ambiente de trabalho dentro das características consideradas pelo *cluster* geracional entrevistado (Figura 28). O espaço ideal contempla uma área comum e compartilhada, porém com demarcação dos limites de privacidade individuais, bem como, demarcações de diferentes espaços para uso de diferentes times ou diferentes atividades. Considerou-se como medida de referência (ver imagens 1 e 2 nos detalhes abaixo do diagrama 1 (figura 28), estações de trabalho que consideram as dimensões propostas por Panero e Zelnik, as áreas dos territórios individuais propostas por Hall e como estas áreas individuais se articulam entre si e formam o território coletivo. Também neste diagrama estão representadas áreas tidas como relevantes e que proporcionam diferentes atmosferas como interação, pausa, concentração, colaboração entre outras que serão descritas adiante.

Figura 28- Diagrama de Setorização de Atividades e respectivas Atmosferas

DIAGRAMA 1

SETORIZAÇÃO ATIVIDADES/ATMOSFERAS

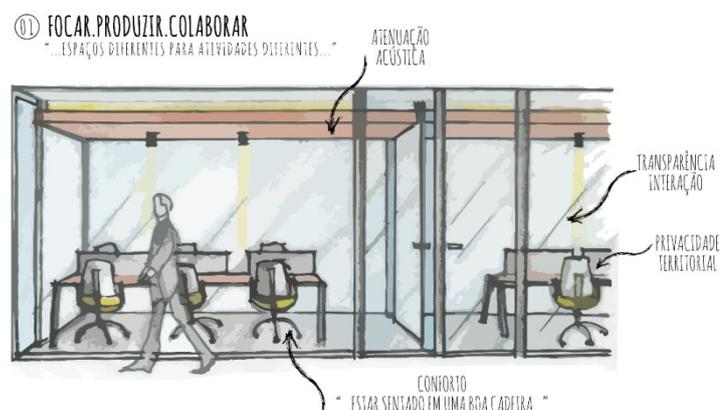


Fonte: A Autora, adaptado de projeto por ela desenvolvido, 2021.

A figura 28 sugere uma distribuição espacial que contemple diferentes usos representando diferentes setores de uma mesma organização, ou até organizações distintas, e sua interação com as demais áreas, característica identificadas para um escritório ideal. Contemplaram-se espaços privativos para atividades que demandam concentração, ou atividades ruidosas, como reuniões virtuais e ligações telefônicas de longa duração, bem como espaços que promovam reuniões atividades diferenciadas, como salas de reuniões e espaços de uso múltiplo. Além dos ambientes para atividades específicas, simulou-se a implantação de áreas comuns de descanso, interação e convivência, tanto no interior como no exterior do espaço de escritório, privilegiando as pausas revigorantes e interações informais. Na concepção de escritórios colaborativos contemporâneos, procurou-se identificar quais atmosferas eram desejadas por parte dos colaboradores, ou ainda, simular as representações espaciais que poderiam promover as qualidades arquitetônicas desejadas. De acordo com Peter Zumthor (2006), a “[...] atmosfera comunica com a nossa percepção emocional, isto é, a percepção que funciona de forma instintiva e que o ser humano possui para sobreviver.” A seguir procurou-se refletir, por meio da simulação de ambientes, sobre algumas ações e os respectivos espaços a elas destinados.

Focar. Produzir. Colaborar (Figura 29). A imagem simula ambientes destinados a produção individual na qual o indivíduo dispõe de recursos físicos que garanta sua territorialidade, privacidade e conforto estando em colaboração com seus pares por meio de superfícies coletivas (estações de trabalho) e superfícies transparentes como divisórias.

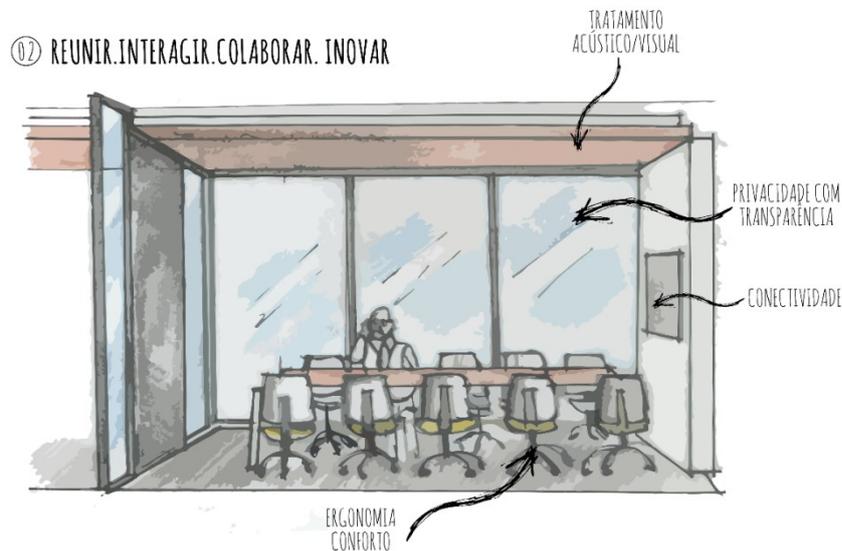
Figura 29- Simulação de Ambiente de Trabalho de acordo com Diagrama 1



Fonte: A Autora, adaptado de projeto por ela desenvolvido, 2021.

A seguir, parte-se para a simulação de ambiente de colaboração, de interação e de inovação.

Figura 30- Simulação de Ambiente de Reuniões de acordo com Diagrama 1



Fonte: A Autora, adaptado de projeto por ela desenvolvido, 2021.

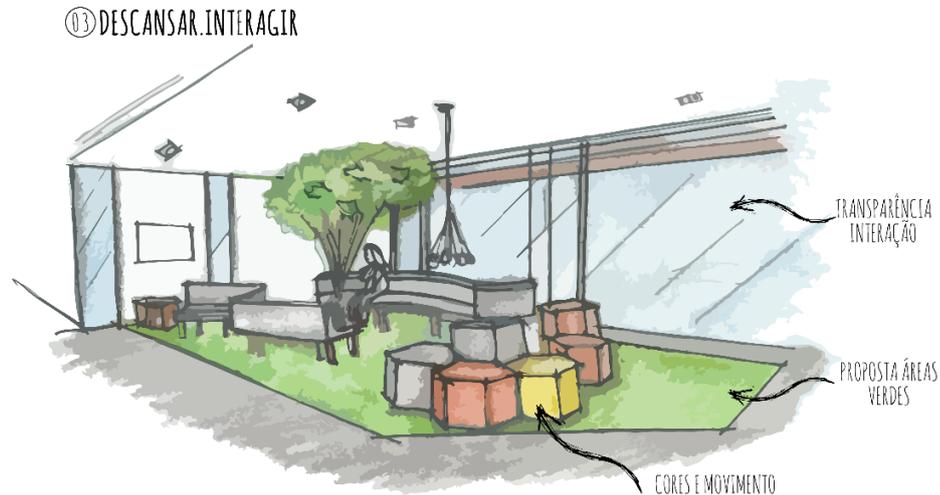
Reunir. Interagir. Colaborar. Inovar (Figura 30). De acordo com participantes da Dinâmica de Grupo Focal, um ambiente ideal seria aquele que promovesse a atmosfera de colaboração, de construção de soluções coletivas e inovadoras. Uma área que apesar de permitir maior privacidade, tenha barreiras translúcidas para que a interação entre os colaboradores e entre os respectivos setores, ainda que num nível visual, pudesse acontecer.

Não necessariamente os constructos coletivos aconteceriam apenas em tais ambientes, podendo ocorrer também em espaços com mobiliário diferenciado e articulado de acordo com a atividade a ser realizada. De acordo com as descobertas da pesquisa de campo, o desejo de que um escritório ideal contemplasse as áreas de regeneração e descanso, promovendo a descontração e interação entre seus pares, foi contemplado conforme a imagem Descansar. Interagir (Figura 31).

Entende-se como de grande contribuição para a atmosfera de bem-estar do usuário, a utilização de estratégias do Design Biofílico, descrito anteriormente, no que diz respeito a inserção de elementos que conotem a aproximação com a natureza. Esta inserção pode ocorrer, por exemplo, por meio de plantas ou de sistemas naturais de iluminação e ventilação, bem como o uso de materiais análogos aos naturais, como materiais amadeirados e superfícies que possam

reproduzir algumas das infinitas cores e texturas encontradas na natureza. Tais espaços que traduzam atmosfera regenerativa podem ainda assumir outras configurações.

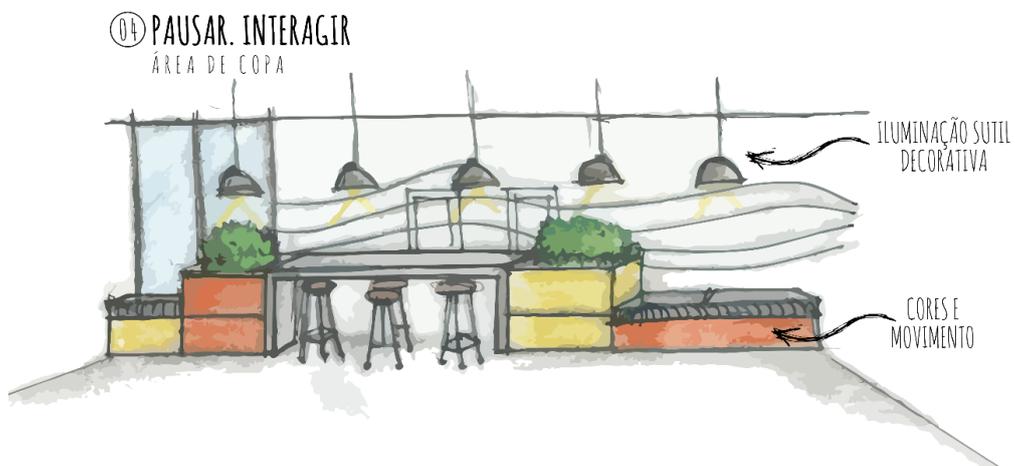
Figura 31- Simulação de Ambiente de Descanso e Interação de acordo com Diagrama 1



Fonte: A Autora, adaptado de projeto por ela desenvolvido, 2021.

Observa-se a seguir a simulação de um espaço que sugere pausa, mas também pode promover interação (Figura 32). Volumetria e uso de cores, uso de recursos naturais como plantas e iluminação sutil somam-se para garantir a atmosfera desejada.

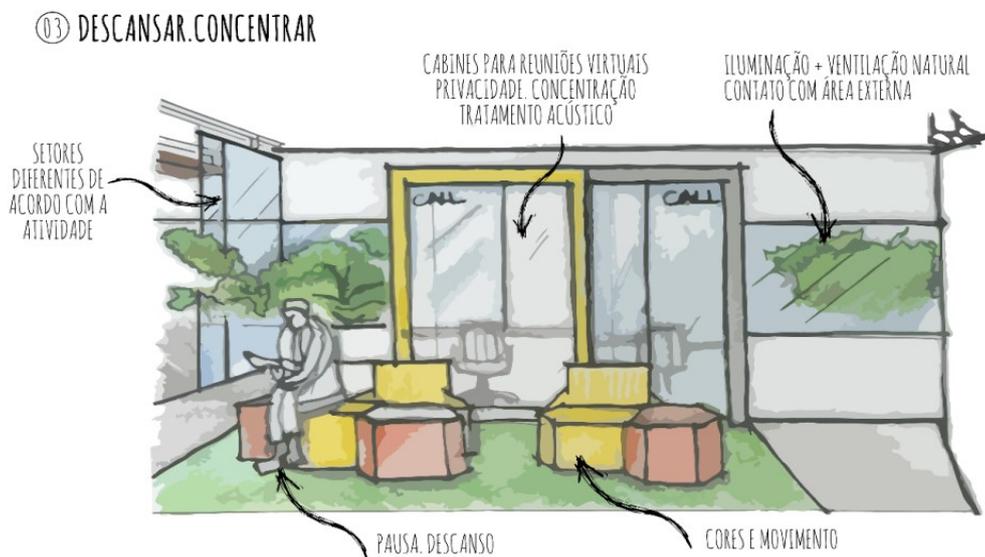
Figura 32- Simulação Ambiente de Pausa e Interação de acordo com Diagrama 1



Fonte: A Autora, adaptado de projeto por ela desenvolvido, 2021.

Por fim, considerando-se as atmosferas desejadas pelos indivíduos pesquisados, que embora almejem espaços compartilhados, também necessitam de ambientes que promovam atmosferas de silêncio e concentração, gerou-se uma atmosfera de privacidade para se conseguir realizar com tranquilidade suas atividades sem a participação ou interferência das atividades de seus pares. Procurou-se simular como poderiam ser e onde poderiam estar localizados tais lugares, observando-se sua interação com outros espaços promotores de atmosferas de descanso. (Figura 33).

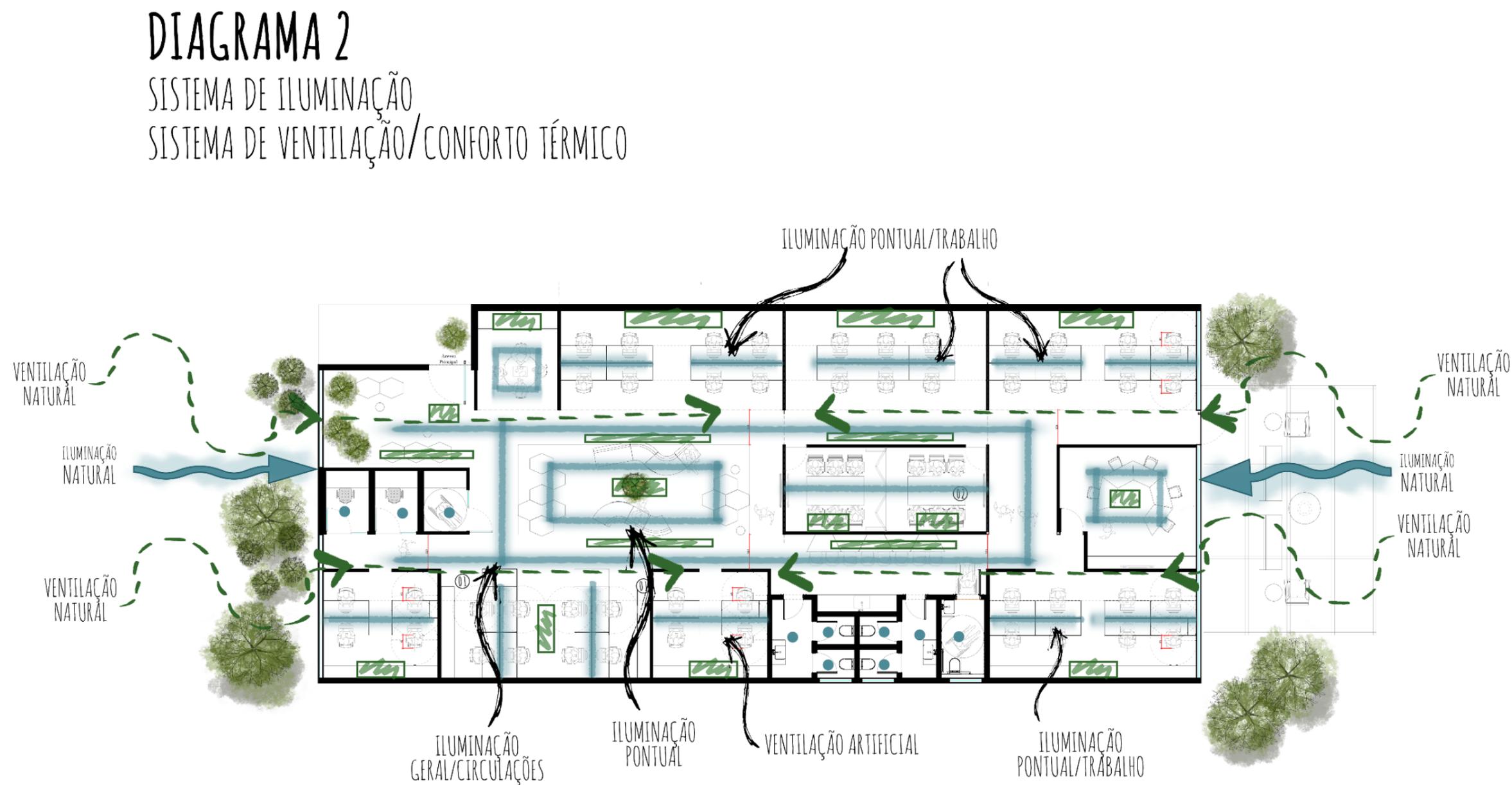
Figura 33- Simulação Ambiente Privativo de acordo com Diagrama 1



Fonte: A Autora, adaptado de projeto por ela desenvolvido, 2021.

Alinhados com as estratégias projetuais em relação a configuração espacial dos escritórios colaborativos, os aspectos ambientais e técnico-construtivos precisam estar inclusos como indicadores relevantes na concepção de bons projetos. A partir da manifestação dos participantes nas dinâmicas, bem como, da análise bibliográfica conseguiu-se simular alguns destes indicadores projetuais nos diagramas que seguem.

Figura 34- Simulação de sistema de iluminação e ventilação de um escritório colaborativo- Diagrama 2



Fonte: A Autora, adaptado de projeto por ela desenvolvido, 2021.

O diagrama proposto (Figura 34) apresenta uso de estratégias do Design Biofílico que prima pela utilização de sistemas naturais de iluminação e ventilação. A utilização de recursos naturais além de promover uma ambiência mais agradável pode contribuir para a diminuição de uso e consumo de sistemas artificiais como condicionadores de ar e iluminação artificial. Sugere-se a otimização dos dois sistemas, que poderiam ser utilizados de forma complementar quando necessária, e ainda assim com adoção de equipamentos de melhor desempenho e menor gasto energético. A utilização de lâmpadas que contribuam para o bom funcionamento do ritmo circadiano³⁸ e sistemas de climatização de ambientes que promovam conforto térmico, eficiência energética e economia, são bons exemplos a se seguir.

Ainda nos aspectos ambientais e técnico construtivos, encontra-se a necessidade do ambiente oferecer controle dos níveis de ruídos. Lançou-se mão de soluções encontradas no mercado capazes de promover tal objetivo, como por exemplo forros minerais ou forros dotados de tecidos absorventes, ou ainda pisos que contribuam para uma menor reverberação do som, importantes aliados na atenuação do desconforto acústico.

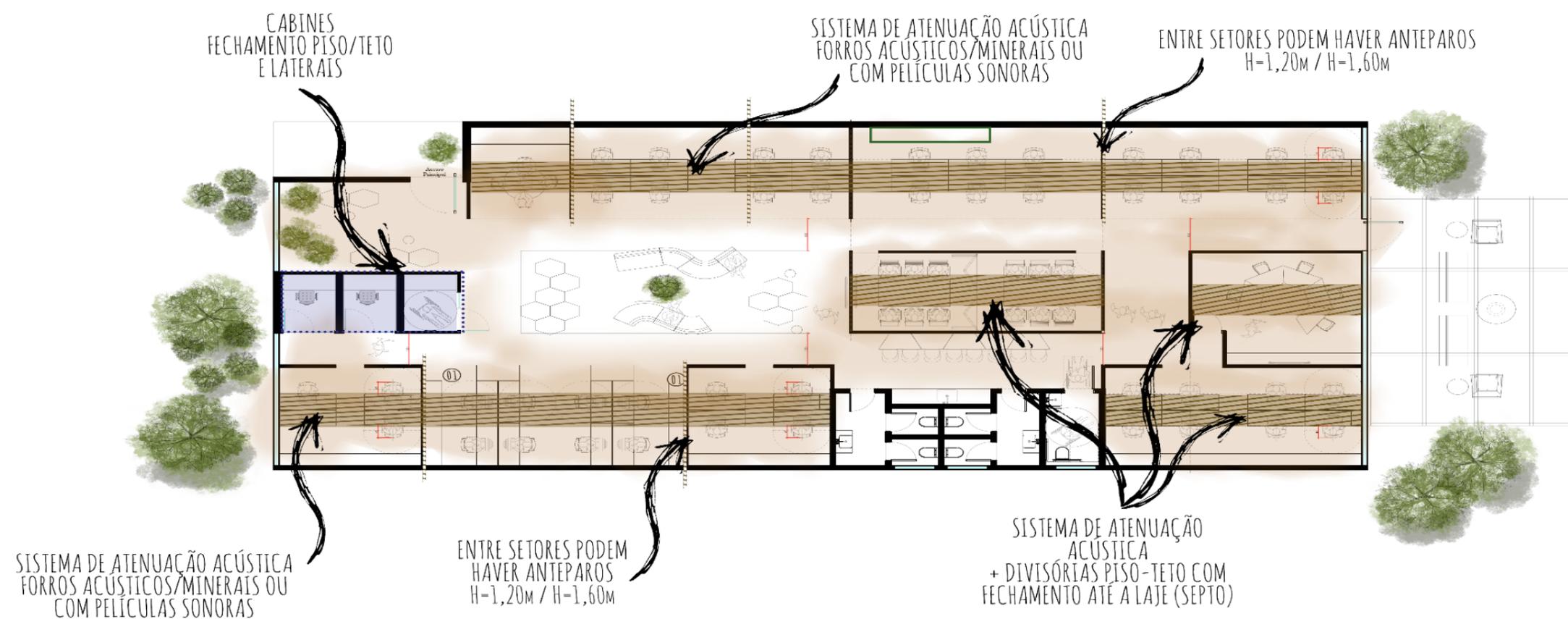
Apresenta-se um diagrama com a simulação da aplicação de revestimentos de forro e de piso para obtenção de níveis acústicos satisfatórios (Figura 35).

³⁸ Ritmo Circadiano: “O ritmo circadiano refere-se às mudanças físicas, mentais e comportamentais que ocorrem na maioria dos seres vivos ao longo de um ciclo de 24 horas, principalmente regulado pela luz ou escuridão dos arredores. É diferente do relógio biológico, mas os dois estão relacionados, pois o relógio biológico controla o ritmo circadiano e os processos relacionados no corpo.” Disponível em <https://www.news-medical.net/health/Circadian-Rhythm.aspx> Acessado em 15.12.2021

Figura 35- Simulação de recursos controladores ou atenuadores de níveis sonoros- Diagrama 3

DIAGRAMA 3

SISTEMAS ACÚSTICOS



Fonte: A Autora, adaptado de projeto por ela desenvolvido, 2021.

Para além da dimensão material da territorialidade percebeu-se na revisão bibliográfica e na pesquisa de campo, a manifestação de sua dimensão imaterial: a territorialidade como manifesto do ideário das gerações emergentes. Uma vez que comungam de valores semelhantes, com pensamentos afins sobre diversos temas, dispendo de habilidades cognitivas correlatas, ao manifestar seu pensamento individual, assim estarão demarcando sua territorialidade, o seu estar e ser no mundo. No caso do ambiente de convívio profissional, o manifestar do seu ponto de vista, protagonizado pelo seu corpo, é a forma com que seu território, uma extensão não visível do seu espaço pessoal e intelectual, é defendido. Desta forma, a troca de ideias permite que múltiplos territórios individuais venham à tona e, ao se manifestarem, constroem um território único e coletivo, altamente defensável por parte de seus integrantes.

Ornstein (1995) destaca que existem novas condições que fomentam novos comportamentos e que fazem emergir novas tecnologias capazes de induzir a comportamentos contrastantes em algumas atividades.

Com relação ao objetivo secundário de se analisar os possíveis impactos da Pandemia da Covid-19 na configuração de escritórios colaborativos contemporâneos, onde as atividades de trabalho tiveram que ser desenvolvidas em casa, percebeu-se a necessidade de uma nova forma de interação como o espaço residencial, muitas vezes inapto para receber a função laboral, propondo-se haver a necessidade de uma nova estruturação dos ambientes de trabalho.

Por serem considerados por alguns autores como *Digital Natives* (PRENSKY, 2001 apud VERZONI; LISBOA, 2015), acredita-se que as novas gerações, mais familiarizadas com equipamentos e novas tecnologias tenham enfrentado com menor resistência ou dificuldade este período de distanciamento do espaço físico de trabalho. Suas habilidades cognitivas na realização de múltiplas tarefas e ainda o domínio de tecnologias de interação aliados as suas conexões digitais, possivelmente o mantiveram em atividade sem maiores prejuízos.

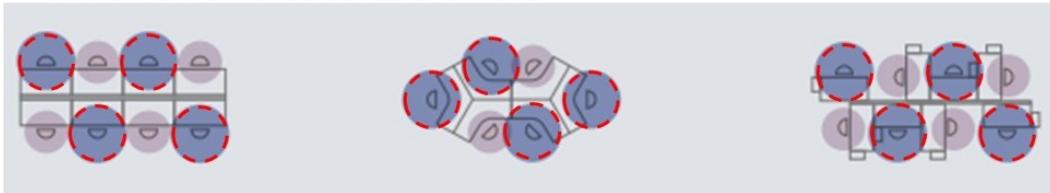
Observa-se que, outras crises sanitárias de larga escala, como a tuberculose (1850-1950), que atingiram e vitimaram grande parte da população mundial, demandaram-se mudanças na forma de se projetar os espaços: no caso citado, a necessidade de espaços com maior salubridade, ventilação e iluminação natural e qualidade de permanência oportunizou o discurso modernista do minimalismo formal. Há que se projetar acompanhando-se as mudanças de comportamento e,

sobretudo, de necessidades. As mudanças, por conta da crise de saúde provocada pela COVID-19, puderam ser observadas, ao menos na forma de ocupação dos espaços, para atendimento das medidas sanitárias foram criados decretos municipais e estaduais de distanciamento e, espaços como por exemplo, os *coworkings*, tiveram que operar em determinados momentos, com a redução da sua capacidade de ocupação, o que além de vir de encontro as demandas sanitárias de prevenção ao COVID-19, propiciavam ambientes mais saudáveis, menos ruidosos, com espaços individuais mais amplos. Com base na análise de contexto citada e somada à pesquisa desenvolvida por uma das empresas pioneiras no desenvolvimento de mobiliário de escritório, pode-se demonstrar que, em termos de ocupação de espaço alguns resultados já podem ser percebidos na forma de se projetar ambientes de escritórios colaborativos tais como:

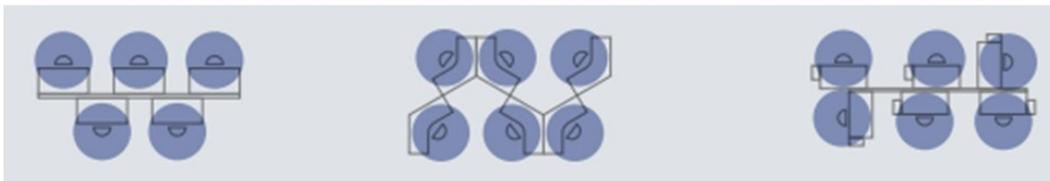
Figura 36- Configuração de Estações de Trabalho Pós Pandemia-1

Configuração de Estações de Trabalho:

Cenário 1: Quando for possível alternar-se dias de uso



Cenário 2: Quando não for possível alternarem-se dias de uso: Prever maior Distanciamento entre estações



Fonte: A Autora adaptado da Pesquisa Herman Miller³⁹, 2021, p. 20.

Na imagem (Figura 36) são apresentados dois cenários de configurações espaciais. O cenário 1 considera a ocupação de postos de trabalho em dias alternados, deixando um espaço vago entre as estações enquanto o cenário 2 sugere maior espaçamento entre as estações quando da impossibilidade de alternância nos períodos de trabalho, mostrando assim algumas alternativas possíveis. No caso das mesas tipo plataformas lineares (Figura 37), percebe-se a

³⁹ Pesquisa “Embracing a New Reality- Workplace Strategy insights for COVID-19 and Beyond” realizada pela empresa Herman Miller, 2021.

introdução de painéis separadores da superfície única, o que além de permitir maior distanciamento entre os usuários, permite também a demarcação mais formal do território individual, estabelecendo novos limites.

Figura 37- Configuração de Estações de Trabalho Pós Pandemia-2



Fonte: A Autora adaptado da Pesquisa Herman Miller, 2021, p. 28

Aumento do espaço também deve ser observado em ambientes coletivos como salas de reuniões e espaços de convivência exemplificados (Figura 38).

Figura 38- Configuração de Salas de Reuniões Pós Pandemia



Fonte: A Autora adaptado da Pesquisa Herman Miller, 2021, p. 21.

Tratando-se do programa básico de áreas, importante considerar alteração nas áreas de convívio e interação entre os usuários. Torna-se necessário delimitar territórios individuais em prol de uma segurança sanitária coletiva. Espaça-se o mobiliário e sua proximidade dos demais, promovendo-se uma separação, visual ou não, que favoreça o distanciamento.

Importante contemplar estações de prevenção como o uso de equipamentos sanitizantes e de aferimento de temperatura individual e as circulações precisam permitir, além de fluidez, a não aglomeração.

Considera-se pertinente o achado de outras pesquisas⁴⁰(GERBELLI, 2021) que apostam em uma exponencial automação de ambientes, ou seja, o aumento do uso da tecnologia tanto para o que se refere ao controle preventivo como o caso de acionamentos de portas, sistemas de iluminação e ligação de equipamentos, bem como uso de mobiliário onde não seja necessário segurar objeto apenas tocá-lo rapidamente ou realizar a tarefa apenas por controle de voz feito por meio de aplicativos. Alguns ambientes, em especial os de convívio, são apontados como os mais suscetíveis às variações tecnológicas acima descritas, como exemplo ambientes de descompressão, convívio como a copa e também salas de reuniões.

Desde a década de 70 associações de proteção ambiental advertiam que males como alergias, resfriados, irritações nos olhos e garganta, pele ressecada, fadiga e dor de cabeça, náuseas e dores na coluna, inflamação dos tendões e doenças raras pulmonares, poderiam estar relacionadas à aspectos ergonômicos e antropométricos em função do mobiliário inadequado ou desregulado, ou do contato com materiais nocivos à saúde, como por exemplo, os que usam formaldeídos em suas composições (ORNSTEIN 1995).

Para além do uso de equipamentos ou mobiliário, a preferência por se utilizar sistemas naturais de iluminação e ventilação também deve ser priorizada, sem dispensar da tecnologia para acioná-los sem necessidade de toque.

Se, somados o uso destes materiais em ambientes de baixa ventilação ou iluminação ou ventilação artificial sem manutenção, estima-se que o usuário possa estar desempenhando suas atividades em ambientes insalubres e até patológicos. Neste contexto, dá-se especial ênfase à necessidade de se pensar e levar em conta fatores técnico-ambientais aliados à fatores estéticos e simbólicos, na concepção de projetos.

⁴⁰ Pesquisa realizada com Arq. Marcelo Barbosa, professor de arquitetura e urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, sócio do escritório Bacco Arquitetos que elabora uma projeção de como estão e como serão os escritórios pós pandemia. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2021/04/18/a-rotina-nos-escritorios-depois-da-pandemia-mais-espaco-ventilacao-e-uso-da-tecnologia.ghtml>

5 CONCLUSÃO

O conhecimento científico nasce da necessidade de se estabelecer uma posição ativa que analisa e testemunha fenômenos e dentro do uso da sua análise racional estabelecer certo controle ou domínio sobre (KÖCHE, 2002). Ao se propor a investigar as inquietações preliminares acerca de comportamento geracional e sobre ambientes de trabalho não foi possível esquivar-se da análise do momento que se vivia: momento raro, de desafios e incertezas globais que ecoavam nas formas de se viver de cada indivíduo.

Para além das inquietações que norteavam a pesquisa, encarou-se o desafio de se investigar um tempo em andamento, um tempo oscilante que pouco se tinha de referencial teórico e consenso coletivo. O pesquisador ao propor-se tal desafio precisou valer-se de fatos, por vezes empíricos, que sustentassem seu raciocínio fruto da análise simultânea do desenrolar dos eventos. O risco de se avaliar precipitadamente situações cotidianas tornou-se um desafio e uma limitação a ser transposta no processo de desenvolvimento de pesquisa.

Somado ao desafio descrito, em um primeiro momento houve ainda a limitação de não se poder ir a campo e interagir com os pares geracionais que se desejava investigar sobre o comportamento territorial. A solução adotada foi inicialmente aprofundar-se na fundamentação bibliográfica e temática sobre os objetos de estudo e lançar mão de instrumentos metodológicos que dessem conta de oportunizar dinâmicas que aproximassem o pesquisador ao *cluster* geracional pesquisado. Utilizando-se do ambiente virtual, a pesquisa conseguiu ser uma pesquisa-ação que extraiu positivos recursos de análise, o que talvez pudesse ter sido mais bem explorado, caso fosse realizada em um ambiente físico real. Por se estar vivendo período de exceção, a dinâmica foi desenvolvida de forma virtual, atendendo assim aos requisitos de distanciamento social, os convites foram enviados por meio de e-mails e a participação, foi realizada em ambiente virtual. Isso acarretou em imprevistos como interrupções, principalmente em chamadas telefônicas ou acesso de terceiros ao ambiente em que os participantes estavam. Contudo, a pesquisa de campo desenvolveu-se de maneira satisfatória, cumprindo com seu objetivo.

Desta forma, para além das limitações encontradas, em contrapartida, foi possível acompanhar variações tanto no comportamento do *cluster* geracional

quanto na ocupação de ambientes de trabalho ao longo do período de pesquisa. O que, por um lado era limitação por outro fornecia variantes relevantes de análise o que respondem aos objetivos de pesquisa.

Entendendo-se que o arquiteto projeta o espaço para os indivíduos que o ocuparão, torna-se importante que, além de entender minimamente sobre as funções e atividades a serem desempenhadas, se entenda as características e anseios dos indivíduos que ocuparão tais ambientes. O conhecimento de características geracionais, suas formas de agir e ver o mundo, tornam-se assunto relevante para definição de conceito, escopo e, principalmente, de estratégias projetuais a serem utilizadas.

Do arquiteto demanda-se uma visão holística, integrativa e sistêmica das condicionantes de projeto. Analisar aspectos técnico-funcionais, estéticos, ambientais promotores das sensações de conforto em suas múltiplas dimensões (visual, auditivo, tátil, olfativo e cinestésico) e os requisitos humanos básicos tratados nesta pesquisa como a manifestação da territorialidade.

O bom projeto de arquitetura parece ser aquele que vai além do programa básico e das demandas práticas, dotado da sensibilidade de articular todos estes aspectos, com fluidez e dinamismo. Não se entende aqui que, o arquiteto responsável pelo projeto, deva dominar todas as especialidades necessárias para atendimento das demandas e da satisfação do usuário. Defende-se que ele se cerque de equipes multidisciplinares que analisem, cada qual à luz da sua especialidade, a construção de um objeto coletivo, levando-se em consideração os mais variados itens possíveis.

Considera-se, como desdobramentos possíveis, a investigação de outros *clusters* geracionais como por exemplo crianças ou idosos, outros *loci* de pesquisa como o ambiente residencial, universitário ou de saúde, bem como a investigação de outros comportamentos sócio- espaciais durante períodos de exceção como, por exemplo, a Pandemia da Covid-19.

Em decorrência da situação pandêmica, as configurações espaciais, bem como os elementos arquitetônicos, passaram de fato, por reformulações. No entanto, não se sugere um retrocesso à forma hierarquizada de se projetar os ambientes de trabalho, mas acredita-se que intervenções que resguardem a territorialidade do usuário e criem limites mais visíveis de privacidade possam ser recursos importantes

para além de seus significados simbólicos, na prevenção de males que ameaçam a saúde do usuário.

Compreender o que se alterou no modo de pensar e agir em tempos de crise, pode orientar ao desenvolvimento de soluções por assim dizer, inovadoras, e que beneficiem o bem-estar individual e coletivo nas mais diversas dimensões. Apontam-se como caminhos possíveis a elaboração de projetos que contemplem áreas individuais mais generosas aos colaboradores a despeito do dimensionamento com que se vinha trabalhando cujo objetivo parecia ser apenas a otimização máxima do espaço dentro de limites dimensionais mínimos. Avalia-se que respeitando-se as necessidades básicas territoriais humanas a qualidade dos espaços destinados a ambientes de trabalho pode ser atingida com maior eficiência. Acredita-se que o período atualmente vivido ainda sugere uma forma de atuação em modelo híbrido de trabalho, alternando-se dias e períodos de ocupação de áreas destinadas ao trabalho, não especificamente sendo necessários a presença física diária. No entanto, sendo o ser Humano em ser social, entende-se que os ambientes de trabalho sejam facilitadores da interação social e colaborativa para além dos desafios de ordem macro, a exemplo da Pandemia.

Após este percurso por entre os objetos de investigação escolhidos, encerramos esta pesquisa desejando ter deixado uma possível contribuição acerca dos temas abordados bem como, poder ter conseguido demonstrar a intenção de ser, material de fácil consulta, interpretação e orientação para outros pesquisadores com as mesmas inquietações que as aqui apresentadas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, B. P. **A arquitetura e as pandemias**. Disponível em: <<https://www.athiewohnrath.com.br/aw-e-trends/a-arquitetura-e-as-pandemias/>> Acessado em: 01/05/2021
- AMATUZZI, M. M. Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. **Revista Estudos de Psicologia** . Campinas.v.26, n.1, p. 93-100 .janeiro-.março 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n1/a10v26n1>> Acessado em 01/03/2021
- ANSAY, L. **A Geração Y e o Mercado de Trabalho** - (Monografia apresentado ao Curso de Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção dos créditos na disciplina OC297 Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda II).UFPR, Curitiba, 2016.
- AS GRANDES epidemias ao longo da história.Revista Super Interessante, Ago-2004. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/saude/as-grandes-epidemias-ao-longo-da-historia/>>.
- ASCHIDAMINI, I. M.; SAUPE, R. Grupo Focal- Estratégia Metodológica Qualitativa: Um Ensaio Teórico. **Revista Cogitare Enfermagem**, UFPR, V. 9, N. 1 (2004) Disponível em DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v9i1.1700>
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 8995-1: 2013**. Iluminação de ambientes de trabalho Parte 1: Interior. 2013. Disponível em <https://www.abntcatalogo.com.br/norma.aspx?Q=Uk95Y2d6VDM5cjFXa25RQzBMcUR4SWZIN0o4dTdLSVVGbXZ1OHJST0lVaz0=>
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10152**: níveis de ruído para conforto acústico: procedimento. Rio de Janeiro, 1987. Disponível em : <<https://www.abntcatalogo.com.br/norma.aspx?ID=79207>>.
- AUGÉ, M. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade / Marc Augé; tradução Maria Lúcia Pereira- Campinas, SP: Ed. Papyrus, 1994. - Coleção Travessia do Século.
- BEJTKOVSKY, J. The Employees of Baby Boomers Generation, Generation X, Generation Y and Generation Z in Selected Czech Corporations as Conceivers of

Development and Competitiveness in their Corporation. **Journal of Competitiveness**. vol.8, Issue 4. 105-123. 2016

BRASIL. FIOCRUZ. [Web Site] **Informações sobre o novo coronavírus**. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/sua-saude/informacoes-sobre-doencas/informacoes-coronavirus> . Acessado em 27.01.2021

BRASIL. FIOCRUZ. [Web Site] **O que é uma pandemia**. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia> Acessado em 27.01.2021

BRASILEIRO, A. B. H. **Rebatimento espacial de dimensões sócio-culturais: Ambientes de trabalho/ Alice de Barros Horizonte Brasileiro**. - Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2007. Tese doutorado – Programa de Pós-graduação em Arquitetura. UFRJ/PROARQ/, 2007. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/21/teses/677743.pdf>>

BRITO, S. Home Office: o desafio de trabalhar distante da empresa .**Revista Veja**. 2021. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/home-office-como-administrar-os-desafios-longe-do-escritorio/>>

BURSTEIN, David. D. **Fast Future: How the Millennial Generation is Shaping Our World**. Boston: Beacon Press, 2013.

CALDEIRA, V. Ambientes de Trabalho. **Revista Arquitetura & Urbanismo**; Seção Interseção. Ed nº 133- abril de 2005. Disponível em: <https://www.academia.edu/29888162/AMBIENTES_DE_TRABALHO/> Acessado em 01/03/2021

CARMO, A. T.; PRADO, R. T. A. **Qualidade do Ar Interno**. Série Texto Técnico, TT/PCC/23. São Paulo: EPUSP, 35 p., 1999. Disponível em: <<http://repositorio.asc.es.edu.br/bitstream/123456789/418/12/Cap%209%20Qualidade%20do%20ar%20interno.pdf>>

CARVALHO, R. **85% das profissões que existirão em 2030 ainda não foram criadas**.(08 de janeiro de 2019).[site da web]. Disponível em: <<https://www.projetoDraft.com/85-das-profissoes-que-existirao-2030-ainda-nao-foram-criadas/>>.

¿CASAS y escuelas anticovid? El ejemplo de cómo la arquitectura moderna frenó la tuberculosis”. [vídeo no youtube]. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=SXhojZb_x6s&list=RDCMUCY2hu_NT5NDbBU-HGxgqMuA&index=2>.

CAVALCANTE, S.; NÓBREGA, Lana Mara Andrade. **Espaço e Lugar** in : CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice. **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. Capítulo 21. Pág. 182-190.

CEINAR, I. M.; MARIOTTI, I. Os Efeitos do Covid-19 nos Espaços de Coworking: Padrões e Tendências Futuras. In: Mariotti I., Di Vita S., Akhavan M. (eds) **Novos Locais de Trabalho—Padrões de Localização, Efeitos Urbanos e Trajetórias de Desenvolvimento**. Pesquisa para o Desenvolvimento. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-030-63443-8_15

CERBONE, D. R. **Fenomenologia**. (Tradução de Caesar Souza. 3ª.ed.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Série Pensamento Moderno.

COCA, E. L. F. Uma revisão sobre o conceito/ categoria de território. **Revista de Geografia**, UFPE, v.31, n. 31, 2014, p. 102-103. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/viewFile/229130/23529#:~:text=O%20territ%C3%B3rio%20%C3%A9%20o%20espa%C3%A7o,%C3%A9%20um%20espa%C3%A7o%20de%20conflitualidades>.

CRIADO para inspirar : prédio administrativo da S. C. Jhonson Criado por Frank Lloyd Wright. [Web Site] Disponível em: <<https://www.scjohnson.com/pt-br/a-family-company/architecture-and-tours/frank-lloyd-wright/designed-to-inspire-sc-johnsons-frank-lloyd-wright-designed-administration-building>>

DALL'AGNOL, C.; TRENCH, M. H. Grupos Focais como estratégia metodológica em pesquisas na enfermagem. **Rev. Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, v.20, n.1, p.5-25, jan. 1999

DELEUZE, G. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. 1996 Disponível em <<http://clinicand.com/o-abecedario-de-gilles-deleuze/>>

DeVANEY, S. A. Understanding the Millennial Generation. **Journal of Financial Services Professionals**, v.69, n.6, p. 11-14. 2015. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/47184865/understanding_the__Millennial_generation.pdf?1468324075=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3D20B_DIAL1_Understanding_the_Millennial_G.pdf&Expires=1625454590&Signature=fotkh30x9jzrkZjYIbSseLgltCJkll6NJw21BIOkjsFuWF3dPSfjafbzVuXeT05~cfAgD1RJ1UyflcPVfXitkcVW2LGUCRHag~QOUCRoB8Vs hGlynhGj2->

tP65W9MuZ46vTE8xeT~saLOYei4zz8tHlHbq8vftt47~ucr3gfOEGtINH4hXs9ie7Vdh5
 Uajpt8h7nBG6kh0y7U-Zvghmkv4FV1S-
 y2qTnAqqcVNLkpF2CvLe31~nKV~7But5pjiTPd~V-
 nbf5BKHODSbqsDvxNGcikt6fgwpuYG4Izheoaj2m7Jn1CldjnyKTgVqe8lqSZIEfqloma
 OczJxQFdtKnSA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA>

EMBRACING a New Reality: Workplace strategy insights for COVID-19 and beyond. [Web Site] Disponível em:

<https://www.hermanmiller.com/content/dam/hermanmiller/documents/covid_19/embracing_a_new_reality.pdf>. Acessado em 27.03.2021

EVOLUÇÃO dos escritórios e seu mobiliário [Web Site] Disponível em:

<<https://funcional.com.br/evolucao-dos-escritorios-e-seu-mobiliario/>>

FERREIRA, S. M. I. L.; PENTEADO, M. S.; DA SILVA, M. F. **Território e territorialidade no contexto hospitalar: uma abordagem interdisciplinar.** *Saúde Soc.* São Paulo, v.22, n.3, p.804-814, 2013. <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902013000300014>>

FUNDAÇÃO JORGE DUPRAT FIGUEIREDO. NHO 11. **Avaliação dos níveis de iluminamento em ambientes internos de trabalho.** FUNDACENTRO: São Paulo, 2018.

GALLUP **State of the American Workplace.** [Web Site]. 2017. Disponível em:

<<https://www.gallup.com/workplace/238085/state-american-workplace-report-2017.aspx?thank-you-report-form=1>>

GENSLER RESEARCH INSTITUTE **US Workplace survey 2019.** 2019 [Web Site]

Disponível em: <<https://www.gensler.com/doc/u-s-workplace-survey-2019>>

GERBELLI, L.G. **A rotina nos escritórios depois da pandemia: mais espaço, ventilação e uso da tecnologia.** (Artigo em meio eletrônico-18/04/2021). [Web Site] Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2021/04/18/a-rotina-nos-escritorios-depois-da-pandemia-mais-espaco-ventilacao-e-uso-da-tecnologia.ghtml>>

GIFFORD, R.; STEG, L.; RESER, J. **Environmental Psychology.** 2011. Blackwell Publishing Ltd. Disponível em:

<https://web.uvic.ca/~esplab/sites/default/files/Gifford%2C%20Steg%2C%20Reser%202011%20IAAP.pdf>

GONDIM, S. M. G.. Grupos Focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. Universidade Federal da Bahia. **Paidéia**, 12(24), 149-1612003,

HALL, Edward T. **A Dimensão Oculta**. (Tradução de Sônia Coutinho), RJ: F. Alves, 1977.

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; KUHLEN, Ariane; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Cognição Ambiental** in CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice. **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**, 2011. Capítulo 9. Pág 105-121

KORPELA, M. K. Place-identity as a product of environmental self-regulation KM Korpela - **Journal of Environmental psychology**, 1989. Disponível em:<https://scholar.google.com/citations?user=WcLq_1UAAAAJ&hl=fi> Acessado em 01/03/2021

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

KRAMPE, M. E. D. S.; BRAMBILLA, F. R.; ANGNES, D. L. **Um Estudo Comparativo entre Gerações X, Y e Z em relação às Novas TECNOLOGIAS e com o E-commerce**. [Web Site] **Revista Eletrônica de Administração e Turismo**, vol. 12/ nº 07. Julho- Dezembro de 2018.

KUHLEN, A. **Percepção Ambiental** in: CAVALCANTI, Sylvia; ELALI, Gleice. **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. Capítulo 21. Pág. 250-266.

LANG, I. J. **Privacy, Territoriality, and Personal Space- Proxemic Theory**. Nova Iorque: 1987

MALLGRAVE, H.F. Embodiment and enculturation: the future of architectural design. **Front. Psychol.** Vol 6, artigo 1398. (2015). Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2015.01398/full>
doi: 10.3389/fpsyg.2015.01398

MARCON, C. R.; ZANNIN, P. H. T. O conforto acústico em escritórios panorâmicos: estudo de caso em um escritório real. **Revista Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 93-105, jan./mar. 2009. ISSN 1678-8621

MAZZA, V. A.; OLIVEIRA MELO, N. S. F.; CHIESA, A. M. O Grupo focal como Técnica de Coleta de Dados na Pesquisa Qualitativa: Relato de Experiência. **Revista Cogitare Enfermagem**, 2009 Jan/Mar; 14(1):183-8.

MARQUEZE, E. C.; MORENO, C. R. C. Satisfação no trabalho: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v.30, n.112,p. 69-79. 2005 Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/rbso/a/M8DvvS9XBrTqBryT6yGYg5n/?lang=pt&format=pdf>>

MERLEAU- PONTY, M. **Conversas** – 1948. 1908-1961. Organização e notas de Stéphanie Ménasé; tradução Fabio Landa, Eva Landa; revisão de tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____ **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª edição- São Paulo: Martins Fontes, (1908-1961) 1999.

MICASA. **Paimio Sanatorium**. Alvar Aalto. [Web Site] Disponível em:
<<https://micasa.com.br/conteudo/paimio-sanatorium--alvar-aalto1>>

MOORE, G. T. Estudos do Comportamento Ambiental. Capítulo 3. in SNYDER, James C. CATANESE, Anthony. **Introdução à Arquitetura**. (Tradução de Heloisa Frederico). RJ: Campus, 1984

MORITZ, S. **Service Design: practical access to an evolving field**. Köln International School of Design, University of Applied Sciences Cologne, 2005. 125 p.

NAMAZIAN, A.; MEHDIPOUR, A. Psychological Demands of the Built Environment, Privacy, Personal Space and Territory in Architecture. **International Journal of Psychology and Behavioral Sciences** 2013, vol..3, n.4, p.109-113 Disponível em:
<https://www.researchgate.net/profile/Armin_Mehdipour/publication/309855784_Psychological_Demands_of_the_Built_Environment_Privacy_Personal_Space_and_Territory_in_Architecture/links/58254c0208aeebc4f89e8149/Psychological-Demands-of-the-Built-Environment-Privacy-Personal-Space-and-Territory-in-Architecture.pdf>
DOI: 10.5923/j.ijpbs.20130304.04.

NG, E.S.W.; JOHNSON, J. M. **Millennials: who are they, how are they different, and why should we care?** Disponível em :
(researchgate.net).DOI:10.4337/9781783476589

NÓBREGA, Terezinha da. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia** 2008, v. 13, n. 2, p. 141-148.
<<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2008000200006>>

NORMA REGULAMENTADORA-17, **Ergonomia**. PORTARIA/MTP Nº 423, DE 7 DE OUTUBRO DE 2021. ANEXO. ÍTEM 17.6 Mobiliário de Postos de Trabalho. [Web Site] .Disponível em:
<http://www.normaslegais.com.br/legislacao/portaria_mtp_423_2021.htm>

OLIVEIRA, S. **Geração Y: ser potencial ou ser talento? Faça por merecer.**: São Paulo, Integrare, 2011.

ONU NEWS. **Entrevista com Conselheiro-sênior para inovação em serviços públicos do DESA, Jonas Rabiovitch** [Site da Web]. 2019. Disponível em:
<<https://news.un.org/pt/interview/2019/10/1692941%20>>

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Una SUS. [Web Site] **Organização mundial de saúde declara pandemia de coronavírus** . Disponível em
<<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>> Acessado em 18/01/2021

ORNSTEIN, S. W. **Ambiente Construído e Comportamento: A Avaliação Pós-Ocupação e a Qualidade Ambiental**. São Paulo: Nobel, 1995

OSBORN, A.. **O Poder Criador da Mente: princípios e processos do pensamento criador e do “brainstorming”**. Traduzido por E. Jacy Monteiro. São Paulo: Ibrasa, 1987

PALLASMAA, J. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Bookman, Porto Alegre, 2011.

PANERO, J.; ZELNIK, M. **Dimensionamento humano para espaços interiores**. Tradução Anita Regina Di Marco, 1ª edição, 2008. Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2002.

PEIXOTO, D. R. Dialética até Hegel . **Revista de Teorias e Filosofias do Estado** . Volume 1 numero P125-156, 2015. Disponível em:
<<https://www.indexlaw.org/index.php/revistateoriasfilosofias/article/view/684/pdf>>

PINHEIRO, J. Q.; ELALI, G. A. Comportamento socioespacial humano in : CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice, 2011. **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Capítulo 11. Pág. 144-158

POPPER, K. **A lógica da pesquisa científica**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1989. (Tradução da 3ª edição, revista e com apêndices, de The logic of scientific discovery, 1972).

PROSHANSKY, H; FABBIAN, A; KAMINOFF, R. Place Identity: Physical World Socialization of the self. **Journal of Environmental Psychology**. 1983 vol. 3. P. 57-83. Disponível em:
<<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272494483800218>>. Acessado em 01/03/2021.

REINGHANTZ, P. A.; BRASILEIRO, A.; ALCANTARA, D.; AZEVEDO, G. A.; QUEIROZ, M. Observando a qualidade do lugar: Procedimentos para a avaliação pós-ocupação. **Revista Proarq** -Programa de Pós-graduação em Arquitetura - FAU-UFRJ. Editora, 2008

SALTORATTO, G. M.; GASCHLER, T.; AGUIAR, V. S M.; OLIVEIRA, M. C.. Geração Z e seus impactos na Cultura Organizacional. **Revista Produção Online**. Florianópolis, SC, v. 19, n. 3, p. 1027-1047, 2019.

SAQUET, M. A. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 43, p 55-76, jan./jun. 2007. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12646/11806>>

SANTOS, U.P., RUMEL, D., MARTARELLO, N. A., FERREIRA, C.S.W., MATOS, M.P. Síndrome dos edifícios doentes em bancários. **Rev. Saúde Pública**, n. 26 vol. 06, p. 400-404, 1992. Disponível em:
<<https://www.scielo.org/pdf/rsp/1992.v26n6/400-404/pt.>>

SANTOS, C. Território e Territorialidade. **Revista Zona de Impacto** [on line]. ISSN 1982-9108, 13, 2009. (n.p.) Disponível em:
<http://www.albertolinscaldas.unir.br/TERRIT%C3%93RIO%20E%20TERRITORIALIDADE_volume13.html acessado em 22.01.2021>.

SCHULZE, F. ; HARRINGTON, K . **Edifícios famosos de Chicago** (5ª ed.) Chicago: University of Chicago Press, p. 75 ISBN 0-226-74066-8. 2003

SILVA, V. L. da; ULLER, C. M.; SANTOS, J. D.; REZENDE, F. A. Análise da Motivação de pessoas: um estudo baseado em princípios da Hierarquia de Necessidades de Maslow. **Revista Foco**, v. 10, n.2, p. 148-166. 2017. DOI: 10.28950/1981-223x_revistafocoadm/2017.v10i2.365

SILVA, R. **Escritório**: História e a sua relação com a produtividade. 2014. [Web Site] Disponível em: <<https://www.catho.com.br/carreira-sucesso/colunistas/gestao-rh/escritorio-historia-e-a-sua-relacao-com-produtividade>> Acessado em 01/03/2021

SMITH, Y. **O Que é o ritmo Circadiano?** [Web Site] Disponível em: <<https://www.news-medical.net/health/Circadian-Rhythm.aspx>> Acessado em 15.12.2021

SOMMER, R. **Espaço Pessoal**. Coleção Ciências do Comportamento. São Paulo: EPU, Ed. Da Universidade: São Paulo, 1973.

TALMASKY, E. M. **Uma Abordagem Eco-Ergonômica do Espaço de Trabalho Na Automação de Escritórios**. (Tese de Doutorado- Universidade Federal de Santa Catarina-Centro Tecnológico). Florianópolis, 1998. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/77523>>Acessado em 404/02/ 2021

TAPPSCOTT, D. **A hora da Geração Digital**: Como os Jovens que Cresceram Usando a Internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Tradução de Marcello Lino. – Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

The Buffalo Story Gazette. [Web Site] Disponível em: <<https://www.buffalohistorygazette.net/2011/10/larkin-administration-building-of.html>>

TOMAZ, R. A. Geração dos Millennials e as novas possibilidades de Subjetivação. **Revista Comunicare** v.13. n.1, p.99-110. (MIOLO.indb 99). Disponível em : <https://www.academia.edu/12313274/A_gera%C3%A7%C3%A3o_dos_Millennials_e_as_novas_possibilidades_de_subjetiva%C3%A7%C3%A3o>.

TORRES, M. J. A. C. C. **Os millennials e as suas expectativas do mercado de trabalho e das organizações**: Um estudo acerca dos estudantes do ensino superior do concelho do Porto. (Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação). Universidade Fernando Pessoa, Porto. 2019.

TRIGO, T. R.; TENG, C. T.; HALLAK, J.E.C. Síndrome de burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos. **Rev. Psiq. Clín.** v.34, n.5, p.223-233. 2007. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/rpc/a/6CTppSZ6X5ZZLY5bXPPFB7S/?format=pdf&lang=pt>>

TUAN, Y. Rootedness versus sense of place. **Landscape** 1980. Vol. 24, n.1. p.. 3-8.<<https://ri.talis.com/3/stirling/items/3C2FE142-AE78-61F4-5C60-5A6961D4CE2B.html>>

VERZONI, A.; LISBOA, C. Formas de Subjetivação contemporâneas e as especificidades da geração Y. **Revista Subjetividades**. Fortaleza, v.15,n.3,p.457-466, Dezembro. 2015. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S23590769201500030014#corresp> Acessado em 15.12.2019

VILLA, S.; ORNSTEIN, S. **Avaliação do Comportamento dos Usuários no espaço Habitacional: métodos e reflexões**. (Artigo integrante da pesquisa de doutorado em Curso do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. FAU-USP) In: XI Encontro Nacional de Tecnologia no Ambiente Construído, ENTAC Florianópolis. Ano 2006, Disponível em:
<https://simonevilla.files.wordpress.com/2012/02/entac2006_1397_1407.pdf>

VISCHER, J.C. Towards a user-centred theory of the built environment. **Building Research & Information**, vol36, n.3,p. 231–240. ISSN: 0961-3218 (Print) 1466-4321 (Online) Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/loi/rbri20>>

VISCHER, J. C.; WIFI, M. **The Effect of Workplace Design on Quality of Life At Work**. 2015. Published in: Handbook of Environmental Psychology and Quality of Life Research Eds: Ghazlane Fleury-Bahi, Enric Pol, Oscar Navarro. London: Springer. CHAPTER 20.

WATERS-LYNCH, J.; POTTS, J.; BUTCHER, T.; DODSON, J.; HURLEY, J. Coworking: A Transdisciplinary Overview. 2016. n SSRN **Electronic Journal** · January 2016. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/296669434_Coworking_A_Transdisciplinary_Overview> DOI. 10.2139/ssrn.2712217.

WELLER, W. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado** - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010. Disponível em
<<https://doi.org/10.1590/S0102-69922010000200004>>

ZANATTA, A. A; SANTOS JR.; PERINI. C.C.; FISCHER, M. L. Biofilia: produção de vida ativa em cuidados paliativos. **Revista saúde debate**. rio de janeiro, v. 43, n. 122, p. 949-965, jul-set, 2019 doi: 10.1590/0103-1104201912223 acessada em 03/05/2021.

ZUMTHOR, P. **Atmosferas. Entornos Arquitectônicos- As coisas que me rodeiam**. Tradução Astrid Grabow, revisão Emídio Velez de Matos Branco. 2009. 1ª edição- 2ª impressão.

APÊNDICE A - A CASA E A PANDEMIA: DOIS MOMENTOS DE REFLEXÃO

MOMENTO I

Falar sobre isolamento e distanciamento social nos dias de hoje parece redundância. E é. Estamos todos há praticamente quatro meses com nossas rotinas sociais alteradas o que nos coloca na condição de isolamento. No entanto, se pensarmos que, apesar de passados alguns meses, as dúvidas sobre presente e futuro perduram, aí então estamos falando sobre coisas não redundantes, mas, em um misto de estagnação por não sabermos exatamente se o que estamos fazendo é o correto ou o possível. E ainda se leve em conta, certa negação e tentativas de se mudar o estado atual das coisas, retomando muitas vezes os antigos hábitos.

Neste contexto penso na casa, mas precisamente no que se tornou meu *home-office* e nas relações que se estabeleceram aqui, neste agora “lugar”, nestes quatro meses. Aqui estudei e estudo, trabalhei e trabalho e tenho também meus momentos de lazer. O que era um quarto de dormir já vinha sendo modificado para um espaço de estudo desde a entrada no mestrado, porém em quarentena, transformou-se literalmente na tradução de duas expressões. *Home* no sentido mais acolhedor da palavra abrigo e *Office*, no sentido de trabalho, estudo e desafio do intelecto.

Abro um parêntese aqui para questionar os novos conceitos que venho tomando contato, principalmente os relacionados com a identidade de lugar. Se a identidade de lugar de uma pessoa segundo Proshansky pode ser considerada como um *pot-pourri* de cognições tais como memórias, ideias, pensamentos, valores, atitudes e preferências, e se neste local houver a percepção de cognições valenciadamente positivas que resgatam meu passado ambiental e me fazem sentir que minhas demandas biológicas e culturais são atendidas, então, diferente de um ambiente planejado para tais atividades, aqui neste lugar onde também os afetos são positivos, evidencia-se a identidade de lugar¹.

¹ R. PROSHANSKY, H; FABBIAN, A; KAMINOFF, R. Place Identity: Physical World Socialization of the self. **Journal of Environmental Psychology**. 1983 vol. 3. P. 57-83. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272494483800218>>. Acessado em 01/03/2021.

Comento que diferente é de um ambiente planejado, pois o ato de planejar pressupõe o estudo das sensações que se desejam em determinado espaço, situação que não houve neste caso, mas que mesmo assim não deixou de conferir a este ambiente o aspecto de espaço dotado de significado, este lugar.

Aqui tudo tem história, tem memória, traz segurança, afeto e, sobretudo, pertencimento.

Conforme se referem Buttimer, Relph e Tuan (apud Proshansky et al., 1983, p.60), por meio de uma ligação com um lugar “a pessoa desenvolve um sentido de pertencimento e propósito que dá sentido à sua vida”, que ainda pode ser entendido como o “ponto de referência central da existência humana” (RELPH, 1976, p.20 apud PROSHANSKY et al., 1983, p. 60).

E este sentido acontece em função da realização de atividades importantes dentro e ao redor da casa, com certo equilíbrio entre a casa e os horizontes de alcance garantindo-se a manutenção da identidade de lugar e do bem-estar emocional. Sim, aqui se realiza o que os autores citados anteriormente acreditam ser a função principal do lugar, a saber, a promoção do senso de pertencimento e ligação do indivíduo. Aqui acontecem atividades importantes, bem como é importante a relação com os objetos que transmitem as memórias e garantem a manutenção do meu “eu”. Cooper (1974 apud Proshansky et al., 1983, p. 61) enfatiza a relação que ocorre entre a pessoa e o ambiente, e afirma que “pessoas se projetam no ambiente físico que transmite essa imagem de volta a eles e a outras pessoas”.

Nesse momento da percepção mais afetiva e por vezes, sensorial do espaço, posso associar este espelhamento que ocorre na relação de um indivíduo com o espaço transformado em lugar. Penso também na teoria da construção da identidade pessoal de Jacques Lacan, que propõe a perspectiva de obter-se a captação de si mesmo por meio dos outros.

Ainda no âmbito da identidade pessoal e da identidade de lugar, refletindo sobre as emoções fortes relacionadas a ele, lembro-me de alguns autores como Ladd (1977); Lukashok e Lynch, (1956) (apud Korpela, 1989, p. 244) ² que nos falam dos lugares que nos oferecem sentimentos de privacidade, controle e segurança e

² KORPELA, M. K. Place-identity as a product of environmental self-regulation KM Korpela - **Journal of Environmental psychology**, 1989.

atendem à necessidade de se ficar sozinho quase que num sentido de esconderijo. Sim aqui também é este lugar onde se tem vontade de permanecer por se saber seguro!

O espaço que antes era um quarto, por meio do mobiliário, de objetos significativos e dos recursos que oferece, muda o seu significado agrupando em volta de si maiores contornos que variam entre o aconchego, a segurança, o pertencimento, a reflexão e o sentido de se estar inteiro.

A cada novo texto ou nova apresentação o espaço amplia-se para acomodar este novo conhecimento e as novas cognições que são imediatamente ativadas nos tempos de isolamento. Novas formas de interação, nova forma de administração de tempo e de domínio tecnológico entre outras que precisaram ser lançadas em caráter de urgência.

Se for verdade que o indivíduo altera o espaço físico e este por sua vez altera as estruturas cognitivas e padrões de comportamento das pessoas, conforme descrito em Malgrave (2015)³ aqui se evidencia exatamente esta situação. A cada texto, a cada reflexão o espaço torna-se mais receptivo e cúmplice do estudo assim como o conhecimento faz com que o cérebro não mais se permita pensar dentro dos mesmos parâmetros. Então neste caso as estruturas genéticas e cognitivas são desafiadas a prestarem seu melhor desempenho.

Continuo a análise afetiva do espaço que habito nesta quarentena sob as novas lentes apresentadas por diversos autores que me fizeram companhia neste momento de isolamento. Modestamente concordo com Korpela (1989) quando nos explica ser a identidade de lugar um conjunto de configurações de cognições e partes do ambiente físico por meio dos quais de forma consciente ou inconsciente o indivíduo, no caso eu, regula seu senso de manutenção de si mesmo.

Ao estar aqui nesse lugar, eu alimento meu acervo pessoal, renovo meus pensamentos e também minha forma de interação com as pessoas e com os grupos que participo e isso dialoga diretamente com a Auto-Teoria Cognitiva da Personalidade de Epstein (1983 apud Korpela, 1989, p.241-243) que cogita sobre a necessidade de maximizar a relação prazer e dor, a necessidade de manter um sistema conceitual coerente e a necessidade de manter um nível favorável de autoestima.

³ MALLGRAVE H. F. Embodiment and enculturation: the future of architectural design. *Front. Psychol.* 6:1398. 2015. doi: 10.3389/fpsyg.2015.01398

Lembro-me de Korpela (1989, p. 241-242) citando Sabin, que sugere a autoconstrução do “eu”, como um processo que se dá a partir de uma narração coerente do “si mesmo”. A forma como eu me vejo e como os outros me veem.

Também recordo de Korpela (1983, p. 243-244) quando cita Swan, que alega que as pessoas se utilizam de sinais e símbolos que garantem suas interações.

Essa trama de conceitos vai se tecendo à medida que novos autores e pensamentos são apresentados e como tudo isso acontece aqui neste lugar em que eu já sou parte e ele parte de mim é que o aprendizado acontece.

Um pensamento muito recorrente sobre minha relação com o lugar em que habito está nos conceitos de enraizamento e de sentido de lugar proposto por Tuan⁴. Até então em minha percepção, tratava-se do mesmo sentimento, mas para minha grande surpresa na visão do autor, tais percepções podem ser divergentes. Enquanto o enraizamento, descrito nas palavras do autor como “*rootedness in its essence means being completely at home*” Tuan (1980, p.5) e que pode ser entendido como “estar em casa” de uma forma inconsciente, segura e confortável, por outro lado o senso de lugar implicaria na manutenção de certa distância racional entre o “eu” e o lugar, necessária para que este “eu” perceba com plena consciência e possa apreciar os aspectos do lugar. O autor ainda afirma que o sentido por ele conferido a “lugar” seria inviável em sociedades contemporâneas, uma vez que, pelo próprio estilo de vida, dificilmente há tempo para o distanciamento e para a reflexão sobre características e qualidades do lugar.

Trago as afirmações descritas, para o meu momento presente e contrariamente ao que afirma Tuan, pelo menos neste período atípico, encontro os dois conceitos atuando ao mesmo tempo. O enraizamento que me permite “estar em casa” como parte completamente integrada a este ambiente e, por outro lado, com o distanciamento necessário para poder enxergar de forma consciente suas características valenciadamente positivas, que por sua vez nutrem minha relação de afeto com este entorno.

Alguns poderão dizer ser precipitado fazer uma leitura deste momento, mas como sujeitos da ação em tempo real a leitura é “nua e crua” sem as interferências

⁴ TUAN, Y. Rootedness versus sense of place. **Landscape** 1980. Vol. 24, n.1. p.. 3-8.<<https://rl.talis.com/3/stirling/items/3C2FE142-AE78-61F4-5C60-5A6961D4CE2B.html>>

da memória que por vezes adapta situações conforme as emoções a elas relacionadas. Certamente em um futuro quando tivermos ultrapassado as dúvidas de antídotos contra o mal que nos afeta neste momento, poderemos ter clareza das implicações que este período nos trouxe.

Contudo, um dos maiores legados deste momento acredito que está no foco de observação: dos fatos, dos espaços, das pessoas. Observação pura, simples, mas principalmente observação-percepção, que me leva a discernir sobre o que representa cada coisa neste contexto, e decidir sobre o que deve ficar e o que deve ir.

MOMENTO II

Após período de festas de final e início de ano seguido de feriados, houve a detecção de uma nova cepa do coronavírus, resultando em março de 2021, que a contaminação assumisse proporções mais agressivas do que em períodos anteriores.

Pede-se licença ao leitor para se narrar os fatos em primeira pessoa, visto que infelizmente não foi possível passar ileso este período. E, como pertencente à estatística dos contaminados pelo vírus, por outro lado, foi possível perceber-se os espaços de maneira diferente do que seria em plena saúde.

O vírus adentrou nossa casa contagiando os três moradores. O primeiro caso começou brando, mas agravou-se se necessitando de internação hospitalar. O segundo caso foi brando, talvez por ter vacinado com a primeira dose no mês anterior a contaminação. O terceiro caso, meu próprio, iniciou com sintomas característicos, agravando-se e causando a necessidade de internação hospitalar.

Sob o efeito da doença e da medicação de combate, pouco se conseguia realizar atividades além do repouso o que, de certa forma, favorecia a observação e percepção do espaço onde se estava. Flagrava-me contemplando os espaços onde estava e relembrando conceitos e refletindo como estes poderiam ser mais amigáveis especialmente na situação delicada em que me encontrava.

No hospital, relembra os estudos de Roger Ulrich⁵ sobre a potência do ambiente, dotado de abertura para uma área externa ou uma boa vista, na

⁵ Ulrich, R. S. (1984). View through a window may influence recovery from surgery. *Science*, 224, 420 – 421 .

recuperação de uma cirurgia. Na enfermaria onde me encontrava, existiam janelas, porém eram basculantes e revestidas de película opaca para proteger a privacidade dos pacientes, visto que abriam para um espaço dotado de maquinários e adaptado para ser uma área de descanso dos funcionários. Fora este aspecto, observava o barulho das tão necessárias máquinas de oxigênio e pensava no quanto ainda temos a evoluir na atenção acústica, bem como na correta iluminação que proporcionasse maior aconchego e alternância de níveis de acordo com a necessidade. Considerando-se que ainda por estar em enfermaria adaptada para atender à demanda da pandemia, a privacidade e territorialidade eram, naquele momento, conceitos em defasagem limitando-se apenas ao espaço do leito e no máximo à mesa individual de apoio das refeições.

Para além das observações espaciais existia um fator que era extremamente significativo para o processo em que me encontrava. A interação com o corpo clínico e equipe de alimentação e limpeza. No ambiente hospitalar, em isolamento, sem poder ter contato com familiares, a interação com as equipes, ainda que paramentadas com máscaras, toucas e protetores de face, revelava, por meio do olhar amigável, que tudo iria se resolver e ficar bem. A interação promovia a segurança e também a confiança em dias melhores.

De volta à minha casa, os espaços precisaram ser invisivelmente setorizados, tornando-se territórios de reabilitação de duas pessoas em processos distintos de recuperação. Ao refletir sobre a casa recordei-me da afirmação atribuída a Le Corbusier apreendida na faculdade há mais de vinte anos atrás. Segundo o autor a casa pode ser vista como uma “máquina de morar”⁶.

Sem aprofundar-me nas intenções do autor, naquele determinado momento e condição de saúde, tudo o que menos desejava seria habitar algo frio como uma máquina. Desejava o abrigo, a proteção e, sobretudo, o afeto que se trocava. Desejava o aconchego do lar, capaz de afastar o medo e a insegurança do momento. Como cita Maísa Velloso⁷ (2020) acerca das mudanças que são

⁶ Le Corbusier e os modernistas adotam o conceito da casa como “máquina de morar” pois segundo Brasileiro e Salles (2007) “...e é através dela e de seu perfeito e pleno funcionamento que a arquitetura modernista transforma espaços e espíritos...” demonstrando a preocupação com a funcionalidade e o atendimento de necessidades em consonância com a máxima modernista” A forma segue a Função”

⁷ VELLOSO, Maysa. Arquitetura e Enfrentamento de Pandemias no século XXI: Por um higienismo mais humanista. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, v. 5, n. 3, p. 203-205, 22 set. 2020.

esperadas nos ambientes, especialmente os residenciais e, por que não dizer, também os dedicados à saúde:

Mas o que talvez mais se necessite agora, sobretudo, é um pouco mais de humanismo. Temos que repensar esses espaços com urgência e, sobretudo, humanizá-los, o que significa torná-los mais saudáveis e seguros para a convivência e o bem estar das pessoas, serem menos dependentes de climatização artificial e, principalmente, se abrirem para as ruas, para a cidade, para a luz e para o sol. Sim, um novo higienismo se apresenta como tendência, mas que, desta feita, ele possa ir além das normatizações (que são necessárias, mas não suficientes, e isso a história nos ensina). Que possa ser mais humanitário, mais generoso e mais respeitoso, com as pessoas e com a natureza (VELLOSO, 2020 p. 205).

A casa, que já havia passado por ressignificação de espaços desde o início da Pandemia, passava por nova transformação precisando ser um ambiente híbrido entre o que se busca em um lar, porém dotado da funcionalidade hospitalar exigida para cumprir com o processo de tratamento da COVID-19 que mostrava-se lento. Dentre outros fatores, devido à perda muscular, os movimentos eram poucos e frágeis. Essencialmente por esta mobilidade restrita, os períodos em cada ambiente eram longos. Iniciava-se a maior permanência no quarto, ampliando-se para a sala e por último apropriando-se do *home office*. Essa apropriação por sua vez, também foi lenta e exigiu confiança.

Aproximar-se, ocupar e permanecer no ambiente significava, naquele processo, para além do uso propriamente dito, algo muito maior. Significa estar em condições físicas e também psicológicas e cognitivas de se obter o que o lugar poderia oferecer. Este diálogo silencioso que se estabeleceu, representou a cumplicidade pessoa-ambiente que encorajava a se perseverar na recuperação.

Na casa, diferente do hospital, a familiaridade com o ambiente por si mesma, é fator restaurador. No quarto, o local de descanso está ali como a te esperar e acomodar, assim como, na sala o mobiliário e os equipamentos audiovisuais garantem a distração e conforto, e no escritório domiciliar, os livros, amostras e equipamentos digitais estão prontos para expressar, por meio de sua organização e ordem, que a rotina com o tempo, se restabelece. Como é bom ter para o que se voltar. Ter inquietações para serem pesquisadas, projetos em andamento para serem acompanhados e sobretudo, coisas novas para se aprender. Pouco-a-pouco a melhora geral se manifestava e as relações com os ambientes-lugares iam se

revigorando, mostrando resiliência e perseverança. Tudo se acomodava lenta, porém gradualmente e a vida voltava a pulsar de significado e gratidão.

REFERÊNCIAS

KORPELA, M. K. Place-identity as a product of environmental self-regulation KM Korpela - **Journal of Environmental psychology**, 1989

MALLGRAVE H. F. Embodiment and enculturation: the future of architectural design. **Front. Psychol.** Vol 6, artigo 1398. 2015. doi: 10.3389/fpsyg.2015.01398

PROSHANSKY, R. H; FABBIAN, A; KAMINOFF, R. Place Identity: Physical World Socialization of the self. **Journal of Environmental Psychology**. 1983 vol. 3. P. 57-83. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272494483800218>>. Acessado em 01/03/2021.

TUAN, Y. Rootedness versus sense of place. **Landscape** 1980. Vol. 24, n.1. p.. 3-8. disponível em: <<https://rl.talis.com/3/stirling/items/3C2FE142-AE78-61F4-5C60-5A6961D4CE2B.html>>

ULRICH, R. S. (1984). View through a window may influence recovery from surgery. *Science*, 224, 420 – 421 .

VELLOSO, Maysa. Arquitetura e Enfrentamento de Pandemias no século XXI: Por um higienismo mais humanista. *Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente*, v. 5, n. 3, p. 203-205, 22 set. 2020.

APÊNDICE B – CONVITE ELETRÔNICO PARA DINÂMICA DE GRUPO

Oi, tudo bem?
Meu nome é Luize e gostaria de falar um
pouquinho com você sobre ambientes de
trabalho



Normalmente se pensa no local de trabalho
como um espaço para realizar atividades
profissionais e se obter o sustento.



É neste espaço que ocorrem as trocas mais
interessantes com os colegas.
Trocas que nos fazem crescer pessoal e
profissionalmente!



Como você imagina que deve ser um
espaço de trabalho?



Pensando neste assunto convidamos você a
participar da Pesquisa sobre Ambientes de
Trabalho Contemporâneos (parte da minha
pesquisa de Mestrado da UFSC)

Oba!!! Quando ?

Serão 02 sessões de 50min. cada nos dias
22.11 (segunda-feira) e 24.11 (quarta-feira)
ambas às 14:00hrs
modo on line

Sua participação é muito importante!!!

Curtiu a idéia?



Para garantir sua inscrição envie e-mail
para luize@arqlb.com.br informando seu
nome e telefone de contato.

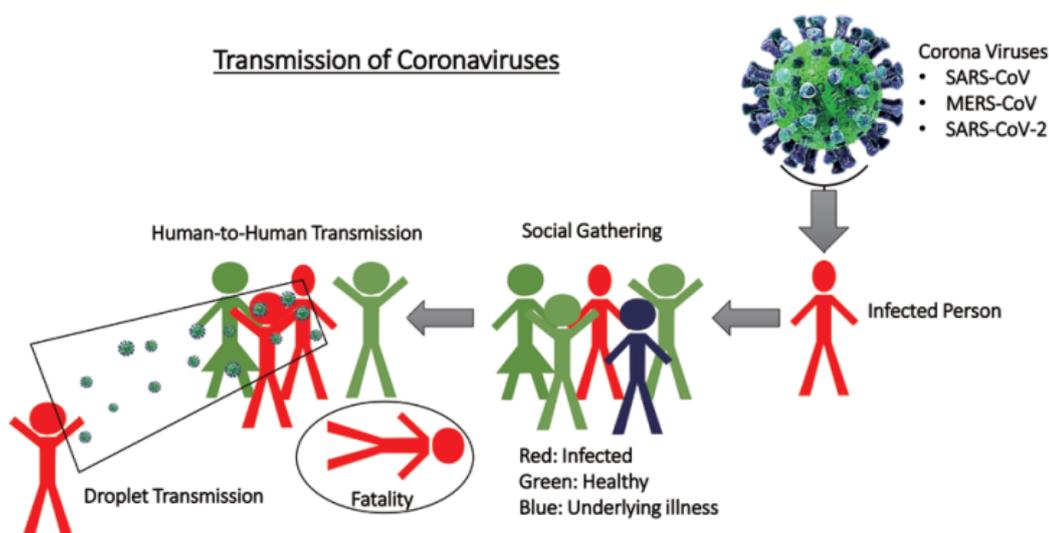
Enviaremos um termo de consentimento
você assina e pronto: está garantida sua
participação e só aguardar o link de
acesso à sala!

Aguardo seu e-mail e agradeço!!
Até mais!!!!

ANEXO I - SOBRE A PANDEMIA DA COVID-19

Inicialmente chamada de 2019-n-CoV, a infecção provocada pelo novo corona vírus (o Sars-Cov-2) recebeu o nome oficial de COVID-19 (uma abreviação proveniente da expressão em inglês *Corona Virus Disease*) em 11 de fevereiro de 2020. Os corona vírus são uma família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente, este tipo de vírus podem infectar pessoas, como exemplo do MERS-CoV e SARS-CoV. Porém em dezembro de 2019, houve a transmissão de uma nova Cepa do corona vírus (SARS-CoV-2), identificada inicialmente na cidade de Wuhan na China, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa¹.

Figura 01 A: Transmissão do Coronavírus



Fonte: S. Baloch et al. para TOHOKU JOURNAL OF EXPERIMENTAL MEDICINE.
Disponível em: The Coronavírus Disease 2019 (COVID-19) Pandemic-Coleção principal da Web of Science (capes.gov.br) Acessado em 30.01.2022

Tamanha foi a velocidade de propagação e contaminação pelo vírus mutante que em Março de 2020 a Organização Mundial de Saúde decretou estado de Pandemia que significa, segundo a própria Organização, “a disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que

¹ <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/sua-saude/informacoes-sobre-doencas/informacoes-coronavirus>.

afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa”².

A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com Baloch et al. (2020, p. 271)³:

A doença de coronavírus 2019 (COVID-19) surgiu por um novo coronavírus, agora conhecido como Coronavírus-2 da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2). O SARS-CoV-2 não é semelhante a outros coronavírus que geralmente se espalham em seres humanos causando resfriado comum. A COVID-19 é uma doença infecciosa respiratória aguda que é transmitido principalmente pelas vias respiratórias.

No Brasil o primeiro caso da COVID-19 foi identificado em fevereiro de 2020. Em março de 2021 começaram a chegar as primeiras 1.022.400 doses de vacina AstraZeneca/Oxford – fabricada pelo SK Bioscience, da Coreia do Sul, no Brasil por meio d Iniciativa COVAX.

Segundo a site da OPAS, o COVAX pode ser descrito como:

Um esforço global da Coalizão para Promoção de Inovações em prol da Preparação para Epidemias (CEPI), da Aliança Mundial para Vacinas e Imunização (Gavi), do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)” (<https://www.paho.org/pt/covax-americas>).

Com a vacinação, produto de inquestionável vitória da ciência sobre males que acometem a humanidade, a população mostrou-se mais resistente a nova variante do corona vírus, a ômicron, que em dezembro de 2021 fora detectada em mais de 26 países e já fazia 5 casos identificados no Brasil. Em janeiro deste ano (2022) sabia-se que a variante tinha um altíssimo grau de transmissibilidade parecendo priorizar as vias respiratórias superiores (nariz e garganta). Apesar do altíssimo grau de transmissibilidade- responsável por 90 % da população brasileira

² Fonte:[https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia#:~:text=Segundo%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%2C%20pandemia%20%C3%A9,sustentada%20de%20pessoa%20para%20pessoa](https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia#:~:text=Segundo%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%2C%20pandemia%20%C3%A9,sustentada%20de%20pessoa%20para%20pessoa;); <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/sua-saude/informacoes-sobre-doencas/informacoes-coronavirus>; <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>; <https://www.paho.org/pt/noticias/21-3-2021-brasil-recebera-primeiras-vacinas-contracovid-19-por-meio-do-mecanismo-covax>; <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2021-1/dezembro/variante-omicron-brasil-da-resposta-rapida-em-vigilancia-e-monitoramento-da-covid-19>;

³ BALOCH, Saira; BALOCH, Mohsin Ali; ZHENG, Tianli; PEI, Xiaofang. The Coronavirus Disease 2019 (COVID-19) Pandemic. *Tohoku J. Exp. Med.*, 2020, 250, 271-278

contaminada- pesquisadores acreditavam que esta nova variante teria menor grau de letalidade comparada à anterior- Delta- que vitimou milhares de pessoas no 1º semestre de 2021 sendo a mais letal do período.

A seguir, apresentaremos uma sequência de gráficos e quadros descritivos dos números de vítimas (fatais e recuperadas) que a Pandemia acometeu desde seu aparecimento até o mês final desta pesquisa, março de 2022.

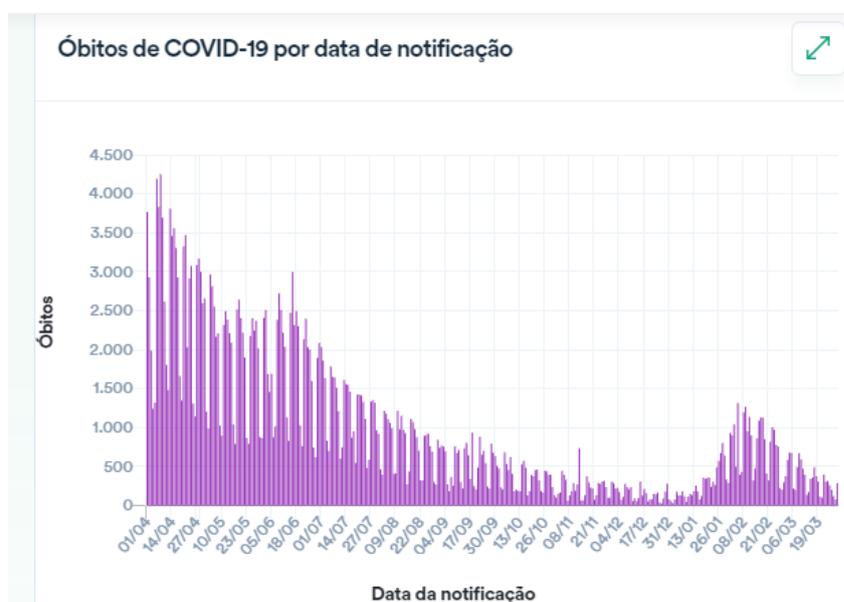
Figura 02A: Estatística Global dos Últimos 14 dias (março de 2022)

Local	Total de casos ↓	Novos casos (1 dia*)	Novos casos (últimos 60 dias)	Casos a cada um milhão de pessoas	Mortes
🌐 Global	482.325.063	1.424.337		62.029	6.127.440
🇺🇸 Estados Unidos	79.901.639	42.000		242.452	976.671
🇮🇳 Índia	43.021.982	1.259		31.621	521.070
🇧🇷 Brasil	29.857.641	7.901		141.280	659.227
🇫🇷 França	24.376.241	24.682		363.412	138.695
🇬🇧 Reino Unido	20.905.515	214.392		314.674	164.671

Fonte: <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>
Acessado em 29.03.2022

Figura 03 A: Gráfico de óbitos por corona vírus nos últimos doze meses no Brasil

CORONAVÍRUS // BRASIL



Fonte: <https://covid.saude.gov.br>
Acessado em 29.03.2022

Figura 04 A: Síntese de casos, óbitos, incidência e mortalidade - Por Região

Síntese de casos, óbitos, incidência e mortalidade Brasil

	Casos	Óbitos	Incidência/100mil hab.	Mortalidade/100mil hab
Brasil	29.882.397	659.241	14219,8	313,7
Centro-Oeste	3.208.764	62.880	19689,2	385,8
Sul	6.351.493	103.583	21188,6	345,6
Norte	2.467.981	49.812	13390,4	270,3
Nordeste	6.170.909	127.896	10812,6	224,1
Sudeste	11.683.250	315.070	13220,6	356,5

Fonte: <https://covid.saude.gov.br>
Acessado em 29.03.2022

Figura 05A: Síntese de casos, óbitos, incidência e mortalidade- Região Sul Brasil.

	Casos	Óbitos	Incidência/100mil hab.	Mortalidade/100mil hab
Sul	6.351.493	103.583	21188,6	345,6
PR	2.410.872	42.912	21085,2	375,3
RS	2.267.464	39.015	19929,8	342,9
SC	1.673.157	21.656	23352,5	302,3

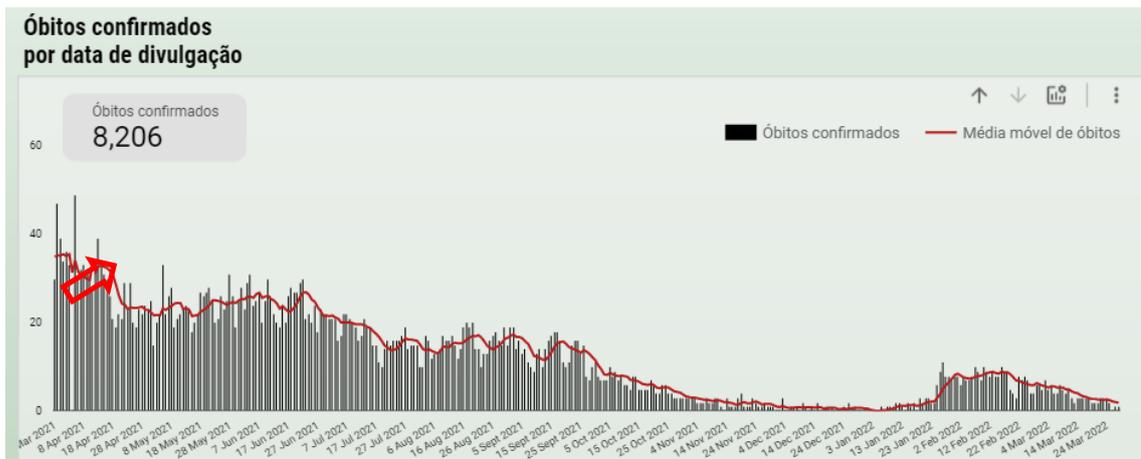
Fonte: <https://covid.saude.gov.br>
Acessado em 29.03.2022

Figura 06 A: Número de Casos na Cidade de Curitiba (Residência da pesquisadora)

Fonte: <https://coronavirus.curitiba.pr.gov.br/#numerosCovid>.
Acessado em 29.03.2022

A seta inclusa na figura 07A indica a alta taxa de mortalidade no período de março a abril de 2021, período em que a pesquisadora contraiu a doença e cujas reflexões encontram-se no Apêndice A- Momento II. Na figura 8A, temos o número total de vacinados no Brasil.

Figura 07 A: Número de óbitos na cidade de Curitiba (Residência da pesquisadora)



Fonte: <https://coronavirus.curitiba.pr.gov.br/#numerosCovid>.
Acessado em 29.03.2022

Figura 08A: Número de Habitantes Vacinados no Brasil até março de 2022



FONTE: https://www.google.com/search?q=popula%C3%A7%C3%A3o+vacinada+no+Brasil&rlz=1C1GCEA_enBR887BR887&oq=popula%C3%A7%C3%A3o+vacinada+no+Brasil&aqs=chrome..69i57j0i22i30l7j0i271.6383j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8
Acessado em 29.03.2022